

O Reino

Espiritual

de Cristo

Uma Defesa do

Amilenismo

Reformado

Prof. David J. Engelsma

O Reino Espiritual de Cristo: Uma Defesa do Amilenismo *Reformado*

David J. Engelsma

The Reformed Witness

Redlands, Califórnia

Prefácio

Originalmente, este livro era uma série de artigos editoriais no *Standard Bearer* [Correio Padrão], uma revista reformada quinzenal associada às *Protestant Reformed Churches in America* [Igrejas Protestantes Reformadas da América]. Isso explica o estilo, algumas referências no livro e o desenvolvimento do tema. Isso também explica o formato. O artigo “Sonhos Judaicos” (capítulo 2 do livro) trouxe fogo de oponentes de peso. Depois de responder diretamente aos críticos (capítulos 3-6), eu iniciei uma defesa do amilenismo reformado, a qual considerou as acusações dos inimigos e explicou os textos bíblicos que são fundamentais para a controvérsia (capítulos 7-19). Os últimos três capítulos, sobre o preterismo, vieram a ser por causa de uma pergunta de uma pessoa que havia lido a defesa do amilenismo e também por conta de cartas afiadas de dois campeões notáveis do Cristianismo Reconstrucionista Pós-milenista.

O tema do livro é escatologia – a doutrina bíblica das últimas coisas.

Eu defendo como verdade reformada e bíblica a visão do fim conhecida como amilenismo. Negativamente, isso significa que não haverá um reino terreno de Cristo durante mil anos literais antes de um retorno corpóreo de Jesus Cristo e a Sua criação dos novos céus e nova terra. Positivamente, isso significa que o reino Messiânico de paz e prosperidade é espiritual, sendo apresentado no Evangelho.

A seriedade da controvérsia sobre o milênio se dá porque a natureza do Evangelho está em jogo. Como fica evidente pelos primeiros dois capítulos e pelos três últimos do livro, a esperança cristã também está em jogo.

Somente isso torna este pequeno trabalho uma “voz clamando no deserto.” Uma defesa vigorosa do amilenismo (reformado) como sendo a verdade real de Deus sobre os últimos tempos contra o pré-milenismo e o pós-milenismo é algo raro hoje em dia.

O propósito específico do livro é defender o amilenismo contra o ataque violento sobre o mesmo dentro das igrejas reformadas e presbiterianas pelo movimento pós-milenista ardente que se intitula “Cristianismo Reconstrucionista”, e que se orgulha da sua teologia de “domínio”.

Como é necessariamente o caso com qualquer apologia genuína da fé, esta defesa não é somente defensiva. Ela toma a ofensiva. Ela tem um alvo mortal no grave erro do pós-milenismo que se encontra no coração da “teologia do domínio”. Ao fazer isso, ela oferece exegeses das passagens que são fundamentais ao Cristianismo Reconstrucionista. Isaías 65, Mateus 24, II Tessalonicenses 2 e Apocalipse 20.

A Protestant Reformed Church [Igreja Protestante Reformada] de Redlands, CA tomou pra si a publicação dessa obra com a convicção de que será útil para se defender e promover a fé reformada, a qual tem como fundamental uma doutrina sã acerca das últimas coisas. Que Deus assim permita.

Prof. David J. Engelsma

Protestant Reformed Seminary [Seminário Protestante Reformado]

Grandville, MI USA

Junho de 2001

Índice

Prefácio	<i>i</i>	
1	Uma Esperança dos Santos	1
2	“Sonhos Judaicos”	9
3	Uma Carta e uma Resposta sobre os “Sonhos Judaicos”	17
4	Outra Carta e Resposta sobre os “Sonhos Judaicos”	28
5	Uma Carta Aberta para Gary North	46
6	Uma Carta Aberta para Gary North (conclusão)	54
7	Uma Defesa do Amilenismo (Reformado)	64
8	Apocalipse 20	72
9	Apostasia e Perseguição	81
10	Mateus 24	89
11	Mateus 24 (continuação)	96
12	Mateus 24 (continuação)	101
13	Mateus 24 (conclusão)	108
14	Aquelas Gloriosas Promessas nas Profecias do Antigo Testamento	114
15	Uma Interpretação Espiritual de Isaías 65:17 e dos Versículos Seguintes	125
16	Um Cumprimento Espiritual de Isaías 65:17 e dos Versículos Seguintes	135
17	Um Cumprimento Espiritual de Isaías 65:17 e dos Versículos Seguintes (conclusão)	140
18	A Vitória de Cristo na História	147

19	A Vitória de Cristo na História (conclusão)	154
20	Uma Pergunta Oportuna sobre o Preterismo	162
21	O Preterismo do Cristianismo Reconstrucionista	174
22	O Preterismo do Cristianismo Reconstrucionista (conclusão)	189

Marca Registrada, 2001. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro poderá ser usada ou reimpressa sem a autorização da editora, exceto em caso de citação breve em conexão com um artigo crítico ou revisão.

Para informações adicionais, procure *The Reformed Witness*, 1307 E. Brockton Avenue, Redlands, CA 92374

Número do Cartão no Catálogo da Livraria do Congresso

2001119920

ISBN 0-9716592-0-6

LC

Dewey

BT891.C87

236.319

Para informações cristãs reformadas adicionais, contate *The Reformed Witness* [A Testemunha Reformada] pelo número 909-792-6776

Ou mande um e-mail para

thereformedwitness@hopeprc.org

Uma Esperança dos Santos



Não *a* esperança dos santos.

A esperança dos santos é a ressurreição dos seus corpos no dia de Cristo. As Escrituras Sagradas insistentemente direcionam a expectativa dos crentes para esse futuro glorioso: “a trombeta soará, os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados.” (I Co. 15:52).

Mas *uma* esperança dos santos.

Ela é, com toda a certeza, um bem menor que a ressurreição do corpo, mas se trata de um bem real no fim das contas. Reconhecidamente, não é o maior desejo do filho de Deus, mas, ainda assim, um desejo.

Essa é a esperança de uma vida e glória conscientes com Cristo no céu quando do momento da morte. Nas palavras da confissão reformada, “depois desta vida minha alma será imediatamente levada para Cristo, seu Cabeça” (Catecismo de Heidelberg, p. 57).

A teologia chama essa obra salvadora – Daquele que é a ressurreição e a vida de cada um dos seus que morrem – de “estado intermediário” ou de “escatologia individual”. Estar com Cristo, em alma, é a casa-vida de um santo eleito após a morte e

antes da ressurreição. É o início para cada crente, de forma pessoal, do futuro glorioso que está se apressando para a igreja e toda a criação na vinda de Jesus Cristo, o Senhor.

No corpo, nós morremos. No corpo, somos colocados na sepultura. No corpo, nós dormimos até que a voz do nosso Salvador e Senhor nos desperte, ressuscitando o nosso corpo.

Na alma, entretanto, nós estamos vivos. Na alma, estamos com Cristo no céu. Na alma, estamos grandemente despertos para o amor de Deus em Cristo e para os esplendores do céu.

Embora não seja a nossa esperança primária, a expectativa de uma vida abençoada com Cristo na morte é uma esperança distinta, ainda que secundária. Ela é tão urgente para nós tal como a morte é uma possibilidade real a nós. Este ano novo trará morte para alguns de nós. Ele levará muitos de nós que amamos para a sepultura. Alguns morreram no ano passado. Foi um conforto para eles que, na hora de morrerem, estariam com Cristo, como também serviu de força para os seus entes queridos e irmãos na fé.

A Igreja Católica Romana sempre reconheceu a importância deste aspecto da esperança oferecida pelo Evangelho Protestante da graça. Roma, por sua vez, amaldiçoa todos aqueles que ensinam que “não haja sequer um débito de punição temporal a ser realizada neste mundo ou no próximo, no purgatório, antes que a entrada para o reino do céu seja aberta” (Cânon 30, “Sobre a Justificação”, “Cânones e Decretos do Concílio de Trento”).

A explicação da esperança de se estar com Cristo na hora da morte não reside na bondade natural e na imortalidade

inerente da alma humana. Certamente não é a bondade natural e a vida da alma em contraste com uma maldade intrínseca e corruptibilidade do corpo que explica isso. A evidência é que a alma do descrente réprobo não vive de maneira alguma após a morte. Espiritualmente depravado e morto durante a vida terrena de descrente, aquela alma morre eternamente nos tormentos do inferno imediatamente depois da morte física (Lucas 16:19-31). Ela existe para sempre, mas não é imortal.

Mesmo a alma do crente não voa naturalmente para o céu no momento da morte, como se fosse libertada agora da prisão de um corpo maligno. De fato, a alma do crente se esforça para manter a sua conexão misteriosamente íntima com o corpo até o instante da morte. Deus criou o homem como uma unidade de alma e corpo. A violenta contorção no homem é o aspecto da morte do qual todos tremem. Mesmo o apóstolo, que podia escrever em Filipenses 1:23 que ele preferia partir na morte ao invés de habitar na carne, admitiu, “não por querermos ser despidos” (2 Co 5:4). Ninguém gosta da morte. “Doce morte” é uma mentira. Para a alma do cristão, o corpo não é uma prisão miserável da qual se deva escapar, mas uma casa querida e familiar à qual ele se liga. Não, as almas dos santos não voam natural e facilmente.

Além disso, a alma, embora conheça a nova vida do coração regenerado, está adaptada para a vida terrena.

No mais, ainda há o fato de que a alma do cristão é pecaminosa. Quanto à alma assim como quanto ao corpo, é verdade que existe nesta vida apenas um pequeno começo de uma

nova obediência. Almas pecaminosas não saem voando naturalmente para o céu.

A explicação de um cristão estar com Cristo na alma dele ou dela imediatamente ao morrer é a ressurreição. Cristo Jesus ressuscita aquele que dormiu Nele, e ressuscita *na alma dele ou dela*. No instante da morte do crente, Cristo, pelo Seu Espírito, limpa perfeitamente a alma – que, como o corpo, estava maculada com pecado – de sua poluição. O Catecismo de Heidelberg descreve isso como a “abolição do pecado” (p. 42). Ademais, o Espírito de Cristo renova a alma, a qual é inteiramente terrena, a fim de que esteja adaptada para viver a vida celestial. Cristo transforma a alma para que seja feita como a Sua alma gloriosa. Ele transporta o crente, em sua alma, para a vida e a glória celestiais.

O Catecismo de Heidelberg expressa este estado intermediário como o início, o primeiro estágio, da ressurreição final do cristão, quando, sob a rubrica da ressurreição, ensina que a “minha alma... será imediatamente *levada* para Cristo, Seu Cabeça” (P. 57). A minha alma não irá voar naturalmente para “mundos desconhecidos”. Ela será “levada”. Ela será levada para Cristo. Ela será levada em uma obra de ressurreição. Definitivamente, os anjos transportadores irão desempenhar um papel de menor importância.

Eu acredito na ressurreição da alma, exatamente como eu acredito na ressurreição do corpo.

A Escritura descreve explicitamente a Salvação do pecador em sua alma na hora da morte como sendo ressurreição. No tocante aos vivos e que reinam com Cristo no céu, as almas dos

mártires, é dito que esta é a “primeira ressurreição” (Ap 20:4-5). A segunda ressurreição será o levantamento dos seus corpos no momento do juízo final.

Esta é a esperança legítima, e secundária, do crente.

Não é uma noção tola e falsa da filosofia grega que foi introduzida na fé das igrejas reformadas. Essa é a acusação que está sendo feita. No presente, existe uma campanha nos círculos reformados para desmerecer a esperança, a esperança que vem dos credos, do estado intermediário tal qual se está expondo aqui. O pregador holandês e reformado, B. Telder, escreveu que está completamente errada a crença de que os filhos de Deus vão para o céu quando morrem. Essa crença vem do dualismo da filosofia grega, que encarava o homem como sendo composto de duas partes, uma alma imortal e a sua prisão vil, o corpo. A verdade, diz Telder falando pelo movimento, é que a morte é total para o cristão. O homem ou a mulher por inteiro está completamente na sepultura. Não existe qualquer tipo de vida com Cristo imediatamente depois desta vida. A ressurreição do corpo é a *única* esperança do crente (para mais detalhes, veja B. Telder, *Sterven ... en Dan? Gaan de Kinderen Gods, wanneer Zij Sterven, naar de Hemel?*, Kampen, Kok, 1960; a tradução disso seria *Morte ... e então O Quê? Será que os Filhos de Deus Vão para o Céu Quando Eles Morrem?*).

A crença de que os filhos de Deus vão para o céu quando eles morrem não deriva da filosofia grega.

Pelo contrário, a incredulidade nos círculos reformados sobre a esperança do crente de estar com Cristo após a morte é

que deriva da filosofia antibíblica holandesa, a filosofia mortal e perigosa dos pensadores reformados Dooyeweerd e Vollenhoven.

Quem quer que desafie essa descrição dessa filosofia será convidado para discutir comigo as doutrinas e o que ocorre de fato na base física central da filosofia dooyeweerdiana, o Instituto Cristão de Estudos em Toronto, Canadá. Nós começaremos com a introdução pomposa do professor H. Hart ao recente livro do homossexual Pim Pronk, *Contra a Natureza? Tipos de Argumentação Moral sobre a Homossexualidade* (Grand Rapids: Eerdmans, 1993).

A esperança de ida ao céu quando morremos vem de Cristo e dos Seus apóstolos. Cristo disse ao malfeitor que estava para morrer e que confiou Nele nos últimos momentos da sua outrora vida maligna que, “ Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso” (Lucas 23:43).

O apóstolo de Cristo escreveu para cada um de nós que, na presente aflição, está olhando para as coisas que são invisíveis e eternas, pois se a nossa casa terrena for dissolvida, nós temos, naquele instante, uma casa nos céus. Agora em casa no corpo, estamos ausentes do Senhor. Quando o momento chegar em que estaremos ausentes do corpo (condição estranha e insatisfatória!), nós estaremos presentes com o Senhor. E, verdade seja dita, podemos achar em nós mesmos que preferimos isso (2 Co 4:14-5:10)

Esta mensagem de esperança é clara e incontroversamente chamativa. É grotesca a interpretação que ache necessário desfazer essa mensagem confortadora, quer seja

a exegese católica romana que requer as almas dos santos no purgatório, quer seja a exegese reformada holandesa que requer as almas dos santos nas trevas e morte da sepultura.

Estar com Cristo imediatamente após esta vida é uma mensagem de esperança que está fundamentada na ressurreição do Cristo crucificado.

A morte foi vencida para aqueles que estão em Cristo.

No corpo, nós meramente dormimos.

Na alma, nós começamos a viver a vida eterna.

Nada será capaz de nos separar do amor de Cristo.

Nem mesmo a morte. □

“Sonhos Judaicos”



A esperança da igreja reformada e do crente no começo do ano novo é a segunda vinda de Cristo e a ressurreição do corpo. *Uma* esperança é a ressurreição da alma na hora da morte do crente. A esperança é o retorno de Cristo e a ressurreição do corpo.

A Palavra de Deus torna esta a esperança da igreja. A “manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus” é a nossa “bendita esperança” (Tito 2:13). “Gememos em nosso íntimo, aguardando a adoção de filhos, a redenção do nosso corpo” (Rm 8:23). A oração dos santos é, “Vem, Senhor Jesus!” (Ap 22:20).

Não faz parte da esperança da igreja que a maior parte da humanidade se converterá em breve: que a igreja irá, então, dominar fisicamente o mundo; que todas as nações serão “cristianizadas”; e que uma “era de ouro” de paz terrena e prosperidade irá preceder a vinda do Senhor Jesus.

Essa é a esperança de alguns nos círculos reformados e presbiterianos. Alguns professores promovem essa esperança de forma agressiva, particularmente aqueles associados com um movimento conhecido como Cristianismo Reconstrucionista ou “teonomia”. A igreja irá gozar de domínio terreno. Esse domínio futuro – a “cristianização” do mundo – será o reino Messiânico.

Essa doutrina das últimas coisas pensa se basear no ensino de Apocalipse 20 sobre os “mil anos” (Latim: *millenium*), e, por causa disso, é comumente referida como pós-milenismo. Jesus Cristo somente retornará após mil anos nos quais a igreja possui vitória terrena, e o reino de Cristo seja o poder político global.

A esperança do pós-milenismo, particularmente no formato do Cristianismo Reconstrucionista é um “sonho judaico”. Esse foi o julgamento expresso de um dos primeiros credos reformados, a Segunda Confissão Helvética (1566 d.C.):

“Nós condenamos, além disso, os sonhos judaicos de que haverá uma era dourada na terra antes do Dia do Juízo, e que os piedosos, tendo subjugado todos os seus inimigos ímpios, entrarão na posse de todos os reinos da terra. Pois a verdade evangélica em Mat., caps. 24 e 25, e Lucas, cap. 18, e o ensino apostólico em II Tes., cap. 2, e II Tim., caps. 3 e 4, apresentam coisa inteiramente diversa” (Cap. 11, [traduzido a partir de] *Confissões Reformadas do Século 16*, ed. Arthur C. Cochrane, Westminster Press, 1966).

O reino carnal do pós-milenismo, particularmente delineado pelo Cristianismo Reconstrucionista, é exatamente o tipo de reino Messiânico sonhado e desejado pelos judeus nos dias do ministério terreno de Cristo. Isso era o que os judeus de João 6 queriam: Cristo, como o rei de um reino terreno, e de um futuro temporal e brilhante, com vistas a uma glória política e terrena.

O julgamento condenatório sobre o pós-milenismo pela Segunda Confissão Helvética refletiu a teologia dos primeiros reformadores, Lutero e Calvino, assim como de Bullinger, autor do credo. Ainda mais importante é a posição das confissões que regem igrejas e cristãos reformados e presbiterianos de hoje.

Eu deixo àqueles a cujos credos estão submetidos que demonstrem que os Símbolos de Westminster abolem o sonho ilusório do pós-milenismo. Contudo, é possível perceber que o teólogo anglicano Peter Toon escreveu que os pós-milenistas na Assembleia de Westminster falharam em “influenciar os termos finais da Confissão de Fé (de Westminster), a qual dá a impressão de seguir o ensino agostiniano” (“Escatologia Puritana: 1600-1648,” em *The Manifold Grace of God [A Multifome Graça de Deus]*, Conferência de Estudos Puritanos e Reformados, 1968, p. 50). É certamente significativo que, imediatamente após a adoção da Confissão de Westminster, os independentes desenharam o seu próprio credo, a Declaração de Savoy de 1658, na qual eles afirmaram explicitamente a sua esperança pós-milenista:

“... nós esperamos que, nos últimos dias, quando o Anticristo for destruído, os judeus forem chamados, e os adversários do reino do seu Filho amado quebrados, as igrejas de Cristo sendo aumentadas e edificadas por uma livre e abundante outorga de luz e graça, hão de gozar neste mundo uma condição mais tranquila, pacífica e gloriosa do que jamais tiveram experimentado.” (veja a Declaração de Savoy, 26.5, em P. Schaff, *Credos da*

Cristandade, vol. 3, Baker, edição reimpressa, 1966, p. 723).

As “Três Formas de Unidade” condenam a esperança do pós-milenismo. A igreja do fim dos tempos será uma igreja perseguida, não uma igreja triunfalista (Catecismo de Heidelberg, P. 52; Confissão Belga, Art. 37). O reino Messiânico na história é a igreja, não um mundo “cristianizado” (Catecismo de Heidelberg, P. 123; Confissão Belga, Art. 27).

Por essa razão, trata-se de infidelidade da parte dos oficiais submetidos às “Três Formas de Unidade” quando eles permitem a defesa do sonho pós-milenista nas igrejas pelas quais são responsáveis. Existe essa abertura ao pós-milenismo nas igrejas que recentemente se separaram da *Christian Reformed Church* [Igreja Cristã Reformada], e que se organizaram como *United Reformed Churches* (URC) [Igrejas Reformadas Unidas]. Existe essa abertura a esses “sonhos judaicos” no formato extremamente furioso do Cristianismo Reconstrucionista. Quando a URC – na época chamada de Aliança das Igrejas Reformadas – estava trabalhando em prol de uma organização, os líderes da Aliança deram o privilégio de esboço de uma base hermenêutica para uma nova série de credos (incluindo a noção reconstrucionista) a um importante teórico e proponente do Cristianismo Reconstrucionista, o Drº Greg L. Bahnsen. Depois da sua organização como URC, essas igrejas aceitaram em sua membresia um ministro que lhes disse em seu exame público que ele era e pretendia ser um cristão reconstrucionista pós-milenista.

Portanto, essas e outras igrejas conservadoras reformadas e presbiterianas que, de semelhante modo, toleram ou

até mesmo recebem de braços abertos os defensores do Cristianismo Reconstrucionista Pós-milenista em seus ministérios e membresia, abrem-se para fantasias do milênio. Os santos reformados nessas igrejas fazem bem em se resguardarem de loucas aventuras escatológicas, das quais o experimento na cidade de Tyler, no estado do Texas, que envolveu muitos dos cristãos reconstrucionistas renomados, e, ainda, a loucura do Y2K promovida por Gary North e os seus seguidores reconstrucionistas são apenas o começo.

As consequências serão prejudiciais, senão desastrosas.

Os “Sonhos Judaicos” do pós-milenismo produzem pesadelos práticos.

Eles retiram a esperança da igreja sobre a vinda de Cristo e a ressurreição do corpo. Isso porque eles direcionam a esperança para a era de ouro e o reino carnal. Assim como a “esperança abençoada” do pré-milenismo dispensacionalista é o arrebatamento terreno, do mesmo modo, a “esperança abençoada” do pós-milenismo é o reino de Cristo como o poder mundial terreno. Nós gememos pela redenção do corpo (Rm. 8:23); o pós-milenista comprometido geme, se é que ele geme, pelo reinado do milênio.

O pós-milenista e cristão reconstrucionista David Chilton nos informa com alegria que a história tem “dezenas de milhares, talvez centenas de milhares de anos de crescimento da piedade no porvir, antes da Segunda Vinda de Cristo” (*Paraíso Restaurado*, Reconstruction Press, 1985, pp. 221. 222). O fato de Cristo não vir por centenas de milhares de anos não entristece esse pós-milenista nem um pouco. Certamente, isso causa júbilo em seu coração,

porque a vinda de Cristo não é a sua esperança, mas sim o reino carnal.

Em alguns locais, o pós-milenismo leva a uma passividade onde deveria existir atividade vigorosa. Alguns pós-milenistas nas Ilhas Britânicas estão contentes em permitirem que o Estado secular eduque os seus filhos do pacto em vez de cumprirem a demanda pactual de criarem escolas cristãs. A razão disso é que, no reino do milênio que está chegando, o Estado será cristão, até mesmo presbiteriano. Nesse momento, ele dará instrução cristã nas escolas.

Outros pós-milenistas, particularmente os cristãos reconstrucionistas, fazem coro por uma atividade antibíblica. Eles chamam a igreja para “cristianizar” o mundo, uma tarefa que a Sagrada Escritura não prescreve em lugar algum, nem para a igreja, nem para o crente. Cristo chama a Sua igreja para se guardar de se tornar mundana; Ele não a chama para tornar o mundo cristão.

Esse autosserviço de Cristo – uma lei do homem colocada sobre a igreja de Cristo (que podemos chamar de “antroponomia”, “lei humana”) – gera, inevitavelmente, um outro mal de grande monta. Homens e igrejas reformados fazem, a todo custo, alianças estranhas, proibidas e ímpias a fim de estabelecerem o reino terreno de Cristo. Os cristãos reconstrucionistas, por exemplo, estão cooperando com os carismáticos para terem domínio. Portanto, é claro, esses homens e essas igrejas reformados estão expostos à teologia e às práticas do neo-pentecostalismo. É como se Lutero tivesse pedido a ajuda de “profetas celestiais” com a finalidade de promover o avanço da Reforma.

O ramo pós-milenista do Cristianismo Reconstrucionista introduz uma grande heresia de judaizar os círculos em que é

aceito. Essa é a imposição sobre os cristãos do Novo Testamento de uma vasta gama de leis do Antigo Testamento que, de acordo com o Artigo 25 da Confissão Belga, foram cumpridas em Cristo, de modo que “o seu uso deve ser abolido entre os cristãos”. No reino do milênio futuro, o Estado cristão irá editar todas as leis civis, ou judiciais pelas quais o Senhor governou o Israel do Antigo Testamento. Presume-se que a obediência a essas leis serão de novo um tema de consciência para o crente reformado. O leitor interessado está convidado a ler o Antigo Testamento para descobrir o número de leis, preceitos, estatutos e regulações com os quais a consciência do crente reformado será atribulada no glorioso reino Messiânico do Cristianismo Reconstrucionista.

O grande e óbvio erro do Cristianismo Reconstrucionista que resulta em tal servidão, assim como em inumeráveis e caros tomos de instrução e controvérsia sobre essa “utopia” reformada – esse “lugar-nenhum”, essa “terra do nunca” – é a falha de se entender que o cumprimento do Israel do Antigo Testamento não é um poder mundial e cristão que seja futuro e terreno, mas sim a igreja. O cumprimento do Israel do Antigo Testamento *como uma nação* é a igreja – a igreja espiritual e presente. O apóstolo de Cristo ensina isso em 1 Pedro 2:9: “Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus.”

A realidade do Novo Testamento da nação de Israel, o reinado real de Deus no mundo, não legisla e nem executa as leis civis do Antigo Testamento. Ela não possui uso para as leis civis da nação-sombra. Pois a igreja é um reino espiritual. Por exemplo, ela não coloca adúlteros e homossexuais à morte. Onde quer que haja prática pública e impenitente desses pecados, a igreja exercita disciplina, a qual é uma chave espiritual do reino do céu. O

propósito dela é o arrependimento do pecador, a fim de que ela possa recebê-lo novamente em sua comunhão.

Longe de ser o menor dos males práticos do pós-milenismo, encontra-se o fato de que ele desprepara o povo de Deus para a batalha que está por vir, logo antes do retorno do Senhor. O pós-milenismo nega um anticristo futuro e uma grande tribulação para a igreja verdadeira. Tudo isso está no passado. O futuro é belo.

Mas, conforme a Segunda Confissão Helvética observou, “a verdade evangélica em Mat., caps. 24 e 25, e Lucas, cap. 18, e o ensino apostólico em II Tes., cap. 2, e II Tim., caps. 3 e 4, apresentam coisa inteiramente diversa.”

Como uma denominação confessional, bíblica e reformada, as *Protestant Reformed Churches* [Igrejas Protestantes Reformadas] não estão abertas ao pós-milenismo. É o seu dever solene por causa da breve vinda de Cristo o de expor as esperanças do pós-milenismo como “sonhos judaicos”.

Nós alertamos com urgência os nossos membros e todos aqueles que irão nos ouvir que o reino da besta irá surgir. Certamente, ele está vindo agora. As suas feições são caracterizadas por uma sociedade sem lei, uma igreja apóstata e um mundo com nações cada vez mais unidas.

Ao invés de se iludirem com “sonhos judaicos”, os cristãos reformados e os seus filhos devem encarar a séria realidade cristã.

Esteja preparado para o anticristo!

Espere pela segunda vinda de Cristo!

Espere *somente* pela segunda vinda de Cristo! □

Uma Carta e uma Resposta sobre os “Sonhos Judaicos”

Três
capítulo

O artigo editorial publicado no *Standard Bearer* [Correio Padrão] levantou a espada contra o pós-milenismo. Em particular, ele lutou contra a forma que esse erro acerca das últimas coisas tomou no movimento moderno conhecido como Cristianismo Reconstrucionista. Ele chamou a visão e a agenda desse movimento para o futuro terreno de “sonhos judaicos”. A referência diz respeito às esperanças ilusórias de um reino carnal alimentadas pelos judeus do tempo de Jesus, conforme essas esperanças se evidenciam em João 6.

A expressão “Sonhos Judaicos” é emprestada da Segunda Confissão Helvética (1566 d.C.). Em sua época, essa foi uma das confissões reformadas mais influentes. Philip Schaff comenta sobre ela dizendo que “é a... mais universal dentre as confissões suíças... Ela foi adotada, ou pelo menos aprovada, por quase todas as igrejas reformadas no continente, na Inglaterra e na Escócia” (*Chreeds of Christendom* [Credos da Cristandade], vol. 3, Baker, reimpressa, 1983, p. 233). Em seu tratamento da escatologia (a doutrina das últimas coisas), esse credo reformado declarou:

“Nós condenamos, além disso, os sonhos judaicos de que haverá uma era dourada na terra antes do Dia do Juízo, e que os piedosos, tendo subjogado todos os seus inimigos ímpios, entrarão na posse de todos os reinos da terra. Pois a verdade evangélica em Mat., caps. 24 e 25, e Lucas, cap. 18, e o ensino apostólico em II Tes., cap. 2, e II Tim., caps. 3 e 4, apresentam coisa inteiramente diversa.”

Nessas palavras, esse credo expressou a visão não só de Bullinger, o seu autor, mas também de Calvino e, certamente, de todas as igrejas reformadas. A fé reformada no século XVI condenou o pós-milenismo. Ela denunciou o pós-milenismo como “Sonhos Judaicos”.

As “Três Formas de Unidade”, e as *Protestant Reformed Churches* [Igrejas Protestantes Reformadas] em consonância com tais confissões reformadas, mantêm a aderência reformada ao amilenismo, assim como a condenação reformada sobre o pós-milenismo, especialmente em seu formato de Cristianismo Reconstrucionista.

A esse artigo, veio uma carta de objeção. Em parte por causa da extensão da carta e da resposta, e em parte pelo fato da carta começar com aspectos significativos sobre um assunto que é de importância vital para as igrejas presbiterianas e reformadas de hoje, eu decidi transcrever tanto a carta como a minha resposta para ela.

Carta

“O seu artigo ‘Sonhos Judaicos’ foi um ataque bastante forte contra aqueles que aderem a uma Igreja de Cristo vitoriosa no mundo – incluindo os signatários da Declaração de Savoy, que foi de autoria especial daquele estúpido sonhador judaico, o Drº John Owen.

De qualquer modo, eu penso que o senhor possui o dever de citar outra parte da Segunda Confissão Helvética para os seus leitores, isto é, o capítulo 30 (“Do Magistrado”), que diz assim:

‘...(o magistrado) irá extirpar as mentiras e toda a superstição, juntamente com toda impiedade e idolatria, e defenderá a Igreja de Deus. Certamente, nós ensinamos que o cuidado da religião pertence especialmente ao santo magistrado.

Tenha ele, pois, em suas mãos a Palavra de Deus, tomando cuidado de que não se ensine nada contrário à mesma. De semelhante modo, que ele governe o povo confiado por Deus a ele, por meio de boas leis, elaboradas segundo a Palavra de Deus em suas mãos, buscando que nada seja ensinado contrário a ela... Portanto, que ele desembainhe a espada de Deus contra todos os malfeitores, pessoas sediciosas, ladrões, assassinos,

opressores, blasfemadores, mentirosos, e contra todos aqueles a quem Deus lhe ordenou punir ou até mesmo executar. Que ele suprima os hereges (que verdadeiramente são hereges), que não cessam de blasfemar contra a majestade de Deus, e de perturbar a Igreja, até mesmo com a finalidade de destruí-la.’

Se por um lado a Segunda Confissão Helvética realmente condena uma suposta escatologia pós-milenista tal qual o senhor afirma (aliás, o senhor não citou a referência da sua citação da Confissão), por outro ela certamente ensina uma suposta ética teonômica para o governo civil. Seria possível que o autor, Heinrich Bullinger, realmente acreditasse que o governo civil poderia ser cristão na sua teologia e na sua ética – pelo que, de fato, um ‘pós-milenista’ ora e se esforça (Sl. 2:6-9; Is. 2:1-4; Miq. 4:1-8; Mt. 28:18-20)?

(Rev.) N. N.

[Cidade de] Pierre, [Estado Norte-Americano da] Dakota do Sul

Resposta

“‘Estúpido’ é sua palavra e sugestão, absolutamente não a minha. Os pós-milenistas do passado e do presente que eu tenho em mente foram e são muitas coisas. ‘Estúpidos’ não é uma delas.

Eu não desqualifiquei os pós-milenistas. Eu condenei o pós-milenismo. Há uma diferença.

Tampouco John Owen era um “sonhador judaico”. John Owen era um teólogo presbiteriano piedoso e ortodoxo que, ainda assim, se perdeu seriamente em sua caminhada na escatologia (pós-milenismo) e na eclesiologia (independência). Ele não era um “sonhador judaico”, mas o seu erro escatológico era um “Sonho Judaico”.

O apóstolo Pedro não era um legalista judaico, mas o seu pecado em Antioquia (Gl. 2:11-14) foi um grave legalismo judaico colocado em prática.

A Segunda Confissão Helvética condena sim a escatologia pós-milenista. Ela denuncia isso na citação que eu forneci em sua inteireza e de forma exata. Ela condena isso em sua linguagem que aparenta ter sido deliberadamente criada de forma precisa para descrever a sua variação na presente era do pós-milenismo conhecido como Cristianismo Reconstrucionista:

“que haverá uma idade dourada na terra antes do Dia do Juízo, e que os piedosos, tendo subjogado todos os seus inimigos ímpios, entrarão na posse de todos os reinos da terra.”

Não há "se" e nem "suposta" acerca da condenação pela Segunda Confissão Helvética sobre a escatologia pós-milenista. De plano! Absolutamente! Claramente!

O apelo à Mateus 24 e 25; Lucas 18, II Tessalonicenses 2 e II Timóteo 3 e 4 remove qualquer dúvida de que o credo reformado condenou a visão pós-milenista do futuro, porque o credo estava convencido de que a Escritura ensina um futuro que contém apostasia, o anticristo e a grande tribulação para a igreja. Ou seja, a Segunda Confissão Helvética confessou o amilenismo.

Caso fosse necessária qualquer prova adicional de que a Segunda Confissão Helvética confessou o amilenismo e que condenou o pós-milenismo, o parágrafo que imediatamente precede a citação transcrita no artigo "Sonhos Judaicos" fornece o subsídio:

‘E do céu, o mesmo Cristo retornará para o juízo, quando a impiedade estiver em seu ápice no mundo, e quando o Anticristo, tendo corrompido a verdadeira religião, tiver envolvido todas as coisas com superstição e impiedade, e tiver cruelmente assolado a Igreja com derramamento de sangue e chamas (Dn, cap. 11). Mas Cristo voltará para reclamar os seus, e pela sua vinda, destruir o Anticristo e julgar os vivos e os mortos (Atos 17,31). (A Segunda Confissão Helvética, Confissões Reformadas do Século XVI, ed, Arthur C. Cochrane, Westminster Press, 1966, Cap. 11).’

Isso é amilenismo – a doutrina reformada do fim.

Mantendo isso, e *por causa de* manter isso, a Segunda Confissão Helvética condenou o pós-milenismo.

Eu realmente ‘citei a (minha) referência da Confissão.’ A minha citação foi ‘Cap. 11, *Reformed Confessions of the 16th Century* [Confissões Reformadas do Século XVI], ed, Arthur C. Cochrane, Westminster Press, 1966.’ O original em latim, não a tradução inglesa, é encontrado em Philip Schaff, *Creeds of Christendom* [Credos da Cristandade], vol. 3 (Baker, reimpresso, 1983, p. 257: “*Damnamus praeterea Judaica somnia,*” etc.).

O senhor cita a afirmação da Segunda Confissão Helvética de que é dever do magistrado “suprimir hereges” com a espada fria e de aço da força física, como se isso contradissesse a condenação sobre o pós-milenismo. Fato é que uma pessoa pode manter que isso seja a função do Estado, *reconhecendo ao mesmo tempo que a Bíblia ensina que o Reino de Deus no mundo é espiritual, não carnal, e que a condição da igreja nos últimos dias será de tribulação, não de uma ‘era dourada’*. Essa é a posição exata da Segunda Confissão Helvética, e que era a posição de João Calvino e, ainda, a posição da Confissão Belga. No capítulo 30, a Segunda Confissão Helvética fala que o Estado deve ‘suprimir hereges’ e ter o ‘cuidado da religião’ (embora ela comece dizendo que ‘o maior dever do magistrado seja o de garantir e preservar a paz e a tranquilidade públicas’). No capítulo 11, ela condena o pós-milenismo. Não há contradição. A opinião de que o Estado tenha o dever de promover a verdadeira religião não implica uma escatologia pós-milenista.

Eu não citei o capítulo 30 da Segunda Confissão Helvética sobre o dever do Estado porque a minha única preocupação era a de expor e rejeitar o pós-milenismo como uma falsa doutrina em igrejas reformadas, não importando como uma pessoa enxergue o dever do Estado.

A sua descrição do meu artigo como um ataque contra ‘aqueles que aderem a uma Igreja de Cristo vitoriosa no mundo’ nos leva ao coração do tema.

“... uma Igreja de Cristo vitoriosa no mundo”!

O pressuposto básico para todo o projeto do Cristianismo Reconstrucionista pós-milenista é que a igreja de Cristo é vitoriosa no mundo somente se ela prevalecer na História com poder político, números superiores e influência cultural.

Eu nego esse pressuposto. Eu repudio esse pressuposto. Eu tenho nojo desse pressuposto. Eu digo com firmeza que esse pressuposto é nada menos que uma mentira que envergonha a verdadeira igreja, distorce o Evangelho (que sempre é o Evangelho da cruz, não o Evangelho do triunfo terreno) e faz com que o Senhor Jesus Cristo, que vive e que reina, seja um fracassado miserável na história. É uma forma moderna do “Sonho Judaico”.

Será que a igreja dos apóstolos, pequena, desprezada, perseguida, os seus membros ‘injuriados, perseguidos, caluniados, lixo do mundo e escória de todos’ (1 Co. 4:9-13) era derrotada ou era vitoriosa?

Será que a igreja primitiva do Coliseu e das catacumbas era derrotada ou era vitoriosa?

Será que a igreja reformada na Holanda durante a perseguição sob Alva, na França sob a perseguição de Luís XIV e na Escócia sob a perseguição de Charles II era derrotada ou era vitoriosa?

Será que a verdadeira igreja nos dias de hoje – pequena, politicamente sem força e culturalmente ineficaz – é derrotada ou é vitoriosa?

Será que a igreja, nesse sentido, a igreja desde os apóstolos até o final do século XX, tem sido uma igreja derrotada pelo fato de que nunca dominou ainda o mundo com poder terreno?

Quem disser que a igreja – a *verdadeira* igreja – em qualquer época ou lugar, ou que a igreja da presente era até este momento, tem sido uma igreja derrotada pelo de fato de nunca ter possuído domínio terreno está chamando a Jesus Cristo de um Rei derrotado, um fracassado.

Nós amilenistas proclamamos um Evangelho que declara que o pequeno rebanho de Cristo, que sempre terá tribulação no mundo, cujos membros são mortos todos os dias, não são meramente vencedores, mas sim ‘mais que vencedores’ (Lucas 12:32; João 16:33; Rm. 8:36-37). Perceba que isso não é pessimismo. Isso é otimismo. Esse é o maior otimismo. Isso é otimismo sem sequer um pingão de pessimismo.

Mas a vitória, certamente ‘mais que uma vitória’ da igreja, aqui e agora, é espiritual e não carnal. Ela é alcançada pelo Evangelho do perdão de pecados, não pelo Evangelho da dominação mundial. Ela é aproveitada pela fé, não pelo seu

estabelecimento confortável em uma sociedade ou mundo governado pelos santos. Ela consiste do perdão de pecados, paz com Deus, santidade de vida e perseverança em Cristo até o fim; ela não consiste de poder político, grandes números e influência cultural.

Estimado amigo, me permita propor uma ou duas perguntas que refletem não apenas sobre a sua carta publicada acima, como também sobre a nota que acompanhou a carta.

O senhor, mais do que a maioria dos cristãos reformados, está bem atento ao fato de que R. J. Rushdoony, Gary North e outros do movimento do Cristianismo Reconstrucionista têm, por vários anos, menosprezado o amilenismo reformado como uma ‘religião impotente’, e ridicularizado a nós, amilenistas, nos taxando de ‘pessimistas’. O senhor também sabe que esse desrespeito e ridicularização ainda perduram.

Isso tem e continua a ser o seu ‘grande ataque’ contra a doutrina do fim confessada pelas igrejas reformadas na Segunda Confissão Helvética e contra todos aqueles teólogos reformados que abraçaram o amilenismo reformado, em consonância com as confissões reformadas.

O senhor diria que *eles* ‘chegaram ao ponto de terem uma posição *ideológica* por um *pós*-milenismo apaixonante que não seja saudável?’

O senhor *os* avisaria que “a ideologia e a teologia bíblica são duas coisas diferentes?”

E, acaso o senhor alguma vez disse isso de verdade para *eles* de forma pública, talvez por carta no *Chalcedon Report* [Relato Calcedônio]? □

Outra Carta e Resposta sobre os “Sonhos Judaicos”

Quatro

capítulo

O artigo editorial “Sonhos Judaicos” (*Standard Bearer* [Correio Padrão], 15 de janeiro de 1995) continua fomentando réplicas. Algumas delas são bem afiadas. Isso não é de se surpreender. Por algum tempo até o momento presente, no que tange à doutrina das últimas coisas, o pré-milenismo dispensacionalista e o pós-milenismo têm tido praticamente os holofotes para si. No antagonismo entre os dois, ambos criticam severamente o amilenismo reformado. Do lado reformado, pouco ou quase nada veio em defesa do amilenismo, muito menos um ataque vigoroso sobre ambas as formas de erro sobre o milênio.

O artigo “Sonhos Judaicos” coloca a doutrina reformada e confessional do amilenismo no campo de discussão sobre as últimas coisas. A presente era – desde a ascensão de Cristo até pouco antes da Sua segunda vinda, quando Satanás será solto de sua prisão – é o período de mil anos de Apocalipse 20. O reinado Messiânico na história não é um reino carnal futuro, seja de judeus reinando a partir de Jerusalém, seja de santos exercendo poder político a partir de Vallecito, na Califórnia, ou de Tyler, no Texas. Na

verdade, trata-se da regência espiritual de Cristo pelo Seu Evangelho e pelo Seu Espírito nos corações e nas vidas dos eleitos que creem. O reino vitorioso é, como sempre foi, a igreja verdadeira e fiel em meio a um mundo hostil.

O artigo tomou para si o desafio do amilenismo reformado por causa dos cristãos reconstrucionistas pós-milenistas. Por 30 e poucos anos até hoje, esses defensores da “teologia do domínio” têm atacado violentamente o amilenismo reformado. Um apelido carinhoso tem sido “pessimilenismo”, isto é, uma doutrina das últimas coisas que é pessimista. Os amilenistas reformados são “perdedores”. Embora tenha havido teólogos reformados e presbiterianos que debateram o Cristianismo Reconstrucionista quanto ao seu ensino da lei do Antigo Testamento (“teonomia”), poucos têm insistido que o movimento deva ser repudiado pelas igrejas reformadas devido ao seu pós-milenismo. Esse foi o cerne do artigo “Sonhos Judaicos”.

Os pós-milenistas responderam.

Apresento-lhe agora o defensor pós-milenista do Cristianismo Reconstrucionista, Gary DeMar. DeMar é presidente da *American Vision* [Visão Americana] e um membro de uma congregação da *Presbyterian Church of America (PCA)* [Igreja Presbiteriana da América]. {Nota da tradução: não confundir a PCA com a PCUSA – *Presbyterian Church of the United States of*

America, esta sim uma falsa igreja presbiteriana, apóstata e satânica}.

Ele é um autor prolífico e influente. Os seus livros incluem *God and Government* [Deus e Governo], 3 vols.; *Ruler of the Nations: Biblical Blueprints for Government* [Governante das Nações: Marcas Bíblicas para o Governo]; *Surviving College Successfully: A Complete Manual for the Rigors of Academic Combat* [Sobrevivendo com Sucesso na Faculdade: Um Manual Completo para os Rigores do Combate Acadêmico]; *The Reduction of Christianity* [A Redução do Cristianismo] (com Peter J. Leithart); e *Last Day Madness* [Loucuras dos Últimos Dias].

O que se segue agora é uma carta de Gary DeMar em resposta ao meu artigo “Sonhos Judaicos”, e a minha réplica à essa carta.

Carta

Embora eu esteja impressionado com os credos e as confissões da igreja, eles não estão no mesmo nível que a Escritura. O professor Engelsma gosta muito de citar afirmações confessionais e, ao mesmo tempo, de dar pouca importância à exegese bíblica. Será que nos tornamos romanistas? Sim, Engelsma chega a citar algumas passagens bíblicas, contudo, ele as utiliza como base para apoiar uma afirmação confessional já aceita. O uso de textos bíblicos de prova não substitui a exegese.

Engelsma chama o pós-milenismo de “heresia”. Será que ele tem vontade, por exemplo, de incluir John Owen, o principal autor da Declaração de Savoy, a qual é pós-milenista, assim como Charles Hodge, B. B. Warfield e Marcellus Kik como hereges por causa de suas crenças pós-milenistas?

De certa forma, é curioso que Engelsma falhe em citar a Confissão de Westminster e os seus catecismos e, em seu lugar, cite a *interpretação* de Peter Toon do trabalho da assembleia. Engelsma é seletivo quanto à forma que ele apresenta as afirmações confessionais da igreja. Ele escolhe aquilo que serve ao propósito dele. No *Catecismo Maior de Westminster*, o reinado de Cristo é mostrado com evidência ao povo de Deus pelo fato de Cristo vencer “todos os seus inimigos, e poderosamente dirigindo todas as coisas para a sua própria glória” (CMW, P. 45). Thomas Ridgeley (1667-1734), em seu comentário expressivo sobre o *Catecismo Maior* publicado entre 1731 e 1733, nos dá uma interpretação decididamente pós-milenista da posição da assembleia:

“Nós livremente concordamos, quanto ao que pensamos ser harmônico na Escritura, que Cristo manifestou, em todas as eras, a sua glória como Rei da Igreja, por isso, nós temos base para concluir a partir da Escritura que

administração do seu governo neste mundo, antes da sua vinda para o juízo, será cumprida com maior esplendor, maiores marcas visíveis de glória e diversas outras ocorrências da providência, o que fomentará o bem-estar e a felicidade da sua igreja, em um grau maior do que jamais foi visto ou experimentado, visto que isso foi plantado pelo ministério dos apóstolos depois da sua ascensão ao céu. Isto, pensamos ser o sentido geral daquelas Escrituras, tanto no Antigo como no Novo Testamento, que falam da glória dos últimos dias!”*

De igual modo, o *Breve Catecismo* é pós-milenista. “Cristo exerce as funções de rei, sujeitando-nos a si mesmo, governando-nos e protegendo-nos, contendo e subjugando todos os seus e os nossos inimigos” (BCW, P. 26). A prova da Sua exaltação é manifesta visivelmente para a Sua Igreja quando Ele realmente “reúne e defende a sua Igreja, e subjuga os seus inimigos” (CMW, P. 54).

O *Catecismo Maior*, em sua segunda petição da Oração do Senhor, afirma “nós pedimos que o reino do pecado e de Satanás

* Thomas Ridgeley, *Commentary on the Larger Catechism* [Comentário no Catecismo Maior], previamente intitulado *A Body of Divinity: Wherein the Doctrines of the Christian Religion are Explained and Defended, Being the Substance of Several Lectures on the Assembly’s Larger Catechism* [Um Corpo de Divindade: Onde as Doutrinas da Religião Cristã são Explicadas e Defendidas, Sendo o Cerne de Diversas Lições no Catecismo Maior da Assembleia] (Edmonton, AB Canada: Still Waters Revival Books, [1855] 1993), 1:562.

seja destruído, o Evangelho propagado por toda a terra, os judeus chamados, [e] a plenitude dos gentios seja trazida... e que Ele tenha prazer em exercer o reino de seu poder em todo o mundo, conforme melhor seja conduzido para esses fins” (CMW, P. 191). Nada disso se encaixa com a noção de Engelsma de que “a igreja do fim dos tempos será uma igreja perseguida, não uma igreja triunfalista [sic]” (173). Aliás, a resposta à Pergunta 191 do CMW é quase idêntica àquela presente na Declaração de Savoy (26.5) que Engelsma condena! Parece, assim, que a Confissão Helvética está fora de compasso com as outras afirmações confessionais das igrejas reformadas. É por isso que a Escritura deve ser o fator determinante.

O professor Engelsma insiste que passagens como Mateus 24, 2 Tessalonicenses 2 e 2 Timóteo 3 falam de condições perto do tempo em que Jesus retornará ao final da história.

Embora essa visão seja popular nos dias de hoje, especialmente entre os dispensacionalistas, ela não sobrevive ao escrutínio da exegese. Há bastantes evidências bíblicas e históricas demonstrando que essas passagens se referem a condições anteriores e que também incluem a destruição de Jerusalém em 70 d.C.

Os pós-milenistas não realizam o seu trabalho no vácuo exegético. Eu dediquei mais de 120 páginas de exegese detalhada a Mateus 24:1-34 no meu livro *Last Day Madness* [Loucuras dos

Últimos Dias]. Mais de 50 são direcionadas a 2 Tessalonicenses 2. Eu também discuti Tito 2:13 em grande detalhe. Em cada caso, eu mostrei que essas passagens, e muitas como elas, se referem a eventos do primeiro século. Ademais, eu fui capaz de demonstrar que muitos comentaristas bíblicos concordam comigo, sendo a maior parte deles composta por pessoas que não são pós-milenistas!

O professor Engelsma afirma que o dever solene das *Protestant Reformed Churches* [Igrejas Protestantes Reformadas] “por causa da breve vinda de Cristo [é] de expor as esperanças do pós-milenismo como ‘Sonhos Judaicos’”. A “breve vinda de Cristo”? O professor Engelsma se parece mais com Hal Lindsey e Dave Hunt do que com um cristão reformado. Dave Hunt, um autor anti-reformado, escreveu *How Close Are We: Compelling Evidence for the Soon Return of Christ* [O Quão Perto Nós Estamos: Evidências Robustas para o Breve Retorno de Cristo]. A igreja tem pregado o “breve retorno de Cristo” por séculos. Essa doutrina tem sido a ruína da teologia reformada e o benefício do dispensacionalismo.

Como os cristãos podem dizer que Jesus está vindo em breve à luz das referências temporais colocadas no Novo Testamento?

Jesus disse que Ele retornaria em juízo antes que o último apóstolo morresse (Mt. 16:27-28; João 21:18-23). Jesus prometeu aos Seus discípulos que Ele retornaria em juízo antes que a geração

deles passasse (Mt. 24:24). Os tessalonicenses conheciam a identidade do homem da perdição e de quem restringia. Na verdade, eles acreditavam que o “dia do Senhor” já tinha vindo (2 Tessalonicenses 2). “O mistério da iniquidade *já estava em operação*”, Paulo escreve (v. 7). É bastante evidente, portanto, que Paulo está descrevendo eventos com os quais os tessalonicenses estavam familiarizados.

O texto de Apocalipse 1:1 afirma que os eventos ali descritos “em breve devem acontecer”. O tempo é dito ser “breve” (1:3) para aqueles que leem o livro pela primeira vez. Nos é dito no último capítulo de Apocalipse que os eventos descritos “em breve devem acontecer” (22:6). Jesus disse que Ele estava vindo “sem demora” (22:7). No mais, para confirmar o que foi dito no primeiro capítulo, “o tempo está próximo” (22:10). Apocalipse foi escrito há cerca de 2000 anos. Se as palavras significam alguma coisa, então os eventos de Apocalipse hoje são história.

O professor Engelsma pode seguir os dispensacionalistas e dizer que esses indicadores de tempo são fluidos, não necessariamente significando o que aparentam dizer, ou pode lidar com eles de forma honesta e voltar a fazer um trabalho exegético, e parar de se apoiar nas confissões a fim de formular o seu pensamento.

Até que o professor Engelsma lide com questões *exegéticas*, os únicos que o ouvirão serão aqueles que já concordam com ele, um número que vem declinando mais e mais.

Por que não abrir o campus do seminário da *Protestant Reformed Church* [Igreja Protestante Reformada] para um debate sobre os tópicos dos ‘últimos dias’ e do ‘pós-milenismo’? Eu teria até a disposição de pagar os custos para participar de tal debate. O que o senhor acha disso, professor Engelsma?”

Gary DeMar

American Vision [Visão Americana]

[Cidade de] Atlanta, [Estado Norte-Americano] da Geórgia

Resposta

“Gary DeMar está ‘impressionado’ com os credos. Eu estou preso a eles. Eu jurei sob a “Fórmula de Subscrição” Reformada que eu acredito ‘que todos os artigos e pontos de doutrina contidos (nas ‘Três Formas de Unidade’) concordam plenamente com a Palavra de Deus.’ Eu também prometi ‘diligentemente ensinar e fielmente defender a doutrina ora mencionada.’ Além disso, eu jurei “não apenas (o) rejeitar todos os erros que militam contra essa doutrina... mas (também)... refutar

e contradizê-los, e me esforçar em manter a Igreja livre de tais erros.’

Está inclusa a aderência ao ensino escatológico dos credos. Essa fidelidade às confissões não é ‘romanista’. Ela é reformada. A fé reformada é confessional.

Heresia?

Eu nunca utilizei a palavra ‘heresia’ para descrever o pós-milenismo. Nenhuma vez. Isso foi proposital. A razão para isso foi o meu profundo respeito por alguns dos teólogos mencionados por DeMar, especialmente B. B. Warfield, assim como outros. Como DeMar me pressiona agora, eu digo que o pós-milenismo ensinado por J. Marcellus Kik em seu livro *An Eschatology of Victory* [Uma Escatologia de Vitória] e pelo Cristianismo Reconstrucionista é uma heresia. Por heresia, eu digo que não se trata apenas de um sério desvio do ensino das Escrituras, mas também uma grave corrupção do Evangelho. O erro é que o reino espiritual revelado e cumprido pelo Evangelho é mudado em um reino carnal, e o triunfo espiritual do Cristo exaltado na História é transformado em um triunfo terreno. O efeito prático e maligno do erro é o de retirar a esperança dos cristãos da vinda de Cristo para o reino carnal do milênio. Essa subversão da esperança cristã tende a afetar toda a vida cristã.

Warfield e alguns dos puritanos antes dele eram bem mais contidos em predizer um futuro terreno de 'aumento' da igreja do que Kik e os cristãos reconstrucionistas. Ainda que Warfield e outros presbiterianos primitivos tenham compartilhado do erro do pós-milenismo, isso era 'sutil' no seu trabalho de construção sobre um alicerce. A palha deles precisa ser queimada, mas eles mesmos serão salvos (1 Co 3:10-15).

Se DeMar e os outros estão determinados em apresentar o meu ataque na *doutrina* pós-milenista como um ataque às *pessoas* que o abraçaram ou que abraçam essa doutrina, então que seja. Porém, eu veementemente nego essa acusação. Eu admiro, e até amo mais do que todos os demais, a pessoa de Martinho Lutero, mas eu chamo a sua doutrina miserável da Ceia do Senhor de heresia ainda assim.

Eu fiz a acusação de heresia não contra o pós-milenismo, mas sim contra o aspecto 'judaizante' do ramo do Cristianismo Reconstrucionista advindo do pós-milenismo. Como eu indiquei com cuidado, isso se refere à imposição do Cristianismo Reconstrucionista sobre os cristãos do Novo Testamento de uma 'vasta gama de leis do Antigo Testamento que, de acordo com o Artigo 25 da Confissão Belga, foram cumpridas em Cristo, de modo que 'o seu uso deve ser abolido entre os cristãos.'

Eu não chamo esse erro apenas de 'heresia', mas também de 'heresia fundamental'. A isto, a igreja disse 'não', conforme a

atuação do Espírito em Atos 15. Contra isso, Paulo lutou no livro de Gálatas.

Warfield nunca ensinou isso.

Os Símbolos de Westminster

O fato de que eu não tenha citado a Confissão de Westminster e os seus catecismos não é, de modo algum, algo ‘curioso’. Eu explicito porque eu não o fiz: ‘Eu deixo àqueles a cujos credos estão submetidos que demonstrem que os Símbolos de Westminster abolem o sonho ilusório do pós-milenismo.’ Os credos a que estou submetido (e a maioria dos leitores do *Standard Bearer* [Correio Padrão]) são as ‘Três Formas de Unidade’. Portanto, eu me limitei quanto às referências a eles.

Contudo, eu ofereço o meu entendimento de que as quatro citações por DeMar dos Catecismos Maior e Breve de Westminster não provam absolutamente coisa alguma em prol de uma interpretação pós-milenista dos documentos de Westminster. Nenhum amilenista possui qualquer dificuldade com essas expressões. Todas essas afirmações se encaixam perfeitamente com ‘a noção de Engelsma de que a igreja do fim dos tempos será uma igreja perseguida, não uma igreja triunfalista.’ Cristo tem restringido e submetido os Seus e os nossos inimigos pelo Seu poder soberano desde a Sua ascensão ao céu (Ef. 2:20-23). O cumprimento dessa restrição e dessa submissão soberanas na

História não requer uma ‘Cristianização do mundo’ e um reino de poder e glória terrenos. O Cristo ressurreto restringe e submete os Seus inimigos pela Sua Providência secreta, e Ele governa e exalta a Sua igreja pela Sua graça.

O entendimento correto da explicação do Catecismo Maior sobre a segunda petição da oração do Senhor na Pergunta 191, uma explicação praticamente idêntica com a contida na Pergunta 123 do Catecismo de Heidelberg, servirá para tornar claro o sentido de todas as citações de DeMar dos Catecismos de Westminster.

Na segunda petição, o Catecismo explica que os crentes oram para que Deus, em Cristo, destrua o reino de Satanás e edifique o reino de Cristo, que é a igreja. DeMar pensa que isso se refere a algum tempo futuro antes da vinda de Cristo. Ele também supõe que a destruição do reino de Satanás e a vitória de Cristo no futuro são *terrenos*, isto é, físico, político, social e visível ao olho humano. Os santos terão domínio: o reino carnal.

Ele está enganado quanto a esses dois aspectos. Cristo já vem destruindo o reino de Satanás e edificando o Seu próprio reino, a igreja, desde que Ele ascendeu ao céu. A natureza da derrota do reino de Satanás e da vitória do reino de Cristo é *espiritual*. Ela consiste de retirar os eleitos de dentro do reino de Satanás; da santificação dos eleitos para servir ao Senhor em todas as esferas da vida; e da preservação da igreja em verdade e

santidade contra os ataques do diabo. A resposta perfeita da segunda petição será conferida no Dia de Cristo.

Como o Catecismo Maior por si mesmo resume a explicação da segunda petição? ‘... que Cristo reine nos nossos corações, aqui, e apresse o tempo da sua segunda vinda, e de reinarmos nós com Ele para sempre.’

Não há sequer um rastro de pós-milenismo na Pergunta 191 do Catecismo Maior ou em qualquer outra das citações feitas por Gary DeMar. Uma pessoa enxerga o pós-milenismo nessas afirmações confessionais somente se já decidiu, de antemão, entender ‘restringir,’ ‘defender’ e ‘conquistar’ no sentido terreno que essas palavras tinham no Israel do Antigo Testamento, nos dias das sombras.

A resposta da Pergunta 191 do Catecismo Maior não é, de modo algum, ‘quase idêntica àquela presente na Declaração de Savoy (26.5).’ O Capítulo 26.5 da Declaração Congregacional de Savoy (que eu citei no artigo “Sonhos Judaicos”) difere radicalmente da Pergunta 191 do Catecismo Maior Presbiteriano. A Declaração de Savoy diz que as igrejas ‘aumentadas’ gozarão de uma ‘condição mais tranquila, pacífica e gloriosa do que jamais tiveram experimentado’ *‘nos últimos dias, quando o Anticristo for destruído... e os adversários do reino do seu Filho amado quebrados’ e ‘neste mundo’.*

Observe: “*neste mundo*”.

Os independentes que elaboraram a Declaração de Savoy, insatisfeitos com a recusa Presbiteriana de Westminster em fazê-lo, deixaram completamente claro o sonho pós-milenista de um reino terreno. As suas igrejas são ensinadas a ansiarem por uma paz terrena, uma prosperidade terrena e um poder terreno!

O Cristianismo Reconstrucionista não possui base em qualquer credo reformado ou presbiteriano para o seu sonho de um reino carnal na História.

Até mesmo a citação de Thomas Ridgeley, ainda que obviamente originada de uma expectativa errada por uma 'glória dos últimos dias,' apenas avança com muito cuidado para a forma mais amena do pós-milenismo: '... maior esplendor, maiores marcas visíveis de glória... o bem-estar e a felicidade da sua igreja, em um grau maior.' Um amilenista com sono poderia deixar isso passar batido.

Isto é completamente oposto pelo vértice de uma 'Cristianização' da América, e, depois, do resto do mundo, conforme visto e promovido pelo Cristianismo Reconstrucionista como o triunfo real de Cristo na História.

'Eis que venho com demora'

Quanto às colocações de DeMar sobre o ensinamento da Bíblia acerca da segunda vinda do Senhor e da condição da igreja

nos dias que a precedem, eu fico simplesmente deliciado com tudo isso. É claro que eu conhecia essas coisas, bem como todos aqueles que leram algo da literatura reconstrucionista. Porém, muitos dos leitores desta revista não leram os livros reconstrucionistas. Eles estão bastante dependentes das análises de outros. Agora, eles podem ler por eles mesmos os ensinamentos principais daquele movimento que trata do fim do mundo a partir de um líder cristão reconstrucionista de autoridade.

A igreja dos últimos dias não será perseguida!

Toda a profecia do Novo Testamento de apostasia, tribulação e anticristo dos últimos dias já foi completamente cumprida na destruição de Jerusalém em 70 d.C.! Nada dessa porção relevante e significativa da Escritura do Novo Testamento, assim como da Escritura do Antigo Testamento, incluindo quase todo o livro de Apocalipse *se aplica à igreja do Novo Testamento dos nossos dias e nem ao futuro!*

O mais surpreendente de tudo isso, e até mesmo inacreditável, é a negação clara e ousada de que a vinda de Jesus Cristo – a segunda, corpórea e visível vinda de Jesus Cristo – seja ‘breve’ e ‘perto’! A igreja reformada tem estado enganada em seu ensino de que a vinda de Jesus esteja ‘perto’! Certamente, ‘essa doutrina tem sido a *aflição* da teologia reformada!’ (ênfase minha – DJE).

O pós-milenismo nega e se opõe, com bastante vigor, à vinda de Jesus como sendo próxima, perto e rápida, exatamente como eu denunciei no artigo “Sonhos Judaicos”.

Isto é um golpe sobre a esperança fundamental da igreja. Nada menos que isso.

Eu ignoro a tática de desfazer a escatologia reformada ao ligá-la com a do pré-milenismo dispensacionalista. Não é o amilenismo reformado que concorda com o pré-milenismo em negar uma perseguição futura à igreja e em afirmar um reino terreno de Cristo.

Apostasia Escatológica

DeMar pode estar muito correto quando ele diz que o número de amilenistas reformados e presbiterianos está ‘declinando mais e mais.’ Em parte, a razão disso é a grande apostasia que se cumpre hoje da profecia do apóstolo em II Tessalonicenses 2:3. Essa queda se deve, por outra parte, à falha das igrejas, ministros, teólogos e editores de revistas – presbiterianos e reformados – de defenderem o amilenismo e, com o mesmo vigor, de exporem e de condenarem o pós-milenismo.

Para evitar que seja culpado de falhar em fazer o pouco que posso para evitar o declínio da verdade do amilenismo, eu pretendo dedicar artigos futuros para fazer uma defesa bíblica e

confessional do amilenismo contra a doutrina errônea do pós-milenismo. Eles terão o movimento do Cristianismo Reconstrucionista especialmente em vista.

O Desafio

Gary DeMar lança um desafio intrigante: um debate público no campus do *Protestant Reformed Theological Seminary* [Seminário Teológico Protestante Reformado]. A minha única hesitação é que eu não posso ser responsável por dar um palanque para o erro. Eu certamente não gostaria de deixar a impressão de que a Bíblia não é clara sobre esta importante doutrina das últimas coisas, de modo que o amilenismo e o pós-milenismo sejam duas opções legítimas para os cristãos reformados e presbiterianos.

Mas DeMar é o teólogo conhecido e popular. *Ele* traria pra si a audiência. *Ele* daria um palanque para uma defesa do amilenismo.

Não há qualquer coisa de errada com *isso*.

Eu estou interessado.”□

Uma Carta Aberta para Gary North



Prezado Dr^o North,

No seu “*I.C.E. Position Paper*” [Documento de Posição da I.C.E.] de julho de 1995 (*Institute for Christian Economics* [Instituto para Economia Cristã], P.O. Box 8000, Tyler, TX 75711), o senhor respondeu ao meu artigo “Sonhos Judaicos,” de 15 de Janeiro de 1995, pertencente ao *Standard Bearer* [Correio Padrão].

Como um forte proponente do pós-milenismo, o senhor é bastante crítico em relação à minha defesa do amilenismo reformado, clássico e confessional. O senhor diz, “Tal visão paralisa os cristãos, tornando-os arquitetos de planos de curta duração, e que estão na defensiva.”

Há elementos no seu “documento de posição” – elementos importantes – que eu aprecio.

Tratando a Escatologia Seriamente

O senhor leva a escatologia a sério. O senhor não tem tempo para a noção tola de que seja algo que não importa para a fé, para a igreja e para a vida cristã caso uma pessoa seja amilenista, pré-milenista ou pós-milenista. Acreditando que o pós-milenismo seja bíblico, o senhor é intolerante tanto quanto ao pré-milenismo como ao amilenismo. E o senhor está certo!

Eu também aprecio que, com um conhecimento e com uma honestidade acadêmicos, o senhor reconheça a verdade de uma das maiores afirmações do artigo, isto é, “que as confissões do século XVI haviam sido amilenistas.” O senhor é crítico sobre as “igrejas protestantes continentais” por se recusarem em revisar esses credos na área da escatologia, ou seja, de se recusarem em repudiar o amilenismo em favor do pós-milenismo.

O senhor deve manter em mente, contudo, que essas confissões do século XVI, junto com os Cânones de Dort do início do século XVII, os quais não anularam e nem modificaram o amilenismo do Catecismo de Heidelberg e da Confissão Belga, são os credos que unem as *Protestant Reformed Churches* (PRC) [Igrejas Protestantes Reformadas]. Eles também são os credos de muitas outras igrejas reformadas por todo o mundo. Enquanto esses credos não forem revisados em favor do pós-milenismo, todas essas igrejas e todos os seus ministros devem ensinar e defender o amilenismo. Eles também devem condenar e rejeitar o pós-milenismo e o pré-milenismo. Isso é um caso de mera honestidade. Isso é um caso de se manter o voto solene pelo qual essas igrejas e ministros se submeteram às doutrinas ensinadas nos credos, incluindo a doutrina das últimas coisas.

Já faz muito tempo que o silêncio das igrejas e dos teólogos reformados sobre a escatologia tem me perturbado. Mesmo aqueles que falam com pouco ânimo contra o aspecto teonômico do seu movimento Cristão Reconstrucionista não dizem qualquer coisa sobre a escatologia. Eu não consigo me recordar de uma defesa vigorosa do amilenismo nos últimos vinte anos, ainda que o senhor, R. J. Rushdoony e outros dos seus corolários tenham agido sem misericórdia, por vezes sendo até selvagens, nas suas críticas ao amilenismo.

Também é digno de aplauso o fato de que na sua crítica sobre o artigo “Sonhos Judaicos” o senhor não só indica com clareza as diferenças radicais entre o pós-milenismo e o amilenismo, como também, de modo preciso, descreve a escatologia amilenista. O pós-milenismo, o senhor diz, afirma que o anticristo e a “perseguição em massa” estão no *passado*: “A besta do Apocalipse está atrás: Nero.” O futuro terreno da igreja é a vitória física: “conversão mundial e transformação da sociedade como um resultado de tal conversão.”

Em contrapartida, o senhor está correto quando analisa o amilenismo como uma doutrina que ensina que “a Igreja permanecerá um acampamento sitiado no meio de uma civilização apóstata,” ainda que a expressão “acampamento” não faça justiça ao fato de que a igreja esteja no centro da civilização apóstata.

Existem também elementos – elementos importantes – no seu documento que são errados. Como um acadêmico e cristão reformado, o senhor deve reconsiderar esses tópicos.

Amilenismo e Agostinho

Primeiramente, é indigno de um acadêmico reformado tentar “envenenar os poços” em relação ao amilenismo pela alegação de que a origem dessa doutrina veio da Igreja Católica Romana: “As igrejas reformadas no continente europeu adotaram os ensinamentos da Igreja Católica Romana sobre o milênio.” Essa é a tática pela qual os inimigos do batismo infantil e do pacto pensam usar para destruir a prática do batismo infantil: “As igrejas reformadas adotaram os ensinamentos da Igreja Católica Romana sobre

o batismo infantil.” Se o senhor não puder encontrar a origem do amilenismo em Jesus e nos apóstolos, procure em Agostinho, que foi influente na escatologia protestante, bem como em diversas outras doutrinas. Isso possui um aroma diferente: “As igrejas reformadas no continente europeu adotaram o ensino de Agostinho sobre o milênio.”

Agostinho clarificou o seu entendimento dos mil anos de Apocalipse em sua obra *Cidade de Deus*. Junto com outras pessoas “espirituais”, ele rejeitou a explicação dos “milenaristas” sobre os mil anos como sendo um período futuro e literal na História, durante o qual os santos gozarão “um prazer santo”. Agostinho acrescentou a seguinte acusação forte sobre a visão do milênio de Apocalipse 20 que o percebe como um reino carnal de paz e plenitude terrenas:

“Esta opinião não seria questionada caso se acreditasse que os prazeres dos santos no sábado fossem espirituais, e, conseqüentemente, pautados na presença de Deus... Mas, como eles dizem que aqueles que se levantarão de novo gozarão do prazer de banquetes carnis imoderados, polidos com quantidades de carne e bebidas as quais não apenas chocam o sentidos dos temperados, mas ainda superam a medida da própria credulidade, segue que tais afirmações só podem ser cridas pelos carnis.”

A explicação de Agostinho era de que o apóstolo João “usou os mil anos como sinônimo para a duração completa deste mundo, empregando o número da perfeição para marcar a plenitude do tempo.” O reinado dos santos com Cristo durante os mil anos deve, de igual maneira, ser entendido como “o tempo da Primeira Vinda (de Cristo).” A igreja é o reino de Cristo precisamente porque “os Seus santos (estão) reinando agora com Ele.” Agostinho, então, descreveu a natureza do reinado dos santos com Cristo de tal forma que se contrapõe ao domínio terreno proposto pelo senhor e pelos outros cristãos reconstrucionistas pós-milenistas:

“Portanto, a Igreja, mesmo agora, é o reino de Cristo e o reino do céu. De semelhante maneira, mesmo agora os Seus santos reinam com Ele, ainda que de modo diferente de como eles reinarão no futuro (ou seja, como Agostinho deixa claro antes, na nova criação, quando não haverá mais joio entre o trigo – DJE)... Pois eles reinam com Ele que faz o que o apóstolo diz, ‘Se fostes ressuscitados juntamente com Cristo, buscai as coisas lá do alto, onde Cristo vive, assentado à direita de Deus. Pensai nas coisas lá do alto, não nas que são aqui da terra’” (*Cidade de Deus*, 20.7-9; veja também J. N. D. Kelly, *Early Christian Doctrines* [Doutrinas Cristãs Primitivas], 4ª edição, Londres: Adam & Charles Black, 1968, pp. 479, 480).

A Vitória do Evangelho

Em segundo lugar, o senhor não representa com justiça o amilenismo quando o senhor o acusa de dizer que “não há possibilidade terrena de um sucesso amplo do Evangelho de Jesus Cristo.” O amilenismo crê que o Evangelho hoje é, será e sempre tem sido um “sucesso” (nós preferimos dizer “vitorioso”) aqui na terra. O seu triunfo na terra é o seu cumprimento dos propósitos do Cristo ressurreto com o Evangelho. Esses propósitos são o ajuntamento dos eleitos de dentro de todas as nações, e assim, a Salvação das nações nessas pessoas; a preservação dos eleitos em fé e santidade; o fortalecimento dos crentes eleitos e de seus filhos para viverem vidas obedientes ao Senhor Jesus Cristo em todas as esferas da vida terrena; a edificação da igreja; e o endurecimento dos réprobos. Essa vitória é global.

O que o senhor deveria ter dito era que o amilenismo nega a possibilidade de um sucesso terreno e amplo do Evangelho em um reino carnal, exatamente como os judeus de João 6 desejavam.

Amilenismo e Calvino

Em terceiro lugar, o senhor erra quando – e com pouca base argumentativa para tanto – sugere que Calvino era pós-milenista. João Calvino não era pós-milenista em escatologia. João Calvino não pensava que a História terminaria com um esplêndido triunfo terreno da igreja. Calvino não pensava que a grande perseguição à igreja era passado. Ele não pensava que o reino de Cristo no mundo era um reino carnal. Ele não interpretava as

profecias do Antigo Testamento de glórias futuras do reino Messiânico como sendo cumpridas de forma literal e física.

Junto com todos os reformadores, Calvino repudiava explicitamente o sonho do milênio de um reino terreno no qual os santos exercessem poder político. Em seu vasto estudo sobre a escatologia de Calvino, Heinrich Quistorp afirma que Calvino “decididamente rejeita o chilialismo (milenismo – DJE) dos fanáticos que queriam fazer do reino de Cristo um reino puramente temporal e transitório.” Calvino julgou a ideia de um reino terreno e literal de mil anos como sendo uma “fantasia infantil que dificilmente merece o crédito de se refutar.” Calvino via o sonho do milênio como “um empobrecimento, senão uma destruição, da esperança cristã.” Pois aqueles que pregam um milênio ao povo de Deus “que torna a esperança cristã em uma esperança que seja meramente relativa a este mundo e, portanto, que dissolve a verdadeira esperança direcionada ao futuro eterno do Senhor e da vinda do Seu reino.”

Para Calvino, “o reino de mil anos (de Apocalipse 20 – DJE) é, assim, um governo espiritual de Cristo sobre almas específicas em sua vida terrena até o cumprimento do seu destino na morte e na ressurreição geral.” Que Calvino ensinou que o governo de Cristo na História presente é somente espiritual através do Evangelho é algo provado por Quistorp a partir de uma citação do comentário de Calvino em Romanos 14:11:

“Agora, o Senhor reina do mundo somente por meio do Evangelho e nós honramos a Sua majestade somente onde a fé a reconheça no mundo... dessa forma, nós

vemos que, no presente, a profecia apenas começa a se cumprir. Ela será completamente cumprida somente na ressurreição geral, quando todos os inimigos de Cristo estiverem sob a sola dos Seus pés. Para que isso possa ocorrer, o Senhor precisa, primeiro, executar o Seu julgamento (*Calvin's Doctrine of the Last Things* [A Doutrina de Calvino das Últimas Coisas], Londres: Lutterworth Pressm 1955, pp. 158-162).” □

Uma Carta Aberta para Gary North (Conclusão)



Na minha resposta ao seu colega Gary DeMar, no artigo publicado no dia 15 de março de 1995 do *Standard Bearer* [Correio Padrão], o senhor descobrirá o seu quarto erro (ver novamente o capítulo 4 deste livro). O senhor afirma que “a oração na Resposta 191 (do Catecismo Maior de Westminster – DJE) é claramente uma oração pós-milenista.” Essa afirmação, com todas as consequências que o senhor retira dela, é o coração do seu texto contra o meu artigo “Sonhos Judaicos”. Porém, como eu demonstrei a Gary DeMar, que também apelou à Pergunta e Resposta 191 do Catecismo Maior de Westminster em defesa do pós-milenismo no Presbiterianismo Confessional, a Pergunta 191 não ensina o pós-milenismo. Os teólogos de Westminster não explicaram a segunda petição da Oração do Senhor como sendo uma oração pós-milenista.

Esteja certo de que – ao contrário da sua afirmação de que “Engelsma não crê que os cristãos devam orar a oração da Resposta 191” – nós, amilenistas reformados, pensamos com convicção que os cristãos devem orar a petição da Pergunta e Resposta 191 do Catecismo Maior de Westminster.

Nós a oramos com ânimo. Nós a oramos com a confiança que Deus nos concederá o pedido. Mas a concessão não é, e nunca será, um reino terreno e um domínio físico. De igual modo, presbiteriano algum pode ter essa esperança em mente quando ele ora. Se ele o fizer, ele ora de modo contrário à vontade revelada de Deus e causa ira em Deus com a sua petição cujo conteúdo vem da vontade própria da pessoa que ora.

Sem Notas de Rodapé

Em quinto lugar, o senhor evidentemente não está familiarizado com o *Standard Bearer* [Correio Padrão], particularmente, com os artigos da revista. Num determinado ponto, o senhor expõe uma suspeita de que o artigo “Sonhos Judaicos” estaria “fingindo ser um artigo teológico sério.” Em outro ponto, o senhor sente asco por causa das “críticas breves e sem notas de rodapé do Cristianismo Reconstrucionista.” Nesse momento, tirando as suas luvas, o senhor me compara de forma desfavorável com Hal Lindsey, pelo fato de Lindsey pelo menos ter notas de rodapé (ainda que imprecisas) quando ele escreve contra os teonomistas: “em termos acadêmicos... Engelsma segue Hal Lindsey quanto a essa questão.”

Hal Lindsey!

O *Standard Bearer* [Correio Padrão] não é uma revista teológica. Ela é escrita para os crentes, não para acadêmicos e teólogos. Eu confio que os artigos sejam fundamentados e precisos. Mas, como regra, o senhor procurará em vão por notas de rodapé. Contudo, isso não significa que não haja interação do

Standard Bearer [Correio Padrão] com os teólogos e com os acadêmicos que pensam de modo contrário.

Esse é o seu sexto erro. O senhor ficou magoado pelo fato de eu não responder e sequer mencionar os trabalhos dos escritores mais famosos do Cristianismo Reconstrucionista: “um teólogo calvinista sério que faz o melhor para informar os seus leitores sobre o que está adiante da igreja iria mencionar a existência de tais livros.”

Será que o senhor não percebeu a citação que eu fiz do livro *Paradise Restored* [Paraíso Restaurado] de David Chilton, incluindo a editora, a data e as páginas, no exato artigo que o senhor critica? Fora isso, o seu julgamento é apressado. Isso porque eu estou fazendo uma série de artigos baseada no “Sonhos Judaicos” chamada de “Uma Defesa do Amilenismo (Reformado)”. Nesses artigos, eu irei me referir, citar e responder aos pós-milenistas que o senhor menciona, bem como a outros.

Aqueles Protestantes Reformados Ilhados

Por fim, o senhor demonstra ignorância sobre a membresia das *Protestant Reformed Churches* [Igrejas Protestantes Reformadas] quando a descreve como “pessoas que são bastante ilhadas em termos culturais e eclesiásticos e que não foram expostas ao mundo amplo do Calvinismo.” Eu fico com a impressão de que vocês, cristãos reconstrucionistas, repassam essa tolice entre si. Há algum tempo, outro de seus homens nos

taxou publicamente de “caipiras e isolacionistas.” Eu suspeito que a fonte seja a acusação permanente da *Christian Reformed Church* [Igreja Cristã Reformada] de nos acusar de “anabatistas” por conta da nossa negação da graça comum, e pela nossa insistência em uma oposição entre a igreja piedosa e o mundo ímpio.

Já passou da hora que pensadores sérios, justos e reformados colocassem de lado esse tipo de artifício baixo e polêmico para tratar de vez com as questões reais acerca da negação da graça comum e da afirmação dessa oposição no meio *Protestant Reformed* [Protestante Reformado]. Os reformados e presbiterianos nominais que estão indo ao inferno hoje estão indo exatamente porque eles estão se conformando ao mundo pelo fato de guardarem os pressupostos da graça comum. Nos seus ensinos e na sua conduta, as igrejas reformadas e presbiterianas estão sendo engolidas pelo mundo porque elas se convenceram de que o mundo fora de Cristo está cheio de bondade e sabedoria pela virtude das operações da graça comum pelo Espírito Santo.

Não existe nada mais urgente para as igrejas e para as pessoas reformadas de hoje em dia do que uma poderosa pregação e um poderoso ensino da oposição, conforme essa oposição ainda é confessada sem vergonha alguma nas *Protestant Reformed Churches* [Igrejas Protestantes Reformadas].

Isto não possui absolutamente nada a ver com viajar para longe, se isolar ou viver numa ilha. Nunca teve.

Repare um pouco na nossa doutrina da oposição. Julgue a nossa posição, não por caricaturas dos nossos inimigos, mas pela nossa própria confissão. Será que Paulo era um anabatista por fazer a exortação “retirai-vos do meio deles, separai-vos” (II Co.

6:17)? Será que João estava tentando formar um povo que seria “bastante ilhado em termos culturais e eclesiásticos” quando ele alertou e disse “Retirai-vos dela, povo meu, para não serdes cúmplices em seus pecados e para não participardes dos seus flagelos (Ap. 18:4)? Será que o Espírito Santo foi um defensor de uma viagem para bem longe quando Ele inspirou e disse, “Israel, pois, habitará seguro” (Dt 33:28)?

Visite uma igreja *Protestant Reformed* [Protestante Reformada]. Converse com um ministro *Protestant Reformed* [protestante reformado], qualquer um. Se algum dia o senhor estiver em Grand Rapids, me dê a oportunidade de lhe introduzir a um típico membro de uma igreja *Protestant Reformed* [Protestante Reformada], homem ou mulher – conhecedor e interessado em tudo que faça parte do Calvinismo. Conheça os fazendeiros, homens de negócio, médicos, dentistas, advogados, enfermeiras, professores, bancários, engenheiros e outros membros de diferentes ofícios e profissões. Deixe-me levá-lo às nossas escolas cristãs, a fim de que o senhor veja que por muito tempo (muito mais do que os reconstrucionistas vêm defendendo a educação cristã), os pais *Protestant Reformed* [protestantes reformados] levaram a sério os seus votos de batismo, e vêm ensinando os seus filhos a servir ao Senhor Jesus Cristo, em obediência à Sua vontade na Escritura Sagrada, em todas as esferas da vida humana no mundo.

“No mundo, mas não do mundo” – isso, não um isolamento, é o nosso chamado, nosso propósito e, imperfeitamente, a nossa vida.

A Vinda do Reino segundo as Protestant Reformed Churches [Igrejas Protestantes Reformadas]

Certamente, se alguém, de forma tola, quisesse fazer comparações, ficaria evidente que as *Protestant Reformed Churches* [Igrejas Protestantes Reformadas] têm feito, e continuam fazendo muito mais, pela graça de Deus, para estender o reino de Cristo do que todo o movimento do Cristianismo Reconstrucionista. Existe uma denominação por toda a América do Norte dando testemunho do Rei Jesus; existem missões nacionais e pelo mundo; existe contato e também ajuda para igrejas de mesma linha em terras estrangeiras; existe um sistema extensivo de escolas reformadas e cristãs nas quais meninos e meninas têm sido criados para honrar o Deus soberano e triúno; existem as vidas piedosas de milhares em cada aspecto e esfera da vida humana; existe a supervisão, admoestação e disciplina exercidas por um corpo de anciãos; existe a doação de centenas de milhares de dólares para ajudar os pobres por meio de diáconos ativos; existem os incontáveis livros, panfletos e outros escritos.

Nós estamos fazendo apenas aquilo que é o nosso dever, a fim de sermos servos inúteis. Mas o que as *Protestant Reformed Churches* [Igrejas Protestantes Reformadas] estão fazendo em prol da vinda do reino de Cristo não padece em comparação diante dos esforços de todo o movimento do Cristianismo Reconstrucionista.

De fato, se o Espírito Santo tivesse em mente (o que não tem) de trazer o seu milênio, tudo o que ocorre nas *Protestant Reformed Churches* [Igrejas Protestantes Reformadas] e em outras igrejas reformadas e presbiterianas fiéis tornaria o relâmpago pronto para atingir o seu alvo.

Eu não consigo pensar em qualquer coisa que deixamos inacabada, exceto, talvez, orar “Senhor, envie o reavivamento” com as nossas gargantas ativas e com emoção. Mas, mesmo quanto a isso, nós não somos completamente instrumentos impróprios para a chegada do milênio, pois nós oramos com fervor a petição que Jesus nos ensinou, “Venha o Teu Reino.”

O senhor termina com um desafio:

“Algum dia, um teólogo na *Protestant Reformed Church* [Igreja Protestante Reformada] irá escrever um livro detalhado sobre escatologia. Ele deverá escrever depois uma crítica acadêmica detalhada sobre o pós-milenismo teonômico. Eu não espero que qualquer dos dois desafios seja aceito.”

Não desista tão rápido assim da gente. Em primeiro lugar, Herman Hoeksema fez um trabalho significativo em escatologia. O senhor já leu a seção sobre escatologia no livro *Reformed Dogmatics* [Dogmática Reformada]? O senhor já leu o seu brilhante comentário do livro de Apocalipse chamado *Behold, He Cometh* [Eis que Ele vem]?

Além disso, muito mais pode vir no futuro.

É possível que a escatologia do Cristianismo Reconstrucionista seja realmente examinada à luz da fé reformada, especialmente pelo fato de que não haja ninguém fazendo isso.

É possível que até haja algumas notas de rodapés.

Hal Lindsey, por certo!

Cordialmente,

DJE

OBS:

O senhor apela à Pergunta 191 do Catecismo Maior de Westminster (CMW) como um ensino presbiteriano do pós-milenismo:

“A oração na Resposta 191 é claramente uma oração pós-milenista. Ela se tornou obrigatória pela Assembleia de Westminster. Ela clama pelo estabelecimento visível do reino de Deus na História... Engelsma deveu aos seus leitores a indicação de que a afirmação na Declaração de Savoy (uma confissão independente – DJE) foi retirada do Catecismo Maior. Mas, ao admitir isso, ele teria diminuído a força do seu argumento no parágrafo anterior de que a Confissão de Fé de Westminster não ensina o pós-milenismo.”

Como os nossos leitores, em sua maioria, podem não estar familiarizados com essa pergunta e resposta do CMW, eu a cito aqui:

“P. O que pedimos na segunda petição?

R. Na segunda petição, que é: “Venha o teu reino”- reconhecendo que nós e todos os homens estamos, por natureza, sob o domínio do pecado e de Satanás -, pedimos que o domínio do mal seja destruído, o Evangelho seja propagado por todo o mundo, os judeus chamados, e a plenitude dos gentios seja consumada; que a igreja seja provida de todos os oficiais e ordenanças do Evangelho, purificada da corrupção, aprovada e mantida pelo magistrado civil; que as ordenanças de Cristo sejam administradas com pureza, feitas eficazes para a conversão daqueles que estão ainda nos seus pecados, e para a confirmação, conforto e edificação dos que estão já convertidos; que Cristo reine nos nossos corações, aqui, e apresse o tempo da Sua segunda vinda e de reinarmos nós com Ele para sempre; que Lhe apraza exercer o reino de Seu poder em todo o mundo, do modo que melhor contribua para estes fins.”

Essa é basicamente a mesma explicação da segunda petição da Oração do Senhor dada no Dia do Senhor 48 do nosso próprio Catecismo de Heidelberg, com a exceção da manutenção da igreja pelo magistrado civil.

Nem a explicação presbiteriana, nem a reformada são pós-milenistas.

Eu deixei isso claro na minha resposta ao seu colega pós-milenista Gary DeMar, que também questionou o meu artigo com um apelo à Pergunta 191 do CMW, como se isso fosse pós-milenismo presbiteriano (veja o capítulo 4). □

Uma Defesa do Amilenismo (Reformado)



As respostas ao artigo “Sonhos Judaicos” deixaram bem claro o quão profundo e incorporado o pós-milenismo tem estado nos círculos reformados. O artigo, escrito no começo do ano novo {nota de tradução: de 1994 para 1995}, lembrou aos cristãos reformados que a nossa única esperança, de acordo com a Bíblia, é a segunda vinda do Senhor Jesus. Ele resumiu a concepção reformada e tradicional dos últimos dias: impiedade explodindo; apostasia generalizada; o anticristo; e uma grande tribulação para a verdadeira igreja. Ele deu um alerta contra a falsa esperança conhecida como pós-milenismo, citando um credo reformado que condenou os “Sonhos Judaicos de que haverá uma era dourada na terra antes do Dia do Juízo.”

Contra essa doutrina reformada dos últimos tempos, junto com a sua condenação ao pós-milenismo, vieram objeções ferozes. As objeções vieram de homens e igrejas conservadores presbiterianos e reformados.

Um dos opositores pediu uma defesa do amilenismo a partir da Escritura. Ele também afirmou com ousadia que o número de amilenistas reformados vem decaindo mais e mais, sugerindo

que a razão para isso são os argumentos irrefutáveis dos pós-milenistas.

É verdade que os pós-milenistas são bastante barulhentos e agressivos ao promoverem a sua teoria dos últimos dias. Isso não se restringe apenas aos associados com o movimento conhecido como Cristianismo Reconstrucionista. Os homens do grupo editorial e influente chamado de *Banner of Truth* [Bandeira da Verdade] promovem com vigor e sem cessar o pós-milenismo, frequentemente em conexão com a sua expectativa de um grande reavivamento do Cristianismo.

Também é verdade que há pouca ou até mesmo ausência de defesa do amilenismo no meio editorial reformado. A exposição e condenação do pós-milenismo como uma falsa e perigosa doutrina é algo que simplesmente não se escuta.

As igrejas reformadas e presbiterianas e os seus ministros aparentemente decidiram tolerar o pós-milenismo. Essa é uma sanção tácita do erro. O pós-milenismo seria, no mínimo, uma opção legítima para os cristãos reformados. Não é de se espantar que essas igrejas e ministros sejam incapazes de responder ao ataque direto ao amilenismo pelos pós-milenistas. Eles são menos capazes ainda de tomar a ofensiva contra o erro.

O pós-milenismo vence por *W.O* {*walk-over*, ou seja, pela ausência do oponente em uma disputa}.

O erro fica presente no palco porque a verdade é escondida do teatro.

A ideia de alguns amilenistas de que tanto o amilenismo como o pós-milenismo sejam duas opções válidas para os cristãos reformados, e de que o silêncio dos amilenistas resultará numa

convivência pacífica entre o amilenismo e o pós-milenismo é uma tolice.

Os agressivos pós-milenistas sabem disso e pretendem, de fato, eliminar o amilenismo em sua raiz e seus galhos. Eles deram um alerta justo aos amilenistas reformados. Gary North escreveu:

“Existem três visões rivais da escatologia evangélica – quatro, considerando o dispensacionalismo. Ou todas estão erradas, ou todas, menos uma, estão erradas. A tarefa permanente dos teólogos trinitarianos é a de descobrir qual é a biblicamente correta. Quando um teólogo conclui que uma visão específica é correta, ele deve buscar fazer um teste de ortodoxia sobre a sua descoberta – senão no seu tempo de vida, caso seja prematuro, então algum dia. O alvo da igreja sempre deve ser o de aumentar a precisão confessional. Uma grande parte da confissão da Igreja lida com a escatologia. A ortodoxia significa *falar diretamente*. Uma pessoa não pode falar diretamente com uma língua de quatro direções.

Está na hora de pararmos de acreditar no pluralismo teológico como nada mais que um obstáculo temporário. Está na hora de rejeitar a ideia de igualdade absoluta entre posições teológicas incompatíveis. O pré-milenismo, o pós-milenismo e o amilenismo são teologicamente incompatíveis. Deus não pode se agradar com as três. Ao menos duas delas devem ser descartadas

por serem heresias, senão hoje, então antes de Cristo retornar para o juízo final.

Eu defendo que duas delas serão. Isso é outra consequência do pós-milenismo: a Igreja irá finalmente identificar as outras escatologias como erros. Os amilenistas e os pré-milenistas acreditam que tal precisão e certeza escatológicas nunca virão à Igreja na História; portanto, eles são defensores formais da liberdade escatológica (ao menos nos círculos presbiterianos), ainda que eles não consigam tolerar o pós-milenismo. Eles acreditam que a confusão escatológica de hoje é uma condição permanente: a igualdade jurídica e absoluta de todas as três. Nós, pós-milenistas, não concordamos com isso. Nós não mantemos as escatologias em uma tensão... dialética (*“Escathology and Social Theory”* [Escatologia e Teoria Social], *Christianity & Society* 4, no. 2, Abril de 1994: p. 11).”

O prazeroso Dr^o North está errado em dois aspectos. Os amilenistas *Protestant Reformed* [protestantes reformados] *realmente creem* em precisão escatológica, e confiam que ela chegará até a igreja na História. De fato, eles creem que essa precisão já chegou até a igreja na História. Ela chegou à igreja conforme representada pelas *Protestant Reformed Churches* [Igrejas Protestantes Reformadas]. É a confissão do amilenismo junto com o concomitante repúdio ao pré-milenismo e ao pós-milenismo como falsas doutrinas. E isto, é claro, indica o segundo erro do Dr^o North.

A citação verdadeiramente serve para mostrar que o pós-milenismo não se contenta em coexistir pacificamente com o amilenismo, ao contrário do que pensam os amilenistas reformados que se recusam em falar em público para defenderem o amilenismo.

Neste artigo e nos subsequentes, eu gostaria de fazer a minha pequena parte em defender e promover a doutrina bíblica dos últimos dias, ou seja, o amilenismo reformado. Isso envolverá demonstrar que o pós-milenismo é uma falsa doutrina, assim como também é uma esperança vã e perigosa.

Que tenhamos as posições clareadas em nossas mentes.

Ambas são ensinamentos sobre os últimos dias. Ambas instruem a igreja quanto ao que ela deve esperar no futuro antes da segunda vinda do Senhor Jesus Cristo.

Elas diferem radicalmente.

O amilenismo reformado ensina que a igreja, isto é, aqueles que creem e os nossos filhos, deve esperar um aumento da impiedade no mundo, apostasia da verdade nas igrejas, o estabelecimento do reino do anticristo sobre o mundo inteiro e uma grande tribulação para todos os que temem a Deus e mantêm os Seus mandamentos. Para tal mundo, totalmente imerso no pecado, Cristo irá retornar.

O pós-milenismo nos círculos reformados e presbiterianos apresenta uma realidade bem diferente. Gradualmente, o Evangelho converterá a maior parte dos habitantes do mundo. Os cristãos verdadeiros possuirão poder político em todas as nações, controlando todos os aspectos da vida

nacional, de tal modo que haja uma cultura genuinamente cristã. Isso será a “Cristianização”, como eles falam, do mundo. A raça humana irá obedecer à lei de Deus, ao menos exteriormente (pois muitos permanecerão não convertidos). Haverá paz terrena pelo mundo todo. O resultado será uma prosperidade material sem precedentes. A pobreza irá desaparecer. A doença será controlada. O crime será praticamente inexistente.

Está por vir uma “era dourada”. Ela irá durar, pelo menos mil anos, talvez cem mil anos.

Cristo irá ter uma vitória terrena na História.

Essa vitória terrena será o “reinado Messiânico” em seu esplendor total.

Neste ponto, os pós-milenistas divergem entre si. Alguns veem Jesus retornando ao grande reino terreno. Outros, olhando descontentes o testemunho amargo de Apocalipse 20:7 em diante veem que, no final, Satanás atacará com tudo a igreja, e predizem que o reino terreno de paz de Cristo sofrerá uma revolução pelos ímpios que foram submissos apenas exteriormente.

Nos dois casos, a segunda vinda de Cristo irá ter em conta a era “dourada” do milênio.

Meramente descrever as duas posições é reprimir o protesto inevitável de alguns – “que diferença isso faz? A gente tem que brigar por essas coisas? Será que os amilenistas e os pós-milenistas não creem em Jesus? Será que não podemos viver juntos em harmonia?”

O pós-milenismo diz aos santos reformados que a apostasia, o anticristo e a perseguição são *passado*. Ele os chama a tomarem o poder no mundo. Ele os assegura de um futuro terreno calmo. Ele deixa as pessoas despreparadas para a batalha que está adiante da igreja, a maior batalha que ela já enfrentou. Essa crescente impiedade na sociedade ocidental, por exemplo, não avisa de antemão ao pós-milenista a chegada do “perverso”, do “homem do pecado” de II Tessalonicenses 2. Ela é meramente um prelúdio para o colapso da sociedade ímpia, a fim de que os santos possam tomar o controle.

Eu ouvi R. J. Rushdoony pela primeira vez no início do meu ministério pelos idos da década de 1960. Se me lembro bem, em Fort Collins/Colorado. Ele descreveu em detalhes gráficos um colapso a qualquer momento da civilização. O seu conselho aos cristãos em vista desse desastre? “Guarde o seu ouro e a sua prata.” Isso irá dar mais força aos santos para reconstruírem a sociedade. Eu não sabia se eu devia rir ou chorar. A ideia de possuir qualquer tipo de ouro ou prata era hilária. Pensar que um ministro reformado fortaleceria os cristãos na sua luta nos últimos dias através de conselhos financeiros era triste.

Em Ezequiel 33, o Senhor instrui o sentinela a sinalizar a aproximação do inimigo contra o Seu povo, alertando que se o sentinela falhasse em assoprar a trombeta de alarme, ele seria culpado do sangue do povo.

O amilenismo reformado enxerga o inimigo da igreja se aproximando. Ele enxerga isso à luz da Palavra de Deus, a Sagrada Escritura. Ele está dando o alerta. Oposição alguma de sonhadores de uma paz terrena futura irá parar a sua trombeta.

Quanto àqueles que se recusam em ouvir o aviso, o seu sangue cairá sobre as suas cabeças. □

Apocalipse 20



O nome pelo qual a doutrina reformada característica das últimas coisas é conhecida se chama “amilenismo.” O termo deriva do 20º capítulo de Apocalipse. Por seis vezes nos versículos de 1-7 se menciona um período de “mil anos”. Um anjo prende Satanás por “mil anos” (versículos 1 e 2). O resultado é que Satanás não consegue enganar as nações por “mil anos” (versículo 3). João vê algumas almas vivendo e reinando com Cristo por “mil anos” (versículos 4 e 6). O restante dos mortos não viveu novamente até que os “mil anos” estivessem completos (versículo 5). Quando os “mil anos” expiram, Satanás é solto, engana as nações e trava uma guerra contra os santos (versículo 7 até 9).

O termo “milênio”, de origem latina, significa “mil anos”. O “amilenismo”, portanto, é o ensino sobre o período de mil anos de Apocalipse 20 que *nega* que esse período seja literalmente de mil anos de História durante o qual Cristo irá estabelecer um reino terreno no mundo. Nesse sentido, o amilenismo mantém que o período de mil anos de Apocalipse 20 é uma descrição metafórica de todo o período da exaltação de Cristo até pouco antes da Sua segunda vinda.

No decorrer desse período, dois eventos importantes ocorrem. O primeiro deles se dá no abismo: Satanás é preso. O outro acontece no céu: os mártires vivem e reinam com Cristo.

O Erro sobre o Milênio

O tema do milênio, mencionado somente em Apocalipse 20, tem precisado de mais atenção na escatologia (a doutrina da igreja sobre as últimas coisas) do que a Escritura poderia sugerir. O período de mil anos é apenas mais uma característica da revelação do fim no livro de Apocalipse. A razão pela qual o tema recebe tanta atenção e *deve* receber tanta atenção, é que erros doutrinários graves se entranharam no milênio de Apocalipse 20.

De um lado, existe a heresia terrível que enfeitiça multidões de supostos evangélicos e fundamentalistas no sentido de que eles esperam um reino carnal dos judeus na Palestina, precedido por um “arrebatamento” secreto da igreja. Esse ensino bizarro envolve uma negação da unidade do Israel do Antigo Testamento e da igreja do Novo Testamento, a rejeição da unidade do pacto da graça e a oposição ao batismo infantil, além de abraçar a horrenda doutrina e prática do antinomismo (impiedade de vida com apelo à “graça”).

De outro lado, existe o erro sério e tolerado, senão promovido por igrejas reformadas e presbiterianas, que encontra em Apocalipse 20 a base para se esperar um reino carnal de Cristo que será vitorioso de acordo com padrões terrenos. Não só esse erro, conhecido como pós-milenismo (já que adia a vinda de Cristo para o fim do futuro terreno da era dourada) acha em Apocalipse 20 a base para um reino carnal, como também encontra nesse capítulo um mandato para que a igreja se ocupe em “cristianizar”

este mundo. Qualquer igreja que decline desse mandato é severamente criticada, senão emocionalmente tida como perdida.

O efeito dessa interpretação de Apocalipse 20 é a reconstrução radical e total da escatologia reformada. Não há mais sinais do retorno de Cristo; o futuro terreno não implica mais em uma explosão de impiedade; nós não devemos mais antecipar uma grande apostasia; os santos não devem se preparar mais para o anticristo; nós não devemos mais nos cuidar para uma grande tribulação.

Especialmente por causa desses erros sobre o milênio, os reformados e presbiterianos devem ter uma noção clara quanto ao significado de Apocalipse 20.

O Significado de Apocalipse 20

“Mil anos” é uma descrição metafórica ou simbólica de toda a era do novo pacto. O número 1.000 é um número simbólico de perfeição. Na Bíblia, 10 é o número da perfeição. A natureza simbólica do período de mil anos está em harmonia com o caráter simbólico do livro de Apocalipse, como, por exemplo, o retrato de Satanás como um grande dragão vermelho (Ap. 12). Também está em harmonia com o caráter obviamente metafórico da prisão do espírito, Satanás, com uma grande corrente. Ademais, Apocalipse 20 é uma visão (“e eu vi,” versículos 1 e 4), não uma observação histórica.

A prisão de Satanás representa o controle e a restrição soberanos do diabo pelo Senhor Jesus, impedindo o diabo de

enganar as nações. Durante a presente era, Satanás não pode unir as nações sob o anticristo. Essa restrição se relaciona com o “deter” e o “conter” ou o restringir de II Tessalonicenses 2:6-7, que assegura que o homem do pecado, “aquele Iníquo” (versículo 8) será revelado no tempo certo e determinado por Deus (versículo 6).

Ao longo dessa mesma era, os mártires – aqueles que foram executados por causa do testemunho de Jesus e por causa da Palavra de Deus – vivem e reinam no céu com Cristo. A visão dos tronos em Apocalipse 20:4-6 se refere ao que a teologia chama de “o estado intermediário”, isto é, a vida e a glória dos santos eleitos na morte e até a segunda vinda de Jesus.

Isso é claro.

João vê “almas” se sentando em tronos. Anteriormente, em Apocalipse 6:9, o apóstolo fala das almas dos mártires sob o altar no céu. Aquelas almas no céu eram distintas dos humanos vivendo na terra (versículo 10). As “almas” de Apocalipse 20:4-6 são aqueles homens e mulheres executados pela sua confissão fiel a Cristo no tempo da perseguição anticristã durante a presente era.

No instante da morte, o santo martirizado é ressuscitado em sua alma para estar com Cristo no céu, e lá ele vive e reina com Cristo.

Viver com Cristo no céu através da alma no instante da morte física é a “primeira ressurreição” (versículo 5). Os pós-milenistas dizem que viver e reinar com Cristo não pode se referir ao estado intermediário porque a vida da alma na morte não é ressurreição. J. Marcellus Kik, cujo comentário de Apocalipse 20 tem sido bastante influente entre os pós-milenistas modernos, escreveu:

“O próprio fato de que Apocalipse Vinte lida com a ressurreição elimina a interpretação de que o Capítulo esteja falando do estado intermediário da alma” (*An Eschatology of Victory* [Uma Escatologia Vitoriosa], Presbyterian and Reformed, p. 230). O cristão reconstrucionista David Chilton escreve:

“Nós podemos descartar a posição amilenista de plano ao se apontar o óbvio: isso é uma *ressurreição*, um *se levantar novamente dentre os mortos*. Morrer e ir ao céu é maravilhoso, mas, com todos os seus benefícios, não é uma ressurreição. Essa passagem não pode ser uma descrição do estado dos santos sem corpos no céu (*Paradise Restored: A Biblical Theology of Dominion* [Paraiso Restaurado: Uma Teologia Bíblica de Domínio], Reconstruction Press, p. 196).

Os pós-milenistas estão errados.

A partida da alma do crente ao céu na morte é, com toda a certeza, ressurreição. Existe um ato do Cristo ressurreto sobre a alma no instante da morte que a purifica de todo o pecado e a transforma de uma alma antes adaptada para a vida terrena agora adaptada à vida celestial. Isso tem que ser a ressurreição da alma por Cristo, caso a alma deva estar com Cristo no céu. As almas não voam automaticamente ao céu. As almas dos crentes não voam naturalmente ao céu. O Catecismo de Heidelberg indica que a ressurreição da alma do crente na hora da morte na Pergunta 57:

“a minha alma depois desta vida *será... levada* até Cristo, o Seu Cabeça.”

O santo vai ao céu pela ressurreição, *somente* pela ressurreição. Existem dois estágios. O primeiro é a ressurreição da alma. Essa é a ressurreição de Apocalipse 20:5. O segundo é a ressurreição do corpo. Essa é a segunda ressurreição, que se segue à primeira ressurreição de Apocalipse 20:5.

Nesse sentido, a primeira morte do réprobo ímpio é o sofrimento da ira de Deus em sua alma no momento da morte física. A segunda morte será o seu sofrimento pela ira de Deus no lago de fogo na alma e no corpo após o juízo final (veja Ap. 20:6, 14).

No fim dos mil anos, Satanás será solto por pouco tempo (versículos 3 e 7). Aquele que “detém” ou restringe será afastado (II Tess 2:7). Isso permite à Satanás estabelecer o reinado mundial sob o anticristo. O resultado é o ataque final e total sobre a verdadeira igreja e os seus membros vivos e fiéis (versículos 8 e 9). A “cidade querida” representa a igreja. Os “santos” são todos aqueles a quem o Espírito de Cristo santificou através da fé em Cristo. Por um pouco de tempo de intensa perseguição à igreja – a “grande tribulação” de Mateus 24:21 e o “tempo de angústia” de Daniel 12:1 – fogo de Deus irá devorar o ímpio na segunda vinda de Cristo (vide II Tess 1:6-10).

Então, se seguirão o juízo final e o estado eterno, céu e inferno (Ap. 20:11 e versículos seguintes).

A Explicação do Pós-milenismo

A explicação pós-milenista da passagem — no interesse de uma vitória física de um reino terreno de Cristo na História — está equivocada. A explicação por J. Marcellus Kik, adotada pela maioria

dos cristãos reconstrucionistas, é um exemplo desse erro interpretativo.

O reino dos santos é localizado *na terra*, como se o apóstolo nunca tivesse falado de “almas”, sim, de “almas” que foram “executadas”. Almas executadas não vivem e reinam na terra. B. B. Warfield, ele mesmo um pós-milenista, reconheceu que “almas sem corpos” não governam no reino de Cristo na terra. De modo correto, ele concluiu que Apocalipse 20:4 nos dá “o retrato do ‘estado intermediário’” (*The Millenium and the Apocalypse* [O Milênio e o Apocalipse], em *Biblical Doctrines* [Doutrinas Bíblicas], Banner of Truth, pp. 648-649).

A interpretação pós-milenista supõe que a tomada da alma por Cristo do cristão ao céu não é uma ressurreição, quando, de fato, *somente* a ressurreição pode mudar uma alma pecaminosa e terrena para uma vida santa e celestial. O pós-milenista nega que o estado intermediário envolva a ressurreição diante do testemunho explícito de Apocalipse 20 de que a vida nos céus das almas executadas seja a primeira ressurreição.

Os pós-milenistas kikkianos/cristãos reconstrucionistas estão errados na sua explicação da prisão de Satanás. Kik explica a prisão como restringindo Satanás de ter “controle completo sobre

as nações do mundo” (*Escathology* [Escatologia], pp. 203-208). Mas Satanás *realmente* possui “controle completo sobre as nações do mundo.” É claro que Satanás não é o soberano Todo-Poderoso. O Deus triúno é soberano. Porém, Satanás controla as nações do mundo de acordo com a condição espiritual delas. A Escritura o chama de “deus deste mundo”. A História comprova que, pelos últimos 1900 e tantos anos, Satanás governou as nações em consonância com a vida espiritual e moral delas.

A prisão de Satanás é a sua restrição neste único aspecto: ele não pode estabelecer o reino do anticristo. Isso é inaceitável para o pós-milenismo, pois já se decidiu que o anticristo é uma coisa do passado, que já se cumpriu na época do Império Romano desde 65 d.C até aproximadamente 313 d.C.

Kik também está enganado quando ele explica que Satanás é amarrado *pelas ações da igreja*. A igreja tem a grande corrente. Ela poderia quase que completamente “restringir a influência dele sobre as nações”. É culpa da igreja que o diabo possua tanta influência no mundo. Se ao menos a igreja desse ouvidos aos cristãos reconstrucionistas e se esforçasse em tomar e manter o domínio na terra, Satanás seria amarrado (veja *Escathology* [Escatologia], p. 196).

Isso é obviamente falso. O anjo que prende Satanás não é a igreja, mas o servo do Senhor Jesus Cristo que ascendeu. Cristo amarrou Satanás. A explicação de Kik é uma negação de que Satanás já esteja, de fato, amarrado. Como a igreja ainda não se esforçou em tomar o domínio pra si, Satanás ainda não está preso. Mas o texto diz que ele foi preso “... e o prendeu por mil anos” (versículo 2).

Apocalipse 20 contra os Pós-milenistas

Apocalipse 20 não dá apoio algum ao pós-milenismo, pelo contrário, é uma refutação desse erro. Os santos não conquistam uma vitória terrena no mundo; na verdade, eles sofrem e são mortos. A História não chega ao seu fim com o triunfo terreno

da igreja; ao invés disso, Satanás é solto, e os exércitos dos ímpios atacam a igreja e os santos. A esperança diante do povo de Deus não é um reino carnal na terra, na realidade, é a nossa vida e o nosso reino com Cristo no céu no momento da morte.

Essa esperança, junto com a esperança adjunta da ressurreição do corpo no Dia de Cristo, não torna o amilenista reformado passivo na terra. É precisamente o oposto. Justamente porque nós estamos seguros de que o pior que o inimigo pode fazer é nos apressar aos céus e aos nossos tronos, nós somos encorajados a sermos fiéis e diligentes em nosso testemunho da Palavra de Deus. Esse é o chamado da igreja no mundo.

E isso é uma preparação para a “pequena temporada” que está na frente da igreja, a soltura de Satanás. □

Apostasia e Perseguição

Novo

capítulo

A doutrina reformada sobre as últimas coisas indica que os últimos dias serão um tempo de abandono da fé por várias pessoas, e também de perseguição da verdadeira igreja por um mundo maligno. A apostasia e a perseguição caracterizam toda a era desde a ascensão de Cristo até a Sua segunda vinda. Elas aumentam e se intensificam bem no fim, se ligando com a chegada do anticristo e o estabelecimento de um reinado universal da besta.

A fé reformada repudia a ideia de que as últimas coisas guardem um futuro de conversão da maior parte da raça humana, de tal forma que a igreja verdadeira de Cristo esteja na posição de perseguir os ímpios.

Os Credos Reformados

A doutrina reformada é estabelecida pelos credos reformados. Esses credos ensinam que os últimos dias serão um tempo de apostasia e perseguição. A Segunda Confissão Helvética (1566), expressando a convicção de todos os líderes reformadores, afirmou:

“E do céu, o mesmo Cristo retornará para o juízo, quando a impiedade estiver em seu ápice no mundo, e quando o Anticristo, tendo corrompido a verdadeira religião, tiver envolvido todas as coisas com superstição e impiedade, e tiver cruelmente assolado a Igreja com derramamento de sangue e chamas (Dn, cap. 11). Mas Cristo voltará para reclamar os seus, e pela sua vinda, destruir o Anticristo... Nós condenamos, além disso, os sonhos judaicos de que haverá uma era dourada na terra antes do Dia do Juízo, e que os piedosos, tendo subjugado todos os seus inimigos ímpios, entrarão na posse de todos os reinos da terra. Pois a verdade evangélica em Mat., caps. 24 e 25, e Lucas, cap. 18, e o ensino apostólico em II Tes., cap. 2, e II Tim., caps. 3 e 4, apresentam coisa inteiramente diversa” (*Reformed Confessions of the 16th Century* [Confissões Reformadas do Século XVI], ed. Arthur C. Cochrane, Westminster Press, 1966, Cap. 11).

As duas seções principais de escatologia nas “Três Formas de Unidade” são a Pergunta 52 do Catecismo de Heidelberg e o Artigo 37 da Confissão Belga. A Pergunta 52 do Catecismo coloca todo crente – e, como consequência, a igreja verdadeira – em circunstâncias de perseguição por toda a presente era:

“Pergunta 52. Como a volta de Cristo ‘para julgar os vivos e os mortos’ conforta você?”

Resposta: Em todas as minhas miséria e perseguições, espero de cabeça erguida aquela exata pessoa que se

ofereceu por mim,... que virá como juiz do céu: Ele lançará todos os Seus e os meus inimigos na condenação eterna, mas Ele me levará para Si mesmo junto com todos os seus eleitos para alegria e glória celestiais.”

O artigo 37 da Confissão Belga faz o mesmo. Ele declara que o juízo final é

“grande gozo e conforto para os justos e eleitos. Para eles, a plena redenção se completará, e eles receberão os frutos de seus labores e das angústias que sofreram. A inocência deles será reconhecida diante de todos, e eles contemplarão a terrível vingança que Deus trará sobre os ímpios que os perseguiram, oprimiram e tiranizaram neste mundo.”

O artigo continua e diz que somente neste momento, do retorno de Cristo, os fiéis e eleitos serão coroados com glória e honra, todas as lágrimas serão enxugadas dos seus olhos e “a causa deles — no presente, condenada como herética e maligna por tantos juízes e autoridades civis — será reconhecida como a causa do Filho de Deus.”

Não só inexistem coisas nessas doutrinas sobre qualquer tipo de esperança de uma “era dourada”, como também os artigos claramente rejeitam a ideia de um reino terreno de Cristo na História.

Os ímpios sempre irão dominar. Os governantes do mundo sempre condenam a causa da igreja verdadeira. Os homens maus sempre oprimem os santos. A única esperança da igreja no mundo, e o seu resgate total, é a segunda vinda de Cristo e o juízo final.

Isso é doutrina reformada.

O pós-milenismo não tem base alguma nos credos reformados. O pós-milenismo se choca com os credos reformados. O pós-milenismo é condenado pelos credos reformados, de forma explícita pela Segunda Confissão Helvética de 1566, e de forma implícita pelos demais.

Uma Guerra Constante

Tal como é verdade sobre todas as doutrinas existentes nos credos reformados, o amilenismo se baseia no claro ensino da Bíblia.

A promessa original do Evangelho em Gênesis 3:15 traz uma inimizade entre a igreja e o mundo perverso, que descende espiritualmente de Satanás: “Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua semente e a semente dela...” Inimizade é guerra. Na guerra, os ímpios – crias de Satanás – fazem um mal real, embora não fatal, aos santos: “... tu lhe ferirás o calcanhar.” Essa guerra, com os seus sofrimentos para o povo de Deus, continua até o fim

dos tempos, o retorno de Cristo, pois Romanos 16:20 promete à igreja apostólica que “o Deus da paz, em breve, esmagará debaixo dos vossos pés a Satanás...” Ainda que esmagado primordialmente na cruz, Satanás não será esmagado completamente até que o Senhor retorne para lançá-lo no lago de fogo (Ap. 20:10). Enquanto isso, ele fere o calcanhar do corpo de Cristo no mundo, sem trégua alguma.

O Salmo 2 ensina que os reis da terra tolaemente se colocam contra Jeová e o Seu Cristo até que Cristo os quebre com uma vara de ferro. Apocalipse 19:11 em diante deixa claro que a destruição desses inimigos furiosos com uma vara de ferro irá ocorrer na segunda vinda de Jesus Cristo. Fica evidente que Apocalipse 19:11 em diante se refere à segunda vinda por causa da abertura do céu (versículo 11) e pelo fato de que, nesse momento, o anticristo e o seu falso profeta são lançados no lago de fogo (versículo 20). Até o retorno pessoal de Cristo, as nações sob os governos dos reis da terra travam guerra contra Ele, pois Ele está presente em Sua Igreja pela Sua Palavra.

O clímax dessa guerra contra a semente da mulher pela semente da Serpente será a perseguição da igreja pelo anticristo. Isso ainda está no futuro para a igreja do final do século XX. Em Apocalipse 13, João profetizou que o reinado mundial da besta faria uma guerra com os santos. Em Apocalipse 19, o apóstolo nos diz que essa besta, com o seu falso profeta, aparece na História imediatamente antes da segunda vinda de Cristo. Na Sua vinda, Cristo lança a besta e o falso profeta no lago de fogo (versículo 20).

Esse é o ensino claro e irrefutável de 2 Tessalonicenses 2. Aquele individuo, que é o “homem do pecado”, o “filho da perdição”

e “aquele Iníquo”, estará presente quando o Senhor Jesus retornar, pois o Senhor “o consumirá com o espírito de sua boca, e o destruirá com o brilho de sua vinda” (versículo 8). Em síntese, ele vai se opor e se exaltar sobre tudo o que se chama Deus, ou que é adorado, e dirá que ele é o próprio Deus. Esse é o anticristo (versículo 4). Ele irá se opor a Cristo (que é a revelação de Deus), e ele irá se apresentar como o vicário de Cristo, ou substituto. Ao se opor a Cristo, ele necessariamente irá se opor à igreja de Cristo. Essa será a grande tribulação para a igreja.

Os cristãos reformados divergem sobre a identidade do anticristo, seja ele um papa específico no futuro da Igreja Católica Romana ou uma figura política que terá o apoio da falsa igreja liderada por Roma. Mas não pode existir controvérsia entre nós de que o anticristo e o seu ataque sobre a igreja são futuros.

Essa visão do futuro está em harmonia com o testemunho de todas as Escrituras de que a perseguição será sempre a parte destinada aos crentes. “Bem-aventurados sois,” disse Cristo, “quando os homens vos injuriarem e vos perseguirem... por minha causa” (Mat. 5:11). “No mundo, tereis aflições,” Ele disse à igreja em Sua partida (João 16:33). Em todas as eras, os eleitos de Deus testemunham, “Por amor de ti, somos entregues à morte o dia todo, somos considerados como ovelhas para o matadouro” (Rm. 8:36). Em 2 Timóteo 3, o apóstolo descreve de forma expressa os “últimos dias”, ou seja, a presente era entre a ascensão de Cristo e o Seu retorno, como o período no qual “todos os que viverão piedosamente em Cristo Jesus sofrerão perseguição” (versículo 12).

A Escritura contradiz o sonho do pós-milenismo de uma vitória terrena da igreja no futuro.

A Igreja Verdadeira Se Torna Menor

Encaminhando tudo à luta final e furiosa dos lacaios de Satanás sob o homem de Satanás contra a igreja de Cristo está a grande apostasia. Isso se trata de um abandono total da verdade por muitos que um dia confessaram a fé. Ou eles confessaram a fé de modo verdadeiro no passado, ou confessaram de forma mentirosa pessoalmente.

O futuro não é o promissor com conversões em massa, muito menos a conversão a Cristo da maior parte da humanidade, como é o sonho do pós-milenismo. Pelo contrário, o futuro é negro com a certeza de uma apostasia de Cristo da parte de quem um dia O professou. Essa é a doutrina clara e conclusiva do apóstolo em 2 Tessalonicenses 2:3: “Ninguém, de nenhum modo, vos engane, porque isto não acontecerá sem que primeiro venha a apostasia e seja revelado o homem do pecado, o filho da perdição.” O dia de Cristo, isto é, o dia da sua vinda pessoal e visível é precedido pelo sinal do anticristo, e o anticristo é precedido e produzido pela apostasia. Um sinal impressionante do fim, no dia de Cristo, é o abandono da verdade do Evangelho. No que essa apostasia consiste e como ela ocorre estão ilustrados nos versículos 9-12.

O abandono já tinha começado na era dos apóstolos, conforme a luta deles contra o legalismo, o gnosticismo e o antinomismo demonstram. Ela ganhou ímpeto no desenvolvimento do Catolicismo Romano. Quase de uma só vez após a Reforma, o Protestantismo começou a apostatar no arminianismo, no liberalismo e no misticismo representado hoje pelo movimento carismático.

Àqueles que têm olhos para ver os sinais bíblicos, a condição atual das igrejas manifesta claramente a verdade do amilenismo reformado.

A tática pela qual o pós-milenismo tenta fugir da força das passagens bíblicas que predizem apostasia e perseguição nos últimos dias é, ao mesmo tempo, desesperada como é fatalmente perigosa. Ela consiste em dizer que todas essas passagens se referem a um evento no passado. Esse evento é a destruição de Jerusalém em 70 d.C. Qualquer coisa que esteja no Novo Testamento, assim como no Antigo, que profetize tribulação para o povo de Deus já se cumpriu completamente. Nada mais se aplica à igreja. Dessa forma, muitas partes da Sagrada Escritura se tornam irrelevantes para a igreja, incluindo a maior parte do livro de Apocalipse.

Gary DeMar, que se orgulhou da poderosa exegese pós-milenista, interpreta II Tessalonicenses 2 de tal forma que nada no capítulo seja futuro. O homem do pecado era um “contemporâneo” do apóstolo Paulo. O dia do Senhor era o dia da destruição de Jerusalém. A apostasia foi a rejeição dos judeus após a ascensão de Cristo. A vinda de Cristo era a vinda de Jesus em julgamento sobre Jerusalém (veja *Last Day Madness: Obsession of the Modern Church* [Loucuras dos Últimos Dias: Obsessão da Igreja Moderna], American Vision, 1994, pp. 311-350).

Fundamental para essa distorção da Palavra de Deus nos anseios de um reino carnal está o entendimento pós-milenista de Mateus 24, o grande discurso escatológico de Jesus.

Nós olharemos essa passagem a seguir. □

Mateus 24



O pós-milenismo nas igrejas reformadas ensina que os santos devem esperar uma vitória terrena no futuro antes da vinda de Cristo. A maior parte da raça humana se converterá a Cristo e será acrescentada à igreja. O mundo será “cristianizado”. Os cristãos irão governar todas as nações, controlando todos os aspectos da vida nacional, além de dominarem qualquer resquício de impiedade, havendo punição por qualquer má conduta, sendo os infratores compelidos a obedecerem às leis de Deus.

Não haverá um grande abandono da fé pelas igrejas cristãs e por cristãos professos no futuro.

Não haverá anticristo e nem um reinado mundial anticristão.

Não haverá uma grande perseguição, nem tribulação, da igreja verdadeira no futuro.

A isso, o estudante reformado da Bíblia reage com espanto. A sua surpresa se deve em parte à sua própria percepção dos acontecimentos em curso na História, tanto na igreja como no mundo.

Inexistência de apostasia na esfera da igreja? E quanto à enorme apostasia na igreja primitiva pós-apostólica e da era medieval que resultou no falso Catolicismo Romano? E quanto à

apostasia terrível dentro do Protestantismo que começou logo após a Reforma e que continua até o exato momento presente?

O liberalismo teológico já destruiu multidões dentro das principais igrejas e cresce como um câncer em igrejas que ainda carregam o nome de ortodoxas. A mentira do Arminianismo domina em grande parte o fundamentalismo e o meio evangélico. O falso evangelho do movimento carismático seduz muitos outros.

Ausência de ajuntamento das nações sob uma cabeça diabólica pelo espírito de um homem autônomo e idolatrado? Qual é, então, o significado da rejeição sem descanso no Ocidente de cada vestígio de influência cristã na vida nacional? Como se explica o fato de que as “nações cristãs” sistematicamente repudiam a autoridade do Deus soberano conforme expressa em Sua lei, não só na Escritura, mas também, e até mesmo *na natureza*, e normatizam a vontade do próprio homem, em rebeldia audaciosa contra a vontade de Deus? Por que a abolição oficial e nacional de Deus e da Sua lei das escolas? Por que a elaboração de leis nacionais autorizando o assassinato de milhões de bebês ainda não nascidos? Por que a aprovação oficial e nacional do homossexualismo?

Se não deve haver qualquer tipo de união das nações sob o reinado do anticristo, por que existe, de maneira clara, a aproximação de todas as nações da terra, Oriente e Ocidente, “cristão” e não cristão, com base na insistência deles de que o homem e a sua felicidade são a coisa principal, aliás, a única coisa que existe?

Este não é o espírito do anticristo? Este não é o espírito do homem que irá se opor e se exaltar a si mesmo sobre tudo o que se chama Deus ou que é objeto de culto (II Tess 2:4)? Esta não é a formação do reinado mundial, cujo nome é o número 666 – o

número do homem independente de Deus – e que será uma blasfêmia gigantesca contra Deus, a igreja e os santos (Ap. 13)?

Inexistência de perseguição mundial e intensa, quando nós já conseguimos sentir no “Ocidente Cristão” que o Estado anticristão irá se voltar contra aqueles que chamam o aborto de assassinato, que condenam o homossexualismo por ser uma perversão, que não se curvam ao feminismo na igreja ou na família, que confessam, em resumo, que Jesus é o Senhor?

O pós-milenista irá desdenhar disso e dizer que se trata de uma “exegese jornalística”. Fato é, contudo, que o cristão pode e deve ver os sinais na História da vinda do Senhor. O Próprio Cristo ordena e elogia isso (Mt. 16:3; Mt. 24). O apóstolo de Cristo usou os sinais de apostasia e do anticristo como uma proteção contra expectativas tolas acerca do dia de Cristo a qualquer momento (II Tess. 2:1-3).

As previsões felizes do pós-milenismo para a igreja no mundo são derrubadas por 2.000 anos de História.

A negação do pós-milenismo de apostasia, anticristo e perseguição é refutada por eventos históricos.

Em contrapartida, o amilenismo permanece verdadeiro na História, no passado e no presente. Observe-se apenas este elemento vital na controvérsia: a igreja verdadeira tem sido e é o remanescente fiel segundo a eleição da graça. Quando e onde a igreja verdadeira foi a maioria? Era o remanescente nos tempos apostólicos; era o remanescente no tempo da Reforma Protestante; é o remanescente nos dias de hoje. Ora, mesmo em Israel/Judá, era o remanescente.

A percepção dos acontecimentos do mundo à luz da profecia das Sagradas Escrituras não é, ainda assim, a maior razão

para a surpresa do cristão reformado quanto ao mundo de sonhos do pós-milenismo. A sua surpresa diante da previsão positiva do futuro terreno se dá, principalmente, pelo testemunho contrário da Bíblia.

O que dizer da predição dos apóstolos de abandono da fé nos últimos dias em II Tess 2:3; II Tim 3 e 4; II Pedro 2 e I João 2:18-19?

O que dizer do aviso do apóstolo de um anticristo por vir em II Tessalonicenses 2?

O que dizer do alerta do apóstolo aos santos sobre uma tribulação ainda restante como um elemento daquelas coisas que têm que acontecer antes da vinda do Senhor, em Apocalipse, nos textos de 3:10; 6:9-11; 7:9-17; 11:1-12; 12:17; 13; 14:9-13; 15:2; 16; 17; 19:2; 19:21; 20:4 e 7-10?

A resposta dada pelo pós-milenista, em especial pelo cristão reconstrucionista (como Gary DeMar, que requisitou esta defesa bíblica do amilenismo), para todas essas perguntas espantosas pelo cristão reformado é que todas as profecias de apostasia, anticristo e tribulação já foram completamente cumpridas. Elas são *eventos do passado*. A igreja de hoje não precisa se preocupar com elas. Nada delas ainda é futuro. Tudo foi cumprido na destruição de Jerusalém em 70 d.C.

O pós-milenista Gary DeMar escreve: “É antibíblico usar o termo ‘Anticristo’ para a era presente ou para um governante político do futuro. O contexto apropriado é teológico e anterior à 70 d.C.” (*Last Day Madness* [Loucuras dos Últimos Dias], p. 204).

O mesmo autor escreveu que a igreja tem que reconhecer que “a Grande Tribulação é um evento do passado” ou que “a

tribulação se referia aos judeus, o povo da Judéia.” Era a “destruição de Jerusalém” (*Last Day Madness* [Loucuras dos Últimos Dias], p. 119-120).

A base exegética da visão grandiosa do Cristianismo Reconstrucionista de um mundo “cristianizado” – a vitória do Evangelho na História – é, na maior parte, a interpretação de Mateus 24 por J. Marcellus Kik. A interpretação presbiteriana do discurso escatológico de Jesus tem sido remodelada em um livro cujo título é *An Eschatology of Victory* [Uma Escatologia de Vitória], Presbyterian and Reformed, 1971), pp. 53-173.

Kik expõe o capítulo de tal maneira que os versículos 4-31 se refiram exclusivamente à destruição de Jerusalém por Roma em 70 d.C. Nada nesses versículos se refere à segunda vinda de Jesus e aos eventos que imediatamente precedem a Sua vinda. A abominação da desolação no versículo 15 se refere somente à destruição do templo pelas “bandeiras idólatras” do exército romano invasor (p. 104). A “grande tribulação” do versículo 21 se refere somente ao sofrimento dos judeus na época da destruição de Jerusalém. Os falsos cristos e profetas do versículo 24 se referem somente aos messias impostores e falsos mestres entre os judeus naquele tempo.

A “vinda do Filho do Homem” nos versículos 27 e 30 não é o retorno visível e corpóreo de Cristo, mas a Sua revelação na pregação do Evangelho pelos apóstolos. O ajuntamento dos eleitos pelos anjos no versículo 31 é a salvação espiritual dos eleitos através do Evangelho. “Anjos” são pregadores humanos.

Os sinais preliminares nos céus no versículo 29 não são um escurecimento literal do sol e da lua antes da segunda vinda de Jesus, mas sim a extinção da luz metafórica dos judeus como uma nação em 70 d.C. “O sol do Judaísmo foi escurecido” (p. 128). O abalo dos poderes dos céus no versículo 29 “se refere à Satanás e aos seus anjos” (p. 133).

A base para esse entendimento de Mateus 24:4-31, de acordo com Kik e seus discípulos “cristãos reconstrucionistas”, é a frase de Jesus no versículo 34:

“Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que tudo isto aconteça.”

Kik afirma que essa frase significa, de modo bem simples, que cada profecia de Cristo nos versículos 4-31 foi cumprida exhaustivamente no tempo de vida da geração que estava viva ao tempo da instrução de Jesus. Tudo foi exhaustivamente cumprido em 70 d.C. na destruição de Jerusalém. Nada profetizado nos versículos 4-31 pertence à segunda vinda.

“A chave para Mateus Vinte e Quatro é o versículo 34... Cada coisa mencionada nos versículos anteriores deveria (*sic*) se cumprir antes que a geração contemporânea falecesse... Os primeiros trinta e quatro versículos de Mateus 24, junto com o versículo 35... lidam com a destruição de Jerusalém” (pp. 59, 60 e 67).”

Gary DeMar concorda:

“Os eventos ensaiados no Discurso das Oliveiras são sinais direcionados e que incluem a destruição de Jerusalém em 70 d.C. Esses capítulos não possuem relação alguma com quando Jesus irá retornar para o juízo final. Não há sinais

observáveis direcionados ao Seu retorno corpóreo” (*Last Days* [Últimos Dias], p. 151).

Essa interpretação de Mateus 24 é basilar para a negação pós-milenista de apostasia, anticristo e grande tribulação para a igreja no futuro. Pois à luz de Mateus 24, o pós-milenista percorre todo o Novo Testamento rigorosamente aplicando a predição dessas coisas à destruição de Jerusalém.

Fundamental para essa interpretação de Mateus 24 é a explicação de Kik do versículo 34, a “chave” para o capítulo. Se Kik estiver errado sobre isso, toda a sua concepção pós-milenista de um futuro terreno colapsa como uma casa de cartas

“Não passará esta geração sem tudo que isto aconteça.”

Será que Cristo ensina que todos os detalhes dos versículos antecedentes se cumpriram exhaustivamente em 70 d.C.?

Nós veremos isso. □

Mateus 24 (continuação)



A dificuldade aparente com as palavras de Jesus em Mateus 24:34 é que elas parecem predizer o fim do mundo durante o tempo de vida dos Seus discípulos. Ele está instruindo os discípulos acerca da destruição de Jerusalém e do fim do mundo (versículo 3). Ele acabou de falar sobre a Sua vinda visível e corpórea nas nuvens (versículo 30). Então, no versículo 34, Ele declara, “Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que todas essas coisas se cumpram.”

A verdade é que, de fato, Ele não retornou, tampouco o mundo acabou no tempo de vida da geração a quem Ele estava falando.

Várias soluções erradas foram propostas para essa dificuldade aparente. O liberalismo teológico encontra no texto a evidência de que o Próprio Jesus, como os Seus apóstolos mais tarde, errou ao supor que o Seu governo pessoal, glorioso, perfeito e Messiânico sobre todo o mundo ocorreria dentro de poucos anos. Isso é incredulidade.

Outros interpretam “geração” para se referir à raça judaica, aos crentes ou à raça humana. Por essa visão, Jesus meramente afirmou que haveria judeus, ou crentes ou humanos ainda vivos quando Ele fosse retornar. Essa é uma leitura forçada e artificial do texto. É um esforço para se escapar da dificuldade

posta pelas palavras de Jesus. Ela não faz justiça à afirmação veemente de Jesus no versículo 35 sobre a verdade das Suas palavras.

Conforme mostrado no capítulo 10, o pós-milenista presbiteriano J. Marcellus Kik limitou a referência da expressão “todas essas coisas” para a destruição de Jerusalém em 70 d.C. Nisso, há a noção implícita de que os versículos 3-31 falam exclusivamente da destruição de Jerusalém. Não há nada nesses versículos que se aplique para a igreja no fim do século XX. Tudo foi exaustivamente cumprido na destruição de Jerusalém. Tudo é passado. Kik é seguido nessa exegese pelo movimento cristão reconstrucionista.

Essa explicação é obviamente falsa na medida em que ignora que o ensino de Jesus responde à pergunta dos Seus discípulos sobre a Sua vinda e o fim do mundo, não se tratando apenas da destruição de Jerusalém (versículo 3). Além disso, Jesus fala nos versículos 3-31 de eventos que não podem por qualquer esforço de imaginação serem restritos à destruição de Jerusalém. Tal é a menção no versículo 14 da vinda “do fim” (grego: *to telos*) após o Evangelho do reino ser pregado em “todo o mundo” (literalmente, “em toda a terra habitada”) “para testemunho a todas as nações”. Assim também são os eventos retratados nos versículos 29-31: os sinais catastróficos nos céus; o sinal do Filho do Homem; a vinda visível do Filho do Homem nas nuvens; e o ajuntamento dos eleitos pelos anjos com o som estrondoso de uma trombeta.

Como, então, o versículo 34 deve ser entendido?

O sentido natural da expressão “essa geração” é o tempo de vida natural daqueles a quem Jesus estava falando. Se uma

geração dura 40 anos, “todas essas coisas”, faladas nos versículos 3-31, teriam e tiveram de ocorrer em 40 anos após Jesus as profetizar.

“Todas essas coisas” iriam *acontecer* ou *ocorrer*. A tradução da *King James*, “serem cumpridas” [no original em inglês dessa tradução bíblica: *be fulfilled*], pode ser enganosa, como se todas essas coisas fossem ocorrer completa e exaustivamente durante o período daquela geração. O grego é simplesmente: “... até que todas essas coisas *aconteçam*” (*geneetai*).

“Todas essas coisas” são as coisas que possuem relação com a destruição de Jerusalém, a (segunda) vinda de Jesus Cristo e o fim do mundo. Essas eram as coisas sobre as quais os discípulos indagaram a Jesus no versículo 3. Essas eram as coisas que Jesus profetizou nos versículos 4-31.

Todas essas coisas iriam acontecer antes que a geração referida por Jesus passasse. Elas iriam acontecer dentro de 40 anos. Elas iriam acontecer na destruição de Jerusalém pelo Senhor Jesus Cristo já ressurreto e ascendido, por meio do exército romano em 70 d.C.

Todas essas coisas iriam acontecer *como um tipo*, ou ainda, *no tipo histórico*.

A destruição de Jerusalém foi um tipo histórico ordenado por Deus de livramento dos eleitos da igreja no momento da segunda vinda de Cristo através do juízo da tribulação. A igreja do Novo Testamento foi liberta pela destruição de Jerusalém. Ela foi liberta do ódio perseguidor da nação judaica. Ela foi liberta do insistente laço de caráter judaico do culto agora transcendido do

Antigo Testamento: o serviço no templo; as leis civis e cerimoniais da nação de Israel; as formas terrenas de promessas e esperanças do povo de Deus. O grande templo tinha que ser lançado ao chão, até a última pedra, a fim de que a igreja madura de crentes judeus e gentios pudesse florescer em sua espiritualidade sob o Novo Testamento.

Esse livramento ocorreu por meio de luta, aflição e tribulação.

Certamente, todas essas coisas ocorreram em 70 d.C.

Como um tipo!

Meramente como um tipo!

Não exaustivamente!

Não como a realidade!

A realidade ainda estava no futuro, a partir do ponto de vista vantajoso da igreja de pé sobre as ruínas de Jerusalém em 70 d.C. A Igreja Primitiva entendeu isso muito bem, como é evidente a partir da sua exegese de Mateus 24 e passagens correlatas depois de 70 d.C.

A realidade ainda está no futuro do ponto de vista vantajoso da igreja do final do século XX. A realidade, como a pergunta dos discípulos no versículo 3 claramente demonstra, é a vinda de Cristo e o fim do mundo.

Como sempre é o caso com tipos, a destruição de Jerusalém foi de escala bastante menor do que o cumprimento total do livramento dos santos através do juízo como meio. Dessa

maneira, os versículos 29-31 de Mateus 24 tornam essa falha do tipo clara sem sobra de dúvidas. Esses eventos aguardam a realidade: o fim do mundo.

Mas, que essa realidade foi tipificada na destruição de Jerusalém, é algo certo.

A ocorrência do tipo de acordo com as palavras de Jesus que não passariam comprova isso. □

Mateus 24 (continuação)



Mateus 24 e 25 são a resposta de Jesus à pergunta de seus discípulos na passagem de Mateus 24:3. A pergunta foi, “Quando essas coisas irão acontecer? E qual será o sinal da Tua vinda e do fim do mundo?” A pergunta uniu a destruição do templo em Jerusalém no ano de 70 d.C. com o fim do mundo na segunda vinda de Jesus Cristo. A resposta de Jesus, de igual modo, une esses dois eventos. O motivo para a união desses dois eventos no grande discurso do nosso Senhor sobre as últimas coisas (escatologia) é que a destruição de Jerusalém foi um tipo histórico do fim do mundo.

Pelo texto de Mateus 24:4-31, Jesus instrui a Sua igreja acerca do fim do mundo e das coisas que a igreja deve esperar antes do fim do mundo, por meio do exemplo ou tipo da destruição de Jerusalém.

Na medida em que a destruição de Jerusalém foi o tipo do fim, tudo o que Jesus ensinou nos versículos precedentes pode ser dito no versículo 34 para que “seja cumprido”, isto é, aconteça, em 70 d.C. Mas essas coisas não acontecem *exaustivamente* em 70 d.C. Elas não ocorrem de forma alguma *como a realidade* em 70 d.C. A realidade de todas essas coisas irá acontecer quando Jesus vier fisicamente no fim do mundo.

Da mesma forma que se dá com a destruição de Jerusalém e o fim do mundo, assim também se dá com o cumprimento de outras grandes profecias das Escrituras. A profecia de Balaão em Números 24:12-25 do rei que viria de Jacó foi cumprida historicamente em Davi, o filho de Jessé. A menção de várias outras nações bárbaras as quais o rei iria submeter mostra isso. Todas as coisas da profecia de Balaão aconteceram na vida e no reino do rei Davi.

Mas apenas de forma típica. Não exaustivamente. Não como sendo a realidade.

O acontecimento real dessas coisas – o cumprimento – está na autoridade real de Jesus Cristo.

De semelhante modo, a promessa à Abrão de que a sua semente receberia a terra desde o Nilo até o Eufrates foi tipicamente cumprida no glorioso reino de Salomão (Gn 15:18; II Cr 9:26).

Mas não como sendo a realidade.

A realidade é a presente extensão do reino espiritual de Jesus Cristo, reino este que ainda está se expandindo e que será aperfeiçoado em todo o universo na vinda de Cristo.

O reino de paz do Salmo 72 é, por todo o Salmo, tanto o reino terreno sob Salomão, como o reino espiritual de Jesus, o Messias. Mais precisamente, é o reino espiritual do Messias já presente como sombra no reino terreno sob Salomão.

A Tradição Reformada: Ridderbos e Calvino

A explicação de Mateus 24:1-35 em termos de tipo/antitipo, ou exemplo/realidade, advém da sólida tradição reformada.

Exatamente sobre essa dificuldade, isto é, de como Jesus poderia dizer em Mateus 24:34 que “essa geração não passará até que todas essas coisas se cumpram,” o exegeta reformado holandês Herman Ridderbos escreveu:

“Por ‘todas essas coisas’ (que Ridderbos chamou de *‘dit alles,’* ‘tudo isso’ – DJE)... (deve) ser entendido... todo o conjunto de acontecimentos da última era, incluindo a vinda do Filho do Homem. Nesse diapasão, deve-se levar em consideração o caráter combinatório da representação do futuro aqui delineada... O ponto inicial de todo esse discurso reside na destruição do templo. E, por isso ser visto de acordo com a natureza da profecia em uma única dimensão (*‘in een vlak’*) com o grandioso futuro do Senhor, é possível que se diga que a geração que testemunharia essa destruição não passaria ‘até que todas essas coisas se cumprissem.’ Aqui, portanto, o grandioso futuro é novamente tratado de uma forma complexa e indiferenciada. À luz do cumprimento, fica evidente que ‘todas essas coisas’ (*‘dit alles,’* de acordo com Ridderbos – DJE) não se concretizaram de uma só vez e, por conseguinte, seriam vistas meramente de forma parcial pela geração que então vivia... A exegese (de Mt. 24 – DJE)

tem que adotar aqui o ponto de vista histórico, ou seja, tem que proceder da forma profética de escatologia. Veja também o comentário em Mateus 24:14 (*The Gospel according to Matthew* [O Evangelho de acordo com Mateus], vol. 2, Kok, 1954, pp. 157-158, em *Korke Verklaring*: a tradução do holandês é minha [nota: o professor Engelsma se refere ao texto holandês traduzido ao inglês, este tendo sido traduzido ao português por mim]).

Essa também era a interpretação de Calvino de Mateus 24:34. Pelo fato da interpretação de Calvino ser, ao mesmo tempo, clara e estrondosa; por representar a tradição reformada, certamente, a tradição da Reforma Protestante; e por destruir a nova interpretação de Kik e dos cristãos reconstrucionistas, ela merece ser citada em sua totalidade:

“Embora Cristo empregue uma expressão genérica, ainda assim Ele não estende os discursos para todas as misérias que recairiam sobre a Igreja, mas meramente os informa que antes que uma única *geração* se completasse, eles iriam aprender pela experiência a verdade do que Ele havia dito. Pois dentro de cinquenta anos, a cidade foi destruída e o templo foi derrubado ao chão, toda a terra foi reduzida a um deserto horrendo, e a obstinação do mundo se elevou contra Deus. Certamente que a intensidade disso é maior

ainda, a sua raiva foi inflamada para o extermínio da doutrina da Salvação, falsos mestres surgiram para corromper o puro Evangelho por seus enganos, a religião suportou terríveis ataques, e toda a companhia dos piedosos foi miseravelmente conturbada. Agora, ainda que as mesmas maldades tenham perpetrado em uma sucessão ininterrupta por várias eras em diante, contudo, o que Cristo disse foi verdade, que, antes do fim de uma única *geração*, os crentes sentiriam de modo real, e por uma experiência segura, a verdade da Sua predição; pois os apóstolos suportaram as mesmas coisas que nós vemos no dia de hoje. E, mesmo assim, não era o desejo de Cristo prometer aos Seus seguidores que as suas calamidades terminariam em um curto espaço de tempo, (caso contrário, Ele teria se contradito, tendo previamente avisado a eles que *o fim ainda não viria*) mas, para que os encorajasse à perseverança, Ele profetizou expressamente as coisas relacionadas à própria era deles. O sentido, portanto, é o seguinte: 'Essa profecia não se relaciona a maldades que estão distantes, cuja posteridade testemunhará após um lapso de muitos séculos, mas, na verdade, elas permanecem agora mesmo ao redor de vocês, e elas estão prestes a cair de uma só vez de forma unificada, a fim de que não haja qualquer coisa delas que a presente *geração* não vá experimentar.' Assim, enquanto que o nosso Senhor direciona a uma única *geração* toda a sorte de calamidades, de forma alguma Ele dispensacionalista as eras futuras do mesmo gênero de sofrimentos, mas apenas ordena os discípulos a se

prepararem para suportar todas elas com firmeza.” (*Commentary on a Harmony of the Evangelists, Matthew, Mark and Luke* [Comentário em uma Harmonia dos Evangelistas: Mateus, Marcos e Lucas], vol. 3, tr. William Pringle, Eerdmans, 1949, pp. 151-152).

A explicação de Calvino do versículo 14 do capítulo ora referido (“E será pregado este Evangelho do Reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então, virá o fim”) é a mesma. Calvino nega de plano que a referência ao fim seja exaustiva e exclusivamente para a destruição de Jerusalém, como contendem Kik e os cristãos reconstrucionistas. Calvino aponta ao fato óbvio que é básico para o entendimento correto de toda a passagem, isto é, a “mistura” de Jesus da destruição de Jerusalém e do fim do mundo como exemplo e realidade.

“Isso é inapropriadamente restringido por alguns à destruição do templo e à abolição do serviço da Lei; na verdade, deve-se entender como uma referência *ao fim* e à renovação do mundo. Com essas duas coisas foram misturadas pelos discípulos, como se o templo não pudesse ser derrubado sem a destruição *de todo o mundo*, Cristo, ao responder a toda a pergunta que havia sido colocada para Ele, lembrou-os de que uma longa e melancólica sucessão de calamidades estava para vir, e que eles não

deveriam apressar em pegar o prêmio antes que tivessem passado por muitas disputas e perigos. É dessa maneira, portanto, que nós devemos explicar essa última frase: ‘O fim do mundo não irá chegar antes que Eu tenha provado a minha Igreja por um longo período, através de tentações severas e dolorosas’” (pp. 129-130).

A interpretação de Mateus 24:34 por J. Marcellus Kik e os cristãos reconstrucionistas demandando que tudo exposto em Mateus 24:4-31 tenha ocorrido de forma exaustiva e como sendo a realidade na destruição de Jerusalém é um abandono radical da explicação reformada histórica da passagem. □

Mateus 24 (conclusão)

Treze

capítulo

Posicionando-se decisivamente contra a interpretação de J. Marcellus Kik de Mateus 24:4-45, em especial do versículo 34, conforme Kik mostra em seu livro *An Escathology of Victory* [Uma Escatologia de Vitória] (Presbyterian and Reformed, 1971), estão as seguintes considerações retiradas da passagem em si:

1) A interpretação de Kik ignora a parte da pergunta dos discípulos sobre o “sinal da Tua vinda e do fim do mundo” (versículo 3). Vez após vez em sua explicação de Mateus 24:4-31, Kik apresenta a pergunta que Jesus está respondendo como se fosse somente o questionamento: “Quando essas coisas (sobre a destruição de Jerusalém) irão acontecer?” Kik inicia a sua exposição de Mateus 24:23-28, por exemplo, com as palavras, “Os discípulos desejavam saber quando a destruição de Jerusalém e do seu Templo iriam ocorrer.” De forma não surpreendente, Kik imediatamente diz, “Em resposta àquela pergunta, Jesus primeiramente fornece sinais preliminares nos versículos 4-14.” Kik, então, procede e torna as palavras de Jesus nos versículos 23-28 como referências unicamente à destruição de Jerusalém (*An Escathology of Victory* [Uma Escatologia de Vitória], pp. 121-122).

Mas a pergunta dos discípulos não era somente acerca da destruição de Jerusalém; ela “misturou”, usando o termo de

Calvino, os dois eventos: a destruição de Jerusalém e o fim do mundo. Ao responder à pergunta dos discípulos, Jesus também “misturou” os dois eventos, e Ele fez isso logo no começo da Sua resposta. Que a Sua resposta, já nos versículos 4-31, tinha em vista não só a destruição de Jerusalém, mas também o fim do mundo na Sua segunda vinda é algo indisputavelmente evidente tanto no versículo 6 como no 14, no qual Ele fala “do fim”.

2) A interpretação de Kik é obrigada a fazer duas vindas diferentes de Cristo a partir da menção (idêntica) da Sua vinda (no grego: *parousia*) nos versículos 27 e 37. Em consonância com a regra de ferro de Kik de que tudo antes do versículo 34 se refere somente à destruição de Jerusalém, a “vinda do Filho do Homem” do versículo 27 é apenas o julgamento sobre Jerusalém no ano 70 d.C., enquanto que a “vinda do Filho do Homem” do versículo 37 é a Sua segunda vinda corpórea no fim do mundo. Isso é arbitrário, é uma exegese ilegítima e que viola o cânon da interpretação bíblica o qual insiste que a mesma palavra no mesmo contexto tem de significar a mesma coisa, a não ser que algo claramente torne isso impossível. A exposição de Kik para a palavra “vinda” no versículos 27 e versículo 37 é especialmente irresponsável à luz da pergunta dos discípulos: “... e qual será o sinal da Tua vinda...?”

3) Semelhantemente, Kik é forçado a explicar o termo “anjos” na passagem de maneiras completamente diferentes. No versículo 31, “anjos” tem de significar pregadores do Evangelho. Mas, de repente, no versículo 36, eles são espíritos celestiais. Por quê? Isso se deve porque deixar a palavra “anjos” expressar o sentido de ‘anjos’ no versículo 31 implicaria que o versículo 31 estivesse se referindo à segunda vinda de Jesus no fim do mundo (e é exatamente isso), e isso iria conflitar com a regra de Kik de que

tudo precedendo o versículo 34 tenha de se referir somente à destruição de Jerusalém.

4) A interpretação de Kik é demolida pelas referências óbvias e incontroversas nos versículos 4-31 aos eventos que ocorrem *depois da destruição de Jerusalém*. Assim é a referência no versículo 14 à pregação do Evangelho “por toda a terra habitada (no grego: *oikoumene*) para testemunho a todas as nações.” De igual modo é a referência nos versículos 29-31 às catástrofes nos céus; o sinal do Filho do Homem; o lamento de todas as tribos da terra; a vinda nas nuvens do Filho do Homem, visível a todos; e o ajuntamento dos eleitos, que haviam morrido, pelos anjos ao som da trombeta. A explicação de Kik dessas referências, indicada anteriormente, é nada menos que fazer alegorias para descartar todo esse conteúdo.

5) A interpretação de Kik se fundamenta no versículo 36: “Mas a respeito daquele dia e hora ninguém sabe...” “Daquele dia” se refere a algum “dia” que tem sido o tópico principal de todo o discurso anterior. Esse é o “dia” da segunda vinda corpórea de Jesus Cristo, conforme o versículo 37 deixa explícito. Jesus desenvolveu esse “dia” nos versículos 4-31 como um exemplo pela destruição de Jerusalém e como realidade em Sua segunda vinda. A tese de Kik, portanto, de que Jesus inicia o tratamento de Sua segunda vinda somente no versículo 36 é quebrada pela expressão “daquele dia” no versículo 36. É como se Jesus dissesse no versículo 36, “Aquele dia sobre o qual vocês questionaram no versículo 3 – o dia da Minha segunda vinda no fim do mundo, do qual a destruição de Jerusalém é um tipo – acerca do qual Eu venho falando nos versículos 4-31, é desconhecido quanto ao seu tempo preciso, exceto pelo Meu Pai.”

6) O próprio artifício de separar o tratamento da Escritura de tipo e realidade em uma passagem por meio de uma linha divisória clara, de modo que tudo o que vier antes da linha seja tipo e tudo o que vier depois seja realidade, é artificial. É totalmente estranho ao modo real em que a Escritura apresenta as suas profecias, especialmente aquelas sobre os últimos dias. Aonde no Salmo 2 está a linha divisória clara entre Davi e o Messias? Aonde no Salmo 72 está a linha divisória clara entre o reino de Salomão e o reino de Jesus Cristo? Aonde no Livro de Apocalipse está a linha divisória clara entre a perseguição do Império Romano e o reinado da besta, o anticristo? A Escritura desconhece linhas divisórias claras. Ela apresenta as suas profecias como um todo, com tipo e realidade ligados entre si no texto profético. É isso o que torna a exegese difícil, como todo ministro reformado sabe por experiência.

O Problema Pós-milenista

A interpretação de Mateus 24:34 por Kik e pelos cristãos reconstrucionistas é uma tentativa ousada, senão desesperada, de salvar o esquema pós-milenista de um reinado futuro, terreno e carnal.

Contra a empreitada pós-milenista deles estão todas as profecias maciças do Novo Testamento para a igreja de apostasia, perseguição, anticristo e grande tribulação. Essas profecias de luta e sofrimento da igreja nos últimos dias se originam no discurso escatológico de Jesus em Mateus 24 e 25. Como lidar com isso? Essa, certamente, é a questão para o pós-milenismo, em especial, aquele do ramo cristão reconstrucionista.

Ora, ponha tudo isso no passado sobre os judeus!

Mas isso demanda uma nova e distinta interpretação de Mateus 24, uma interpretação que livra a igreja do Novo Testamento da luta dos últimos dias com a falsa doutrina e a apostasia, e com a perseguição do tempo final pelas mãos do anticristo.

Tal interpretação é fornecida na explicação do versículo 34 que diz que tudo o que foi mencionado antes do versículo 34 aconteceu de forma exaustiva e exclusiva, e também como realidade na destruição de Jerusalém.

Um golpe atordoante, caso pudesse ser feito.

Mas não pode.

Em Mateus 24, nosso Senhor Jesus Cristo ensinou a Sua igreja a esperar luta espiritual e perseguição física até o fim em um mundo que se torna mais e mais maligno e hostil.

Assim como toda a história da igreja no mundo comprova.

Assim como nós vemos hoje com os nossos próprios olhos iluminados pela Escritura.

A interpretação kikkiana e cristã reconstrucionista do capítulo é um fracasso. Pior, é uma falsa doutrina grosseira que faz o Senhor predizer o exato oposto para a Sua verdadeira igreja acerca do que Ele realmente profetizou: vitória terrena em um reino carnal, ao invés de vitória espiritual através da tribulação.

Como o pós-milenismo, ao menos o do ramo cristão reconstrucionista, pela sua própria admissão fica de pé ou cai pela sua interpretação de Mateus 24, ele fica, assim, exposto como

errôneo. Aqueles que têm essa visão deveriam se arrepender disso e abandoná-la prontamente pelo amilenismo.

Mas o pós-milenismo é fundamental para o Cristianismo Reconstrucionista teonômico. Gary North está absolutamente correto quando ele diz: “A teonomia sem o pós-milenismo é impotente...” (“Prólogo”, em Kenneth L. Gentry, Jr., *He Shall Have Dominion* [Ele Terá Domínio], p. xxxvi). Por conseguinte, o Cristianismo Reconstrucionista cai conforme se mostrou.

Uma Questão Prática

A questão é prática.

Cristo e os apóstolos alertaram a igreja que ela precisa esperar uma luta difícil nos últimos dias – nossos dias – com hereges, apostasia, anticristo e a grande tribulação.

A igreja precisa desse alerta.

Com mais frequência! Mais alto!

A sua Salvação está em jogo.

Esse alerta, com o conforto encorajador da preservação da igreja verdadeira e da vitória espiritual, é algo que o amilenismo reformado pode e realmente fornece de verdade.

Somente o amilenismo reformado. □

Aquelas Gloriosas Promessas nas Profecias do Antigo Testamento

Catorze capítulo

São aquelas gloriosas promessas nas profecias do Antigo Testamento que constituem a verdadeira base na Escritura para o sonho pós-milenista. O pós-milenismo faz um apelo morno à Apocalipse 20 (veja o capítulo 8). Eles se referem a textos isolados aqui e ali no Novo Testamento, mas a sua teoria das últimas coisas reside, em última instância, nas profecias do Antigo Testamento, particularmente as profecias do Antigo Testamento do reino Messiânico vitorioso e glorioso que está para vir.

Aqui, nas profecias do Antigo Testamento que revelam grandes promessas para o futuro, estão as bases firmes do pós-milenismo. O governo do Messias sobre as nações com um cetro de ferro no Salmo 2; o reino de paz do Salmo 72; o preenchimento da terra com o conhecimento de Jeová de Isaías 11; a condição próspera dos santos de Isaías 65; e a pequena pedra preenchendo a terra de Daniel 2 – essas são as profecias e essas são as passagens que alicerçam e motivam o pós-milenismo.

Evitando o Testemunho do Novo Testamento

Há uma razão para isso. Há uma razão pela qual o pós-milenismo deliberadamente tem a sua base na Escritura do Antigo

Testamento. A razão é que o Novo Testamento se posiciona contra a teoria deles de uma “era dourada” vindoura para igreja antes do retorno de Cristo. O testemunho maciço do Novo Testamento é que o pequeno rebanho de Cristo sofrerá tribulação em toda a presente era. No fim, a impiedade irá aumentar no mundo, haverá uma grande apostasia na esfera da igreja visível, o anticristo será revelado e os santos irão suportar perseguição (Lucas 12:32; João 15:18 e versículos seguintes; Mt. 24:3-31; II Tess 2:3 e versículos seguintes; Apocalipse).

Herman Bavinck ecoou profunda e poderosamente esse testemunho do Novo Testamento quando ele escreveu:

“Jesus somente conhecia apenas duas eras: a presente e a futura. Na presente era, os Seus discípulos não poderiam esperar nada que não fosse opressão e perseguição, devendo abandonar todas as coisas em prol Dele. Jesus em momento algum predisse um futuro glorioso na terra antes do fim do mundo. Pelo contrário, as coisas que Ele experimentou são as coisas que a igreja irá experimentar. Um discípulo não está acima do seu professor, nem um escravo acima do seu mestre. Somente na era que virá é que os Seus discípulos receberão tudo de volta, junto com a vida eterna (Mt. 19:27-30; Mt. 5:3-12; 8:19-20; 10:16-42; 16:24-27; João 16:2, 33; 17:14-15, etc.)

Todo o Novo Testamento, escrito do ponto de vista da ‘igreja sob a cruz’, fala na mesma linguagem. Os crentes... não devem esperar nada na terra que não seja sofrimento e opressão (Rm. 8:36; Fl. 1:29). Eles são nômades e

estrangeiros (Heb. 11:13); a sua cidadania está nos céus (Fl. 3:20)... Portanto, junto com toda a criação que geme, eles aguardam com grande expectativa o futuro de Cristo e a revelação da glória dos filhos de Deus (Rm. 8:19; 1 Cor. 15:48 e versículos seguintes), uma glória com a qual os sofrimentos do tempo presente não são dignos de serem comparados (Rm. 8:18; 2 Co 4:17). Em nenhum lugar do Novo Testamento existe um raio de esperança que a igreja de Cristo irá novamente ascender ao poder e ao domínio na terra. O máximo que se pode esperar seria que, sob reis e todos aqueles em posições de autoridade, se pudesse viver uma vida sossegada e pacífica em toda piedade e dignidade (Rm. 13:1; I Tim. 2:2). Por conseguinte, o Novo Testamento não recomenda em absoluto as qualidades que permitiriam aos crentes conquistar o mundo. Em verdade, enquanto conclama os crentes a evitarem todo o falso asceticismo (om. 14:14; I Tim. 4:4-5; Tito 1:15), lista como frutos do Espírito as virtudes do amor, alegria, paz, paciência, bondade, generosidade, fidelidade, gentileza e domínio próprio (Gal. 5:22; Ef. 4:32; I Tess 5:14 e versículos seguintes; I Pedro 3:8 e versículos seguintes; II Pedro 1:5-7; I João 2:15, etc.).

É uma expectativa constante do Novo Testamento que, na medida da expansão do Evangelho da cruz, em igual nível a hostilidade do mundo também será manifesta... Nos últimos dias, os dias que precedem o retorno de Cristo, a impiedade dos seres humanos aumentará até um grau assustador. Os dias de Noé retornarão. Luxúria, prazeres sensuais, impiedade, avareza, incredulidade, orgulho, zombaria e calúnia irão emergir de formas assustadoras (Mt. 24:37 e

versículos seguintes; Lucas 17:26 e versículos seguintes; II Tim. 3:1; II Pedro 3:3; Judas 1:18).

Entre os crentes, também haverá uma apostasia de larga escala. As tentações serão tão poderosas que, caso fosse possível, mesmo os eleitos seriam levados a cair. O amor de muitos irá esfriar e a vigilância diminuirá a tal ponto que os sábios irão dormir junto com as virgens insensatas. A apostasia será tão abrangente que Jesus poderia perguntar se, na ocasião da vinda do Filho do Homem, ainda encontraria fé na terra.” (*The Last Things: Hope for This World and the Next* [As Últimas Coisas: Esperança para Este Mundo e para o Próximo], Baker, 1996, pp. 109-110).

Uma Concentração Perigosa no Antigo Testamento

Dessa forma, o pós-milenismo é forçado a se voltar ao Antigo Testamento. Essa transposição do Novo Testamento a fim de se apoiar no Antigo Testamento é errada e perigosa ao mesmo tempo. A razão para tanto não se dá pelo fato do Antigo ser menos inspirado ou de menor autoridade que o Novo. Mas a razão é que o Novo Testamento é o cumprimento do Antigo Testamento. Nesse sentido, tendo em especial relevo a escatologia do Antigo Testamento, o Novo Testamento tanto clarifica como legitimamente explica as profecias do Antigo Testamento sobre as últimas coisas.

Um intérprete fiel lê o Antigo Testamento à luz do Novo Testamento. Ele não força o seu entendimento do Antigo Testamento sobre a doutrina do Novo Testamento.

O. T. Allis, estudioso renomado do Antigo Testamento, chamou atenção ao erro de se ignorar a escatologia do Novo Testamento e, ao mesmo tempo, concentrando-se sobre a do Antigo Testamento, em sua clássica refutação ao pré-milenismo dispensacionalista (a “teoria do arrebatamento”). Ele observou “a tendência de se exaltar o Antigo Testamento às custas do Novo Testamento, de insistir que as suas predições (do Antigo Testamento) permanecem, podemos dizer, pelo próprio poder delas, e que não são em sentido algum dependentes do Novo Testamento para amplitude, iluminação ou interpretação.” Ao contrário disso, Allis escreveu:

“A doutrina da Igreja Cristã, geralmente aceita, tem sempre sido a de que o Novo Testamento possui precedência sobre o Antigo, que Cristo e Seus apóstolos são os intérpretes com autoridade sobre o Antigo Testamento, que os seus tipos e sombras devem ser interpretados à luz da revelação evangélica mais transparente. Como Agostinho expressou de modo tão apto: ‘No Antigo Testamento, o Novo está escondido (*latet*); no Novo Testamento, o Antigo Testamento está revelado (*patet*).’ Isso não significa que o Novo Testamento conflita com o Antigo Testamento, mas sim que o Novo o explica, e que a sua explicação deve ser aceita como de autoridade (*Prophecy and the Church* [Profecia e a Igreja], Presbyterian and Reformed, 1964, pp. 48-49).

Bavinck fez esse mesmo ponto contra os chilialistas (ou milenistas). Bavinck observou que esse ensino de um reino futuro e terreno de Deus “ama apelar” para a coletânea de profecias do Antigo Testamento. Referindo-se especificamente à insistência do milênio em interpretar a profecia do Antigo Testamento literalmente, abandonando-se o ensino do Novo Testamento, Bavinck disse:

“... o que o Espírito de Cristo que estava neles (os profetas do Antigo Testamento – DJE) quis declarar e revelar por eles... é decidido pelo Novo Testamento, que é a completude, o cumprimento e, portanto, a interpretação do Antigo... O Novo Testamento se vê – e certamente não pode haver dúvida sobre isso – como o cumprimento espiritual e, assim, completo e autêntico do Antigo Testamento... O Novo Testamento é a verdade, a essência, o núcleo e o conteúdo real do Antigo Testamento (*The Last Things* [As Últimas Coisas], pp. 91-98).

O perigoso é que, ao se basear na doutrina do fim pelas profecias do Antigo Testamento, em vez da clarificação e interpretação das mesmas pelo Novo Testamento, o pós-milenismo, que afirma ser reformado, se alinha com o dispensacionalismo, que é antireformado.

As Suprassumas Profecias do Reino

Que as profecias do Antigo Testamento são, de fato, a base bíblica real do pós-milenismo, é algo evidente a partir do livro *The Millenium* [O Milênio] (Presbyterian and Reformed, 1958), de autoria de Loraine Boettner, sendo de grande influência e representativo dessa visão escatológica. Os textos apontados em favor do pós-milenismo são largamente retirados do Antigo Testamento, como por exemplo: Salmo 97; Zacarias 9:10; Salmo 2; Salmo 72; Isaías 2 e Daniel 2. A única passagem referida no Novo Testamento que trata do tema é Mateus 13:33, a parábola do fermento (veja as páginas 28-39).

A principal objeção de Boettner contra o amilenismo são as profecias do reino no Antigo Testamento:

“Nós entendemos que a Bíblia ensina de forma clara que o mundo será convertido ao Cristianismo antes que Cristo retorne, e que a posição amilenista, a qual não prevê um mundo cristianizado, deixa inexplicado um grande conjunto de profecias, muitas das quais se tornam sem sentido. As profecias do reino no Antigo Testamento, como as várias passagens nos Salmos e no Novo Testamento, altamente em linguagem figurada, certamente predizem um futuro de alguma espécie de era dourada.”

Boettner acrescenta uma afirmação significativa e auto-incriminadora: “Nós somos obrigados a dizer quanto a isso que concordamos com os pré-milenistas contra os amilenistas.” Essa concordância do pós-milenismo com o pré-milenismo é suspeita.

As profecias do reino que Boettner mencionou são: Isaías 2:2-4; Miquéias 4:1-5; Isaías 11:1-10; Isaías 42:1-4; Isaías 65:17-25; Jeremias 31:31-34; Joel 2:28; Malaquias 1:11 e o Salmo 72 (veja as páginas 151-158).

Um Texto Crucial

Nós podemos tomar Isaías 65:17-25 como representativo de todas as profecias do Antigo Testamento sobre as quais o pós-milenismo coloca a sua esperança. Essa é a passagem que começa com a promessa do Senhor Deus de que Ele criará “novos céus e uma nova terra” (versículo 17). O versículo 20 declara que neste mundo “não haverá mais nela criança para viver poucos dias, nem velho que não cumpra os seus; porque morrer aos cem anos é morrer ainda jovem, e quem pecar só aos cem anos será amaldiçoado.” Os versículos 21-23 profetizam uma vida próspera e vantajosa para os eleitos e seus descendentes. A passagem termina estendendo a paz da nova criação ao mundo animal: “O lobo e o cordeiro pastarão juntos, e o leão comerá palha como o boi...”

Eu escolhi de propósito essa passagem. Os próprios pós-milenistas apelam a ela como o maior argumento para a sua doutrina de uma era dourada futura, e também como a mais clara refutação ao amilenismo. O seu argumento é que a passagem prediz

uma criação renovada na qual ainda haverá tanto a morte como pecadores. No mundo dos novos céus e de uma nova terra, uma criança morrerá aos 100 anos e os pecadores serão amaldiçoados. Isso não poderia ser o caso na nova criação depois do retorno de Jesus, mas isso será verdadeiro na era dourada do pós-milenismo.

Gary North, pós-milenista e cristão reconstrucionista, assegura os seus leitores de que “essa profecia detalhada e obviamente literal, acima de todas as outras passagens na Bíblia, se mostra um grande problema para os amilenistas, que negam a chegada de qualquer período literal de bênçãos mundiais” (*Unconditional Surrender: God’s Program for Victory* [Submissão Incondicional: O Programa de Deus para a Vitória], Institute for Christian Economics, 1988, p. 145).

Kenneth L. Gentry Jr. chama Isaías 65 de “a maior passagem apresentando a concepção espiritual da mudança trazida por Cristo na história.” O leitor desavisado não deve se enganar pela expressão “concepção espiritual.” Gentry não tem em mente bênçãos espirituais como o perdão de pecados. Gentry entende que Isaías 65 promete “um período de bênçãos nunca antes vistas, literais (leia-se: físicas, carnis – DJE)... para a humanidade antes da ressurreição.” Com uma curiosa ignorância sobre o encaminhamento escatológico que ele está sugerindo, Gentry diz que Isaías 65 “não é problemático de forma alguma para o pós-milenista... e nem para o pré-milenista.” Ambos esperam e desejam um reino carnal na história, cheio de bens materiais. Mas a passagem:

“é, contudo, um problema imenso para o amilenista. É, talvez, o maior problema exegético de todos diante do amilenismo, sendo essa a razão pela qual raramente os amilenistas comentam sobre a passagem e, quando o fazem, eles não se aprofundam muito (*He Shall Have Dominion* [Ele Terá Domínio], Institute for Christian Economics, 1992, pp. 360-365).

A Interpretação Pós-milenista de Isaías 65

A interpretação pós-milenista da passagem é que Cristo irá triunfar na História de tal forma que os santos gozarão de paz, prosperidade e vida longa aqui na terra. De alguma maneira, haverá ainda uma “transformação” da natureza. Mas isso ocorrerá antes da segunda vinda de Cristo, pois, de acordo com o versículo 20, os filhos ainda morrerão e os pecadores serão amaldiçoados.

Escute, criticamente, o Dr^o North:

“Esse processo de transformação cósmica vai ser acelerado em resposta ao avanço do Evangelho. O código genético do homem será curado no final, de forma que não haverá mais abortos espontâneos; essa mesma promessa se aplica até mesmo aos seus animais domésticos (Êxodo 23:26). A doença será removida (Êxodo 23:25). Essas bênçãos estavam disponíveis aos israelitas, mas eles falharam em obedecer à Lei de Deus. Essas bênçãos ainda estão disponíveis para nós.

Isaías prometeu que a expectativa de vida do homem um dia irá aumentar: ‘Não haverá mais nela criança para viver poucos dias, nem velho que não cumpra os seus; porque morrer aos cem anos é morrer ainda jovem, e quem pecar só aos cem anos será amaldiçoado.’ (Isaías 65:20). A ameaça do tempo será, portanto, reduzida. A era futura representará um retorno à expectativa de vida dos homens anteriormente ao dilúvio. Tão grandes serão as bênçãos visíveis e biológicas de Deus que será uma transformação fundamental da maneira como o nosso mundo opera no presente. E isso virá especificamente como resposta à transformação ética de grande parte da humanidade: ‘E será que, antes que clamem, eu responderei; estando eles ainda falando, Eu os ouvirei.’ (versículo 24).

Perceba que Isaías não estava falando sobre o mundo além da sepultura e depois do juízo final, pois os pecadores ainda estarão vivendo o período histórico futuro descrito pelo profeta. Ele estava falando sobre um período de tempo chamado *novos céus e nova terra*: ‘Pois eis que Eu crio novos céus e nova terra.’ (versículo 17a). Obviamente, isso não pode se referir a um período além da ressurreição, porque não haverá pecadores entre nós nessa ocasião. Todos eles estarão no lago de fogo, junto com Satanás e suas hostes angelicais (Apocalipse 20:14-15). Por conseguinte, *os novos céus e nova terra tem que se iniciar antes que Cristo retorne no juízo final*” (*Unconditional Surrender* [Submissão Incondicional], pp. 143-145). ◻

Um Cumprimento Espiritual de Isaías 65:17 e dos versículos seguintes

Quinze

capítulo

O pós-milenismo – a doutrina sobre as últimas coisas que afirma a vitória terrena da igreja e de uma “era dourada” futura na história – se baseia, em última instância, nas profecias do Antigo Testamento.

Enfaticamente, não o faz sobre a doutrina do Novo Testamento acerca dos dias anteriores à vinda de Cristo.

As profecias do Antigo Testamento predizem condições gloriosas para Judá e Jerusalém.

Uma dessas passagens é Isaías 65:17-25. O Senhor cria novos céus e uma nova terra (versículo 17). Nesse novo mundo, Jerusalém será um local de alegria, e os seus cidadãos, um deleite (versículo 18). Ninguém morrerá jovem, e pecadores idosos serão amaldiçoados (versículo 20). O povo de Jerusalém viverá de forma produtiva, gerando bons resultados, de modo pacífico e livre de desapontamentos, oposição e problemas. Eles construirão casas e habitarão nelas; eles plantarão vinhas e comerão delas; suas vidas serão vidas sem choro (versículo 19-23). Tal será a alegria desse novo mundo que mesmo os animais estarão em paz: “O lobo e o cordeiro comerão juntos” (versículo 25).

De acordo com Gary North, pós-milenista e cristão reconstrucionista, isso comprova que quando a igreja trabalhar agressivamente para dominar as nações e a cultura, então haverá um longo período de vitória terrena, prosperidade terrena e paz terrena para os santos antes da segunda vinda de Cristo. Esse será o Reino Messiânico de Jesus em sua glória final e absoluta.

“A passagem em Isaías 65 de uma era futura na terra antes do juízo final (já que os pecadores ainda existirão), na qual haverá grandes bênçãos externas, incluindo expectativas de vida elevadas” (Prólogo, Kenneth L. Gentry, *He Shall Have Dominion* [Ele Terá Domínio], Institute for Christian Economics, 1992, p. xxvii. Veja o capítulo 14 com o comentário mais extenso sobre a passagem citada por North).

Para o pós-milenista, a passagem de Isaías 65 não é apenas uma das profecias do Antigo Testamento prevendo um poder e paz terrenos para a igreja na história, mas também é a passagem que assegura a superioridade da posição pós-milenista sobre a amilenista. É “a passagem que, *mais do que qualquer outra passagem na Bíblia*, refuta categoricamente o amilenismo” (North, *He Shall Have Dominion* [Ele Terá Domínio], p. xxviii – a ênfase é de North).

O Erro de uma Interpretação Literal de Profecias

A interpretação pós-milenista da passagem está errada. O erro é claro e grave. É o erro de se interpretar as profecias do Antigo Testamento de forma literal, de modo que o cumprimento delas seja terreno em vez de espiritual.

North reconhece livremente que a sua interpretação da passagem é literal. De fato, ele se orgulha disso como se fosse uma virtude, acusando a interpretação espiritual do amilenismo como uma falha.

“Um pós-milenista pode interpretar esta passagem literalmente: um era vindoura de bênçãos extensas do milênio *antes* que Jesus retorne no juízo final. Assim como o pré-milenista... Mas o amilenista não pode admitir a possibilidade de tal era de bênçãos literais e de abrangência cultural na história. A sua escatologia nega qualquer tipo de triunfo literal e cultural do Cristianismo na História. Portanto, ele tem que ‘espiritualizar’ ou alegorizar essa passagem” (*He Shall Have Dominion* [Ele Terá Domínio, p. xxviii).

Igualar a interpretação espiritual das profecias do Antigo Testamento com o ato de alegorizar é ignorância ou maliciosidade.

Ambas são inexcusáveis para alguém que diz ser um defensor reformado da fé.

Todavia, o nosso interesse é focado nessa admissão assombrosa do pós-milenista de uma interpretação literal das profecias do Antigo Testamento.

Será que ele não sabe que nessa insistência de uma interpretação literal sobre as profecias do Antigo Testamento os cristãos reconstrucionistas rompem com toda a tradição reformada? Comentando exatamente sobre a passagem ora discutida, Isaías 65:17 e seus versículos seguintes, João Calvino escreveu:

“É certo que os Profetas proferiam aquelas coisas que se relacionavam à vida presente, retirando metáforas a partir delas; mas isso para que eles pudessem ensinar a nos elevarmos mais e para abraçar a vida eterna e abençoada. Nós não devemos fixar a nossa atenção completa nessas bênçãos transitórias, mas sim fazer uso delas como escadas que, sendo levantadas ao céu, podem nos fazer gozar bênçãos eternas e imortais (*Commentary on the Book of the Prophet Isaiah* [Comentário no Livro do Profeta Isaías], vol. 4, Eerdmans, 1956, p. 401).

Expressando não uma particularidade reformada holandesa, mas sim o consenso protestante, o grande teólogo holandês Herman Bavinck escreveu:

“ E este reino (do Messias – DJE) é desenhado pelos profetas em tons e cores, sob figuras e formas, que devem derivar das circunstâncias históricas em que eles viveram... Mas dentro dessas formas terrenas sensoriais, a profecia coloca o prazer eterno... A profecia nos fornece apenas uma única imagem do futuro. E essa imagem deve ser tomada ora literalmente como ela se apresenta a si mesma – mas então, uma pessoa romperia com o Cristianismo e voltaria ao Judaísmo – ora com essa imagem evocando uma interpretação bastante diferente do que a existente pelo chilialismo (milenismo – DJE).”

Essa interpretação “bastante diferente”, e correta, das profecias do Antigo Testamento é, Bavinck continuou, “simbólica” ou “espiritual” (*The Last Things [As Últimas Coisas]*, Baker, 1996, pp. 90-98).

Será que Gary North não sabe que esse tema acerca da interpretação literal ou espiritual das profecias do Antigo Testamento é a divergência fundamental entre o pré-milenismo dispensacionalista (a “teoria do arrebatamento”) – que é o inimigo da fé reformada – e a teologia pactual reformada?

Será que esse cristão reconstrucionista pós-milenista não percebe que o Espírito de Cristo falando nas Escrituras do Novo Testamento fornece uma interpretação simbólica e espiritual das profecias do Antigo Testamento? O levantar do tabernáculo de Davi não é cumprido na restauração do domínio terreno havido pela linha real de Davi, mas sim na salvação espiritual dos gentios (veja Amós 9:11 combinado com Atos 15:16-19).

O chamamento por Deus de “meu povo” para aqueles que não eram o Seu povo não se refere ao Israel terreno, como o literalista precisa dizer, mas sim à igreja espiritual de judeus e gentios (veja Oséias 1 e 2 combinado com Romanos 9:24-26).

O novo templo de Ezequiel não é um edifício físico que será erigido sobre um monte de terra na cidade terrena de Jerusalém, mas sim o corpo espiritual de Jesus Cristo (veja Ezequiel 40-48 combinado com João 2:18-22 e I Pedro 2:1-10).

Bavinck, gentil, não foi muito severo quando ele disse que interpretar as profecias do Antigo Testamento literalmente significa “romper com o Cristianismo e voltar ao Judaísmo.”

O Cristianismo Reconstrucionista – com toda a sua interpretação literal permitida por si mesmo sobre as profecias do Antigo Testamento, a obrigatoriedade de se seguir todas as leis civis que regularam a nação de Israel para os cristãos do Novo Testamento (senão hoje, então no milênio futuro), e a sua disposição em impor tais cerimônias como as leis alimentares dos judeus e as vestes dos sacerdotes judeus sobre a igreja da nova dispensação – já sucumbiu a esse perigo mortal.

Mas o pós-milenismo flerta, de modo geral, com essa heresia horrenda pela sua identificação do reino Messiânico com a de um reino terreno de domínio físico, prosperidade material e paz mundial. Isso era, e é, a esperança dos judeus (veja João 6). A causa é a interpretação literal das profecias do Antigo Testamento.

A Impossibilidade de uma Interpretação Literal

Qualquer que seja o significado de Isaías 65:17 e seus versículos seguintes, não se trata de uma profecia de melhora da forma presente da criação; de casas, campos e trabalhos materiais; de vida física estendida para centenas de anos e de se evitar os problemas mundanos.

O cumprimento de Isaías 65:17 e dos versículos seguintes não é terreno.

As profecias não devem ser interpretadas literalmente. O ensino do Novo Testamento de que toda profecia é cumprida espiritualmente em Jesus Cristo, no Seu Evangelho, e na Sua igreja proíbe isso.

Elas não *podem* ser interpretadas literalmente. Gary North não pode interpretar as profecias literalmente. Interpretar as profecias literalmente significaria que a Jerusalém literal e terrena do Antigo Testamento e o seu povo, os judeus, serão o principal deleite do Senhor Deus no reino Messiânico futuro (versículo 18).

Interpretada literalmente, a passagem ensina que ninguém mais irá chorar durante a “era dourada”: nem a mãe durante o

parto, nem a criança que é castigada com palmadas, nem um pecador penitente sobre os seus pecados, nem alguém que lamente a morte de um ente querido no leito de sua morte. Pois “nunca mais se ouvirá nela nem voz de clamor, nem voz de choro” (versículo 19).

Ademais, a interpretação literal demanda que antes da segunda vinda de Cristo, antes da renovação radical de todas as coisas, o forte lobo será amigo do cordeiro doméstico, e o leão carnívoro comerá palha (versículo 25). Não obstante, os cristãos reconstrucionistas são altamente otimistas, como eles não param de nos dizer. Mas será que o maior dos otimistas dos quadros deles realmente espera essa mudança radical no mundo animal antes da vinda de Cristo? Será que os sapos não vão comer mais insetos? Será que as aranhas não vão mais capturar mosquitos? Como os cordeiros estarão livres de lobos, assim como os bois dos leões, será que os cordeiros e os bois estarão livres dos santos? Será que nós deveremos nos tornar vegetarianos no milênio? Pois isso é demandado por uma interpretação literal.

North, Gentry e o seus associados não conseguem nem mesmo explicar literalmente as palavras iniciais e gloriosas dessa importante profecia: “Eu crio novos céus e uma nova terra” (versículo 17). Uma interpretação literal não fala de modo vago e incompleto de uma “transformação fundamental da forma como o nosso mundo opera no presente,” do jeito que North o faz na citação dada no capítulo 14.

Isaías não profetizou uma “uma transformação fundamental da forma como o nosso mundo opera no presente.” Ele profetizou um *novo mundo*. Isso será a novidade, disse o profeta, que será radicalmente diferente do mundo atual. Será um novo mundo distinto do “antigo” mundo.

Tampouco esse novo mundo virá por meio de uma transformação “gradual”, muito menos como uma transformação “em resposta à transformação ética de uma grande porção da humanidade”, como North explica. Em linguagem direta, o novo mundo de Isaías 65 não virá a existir por meio de esforços da igreja em dominar a cultura e como consequência histórica da obediência dos homens à Lei.

Mas o Senhor Deus irá “criar” o novo mundo futuro. A palavra no hebraico é *bara*, a palavra que descreve exclusivamente a ação divina de chamar à existência as coisas que não são como se elas tivessem sido. Por uma maravilha de poder divino, sabedoria e bondade comparáveis e até superando a maravilha da criação original dos céus e da terra, o novo mundo substituirá o antigo. Essa maravilha será um ato de pura graça, não alguma coisa que os santos mereçam por guardarem a Lei.

A interpretação de North não faz justiça ao sentido claro da ideia principal dessa importante profecia, muito menos a explica literalmente.

Isaías 65:17 e os versículos seguintes não falam do mundo atual, de Jerusalém, dos judeus e de vidas terrenas livres de problemas, de belas casas, de boas fazendas, de fartura de dinheiro, de moleza, de tempos felizes ou de lobos adestrados.

É sobre Jesus Cristo. A Sua igreja, salvação, vida eterna e de um mundo novo e diferente.

É sobre um Cristo *espiritual*, um povo *espiritual*, salvação *espiritual*, bênçãos *espirituais*, vida *espiritual* e um mundo *espiritual*.

Se a profecia não for sobre isso, os judeus podem ficar com ela.

Um cristão não está interessado. □

Um Cumprimento Espiritual de Isaías 65:17 e dos versículos seguintes (continuação)

Dezesseis

capítulo

A interpretação literal das profecias do Antigo Testamento culminam em um reino Messiânico carnal.

A interpretação literal da profecia de Isaías 65:17 e dos seus versículos seguintes, defendida pelo Cristianismo Reconstrucionista pós-milenista, culmina em um reino terreno de Cristo.

No mais, uma interpretação literal consistente leva ao absurdo. Nem mesmo o mais ardente defensor e praticante de uma interpretação literal de Isaías 65:17 e dos seus versículos seguintes pode ter sucesso, conforme demonstrado no capítulo anterior.

Na verdade, as profecias do Antigo Testamento de um reino Messiânico não devem ser interpretadas literalmente. Fazer isso, na melhor das hipóteses, é se tornar um pré-milenista dispensacionalista, tornando a escatologia em uma restauração do Israel do Antigo Testamento e suas glórias terrenas, e, na pior delas, como Herman Bavinck nos alertou, é recair no Judaísmo.

O Novo Testamento nos instrui a interpretar espiritualmente as profecias do Antigo Testamento. Nas figuras terrenas familiares aos profetas e seus ouvintes, o Espírito Santo de

Cristo profetizou as glórias espirituais de Jesus Cristo, a Sua igreja e a Sua nova criação. Aquelas características terrenas das profecias – casas, vinhas com muitos frutos, trabalho com bons resultados, dias sem problemas, ausência de choro, vida terrena longa e Jerusalém – não são a realidade das profecias.

Elas nunca foram a realidade das profecias.

Elas não eram a realidade das profecias para o israelita espiritual daquele tempo. Ele ou ela viu através e além delas, vislumbrando alvos melhores: as coisas que o olho não viu, o ouvido não escutou e que nunca adentraram a imaginação do coração do homem, as coisas que Deus preparou para aqueles que o amam (I Co 2:9).

Será que isso tem que ser soletrado? Casas, vinhas com muitos frutos, trabalho com bons resultados, dias sem problemas, ausência de choro, vida terrena longa e Jerusalém são coisas que os olhos já viram, os ouvidos já escutaram e que já adentraram a imaginação do coração do homem. Portanto, essas não são as coisas que Deus preparou para os israelitas espirituais que o amam.

Esses dados terrenos, uma vez usados para representar o reino e a vida celestiais, certamente não são a realidade das profecias do Antigo Testamento para nós, crentes do Novo Testamento, que já começamos a experimentar a vida, as riquezas e a glória do Cristo Ressurreto pela graça e morada do Espírito do Pentecostes.

Eu não acho que os pós-milenistas cristãos reconstrucionistas realmente apreciam o total desinteresse que o amilenista reformado tem pelo esplendoroso reino terreno do pós-milenismo.

Suponha por um momento que os cristãos reconstrucionistas, pela constante irritação sobre as igrejas e pelos seus próprios esforços heroicos, em aliança com os carismáticos, tragam à tona o seu sonho. O mundo inteiro, incluindo todas as nações, é governado por cristãos e as expectativas mais preciosas de Kik, Boettner, Rushdoony, North, Chilton, Gentry e dos demais são cumpridas.

Nós, amilenistas reformados, não estaremos pulando de alegria. Por que deveríamos? Haverá morte nesse mundo. Mais cedo ou mais tarde, nós ainda teremos que sentir a dor amarga da separação de uma esposa, de um filho, de um pai ou de um amigo querido. Que diferença faz o fato de que teremos esse luto depois de 500 anos ao invés de 50? Certamente, o luto depois de 500 anos de amor deve ser pior que após 50 anos.

Haverá pecado no reino pós-milenista. Todos os dias nós saberemos da nossa miséria de culpa e vergonha, a pior miséria de todas. Todos os dias que se seguirem nós teremos que lutar contra o pecado interior, que nos causa o gemido, “Ó, miserável homem que sou.” Que diferença faz o fato de Gary North se sentar no trono do mundo e que Kenneth Gentry Jr. seja responsável pelo rádio, pela televisão, pelos filmes e pela internet do mundo todo?

Haverá multidões de ímpios nesse reino pós-milenista, algo admitido pelo mais otimista dos próprios pós-milenistas. Eles esconderão isso. Externamente, eles irão se conformar à Lei de Deus, em especial, às regulações civis do Antigo Testamento, seja por desejos egoístas para aproveitar a prosperidade material ou por medo da vingança cristã reconstrucionista. Mas, nos seus corações, eles irão odiar a Deus. Eles serão rebeldes internos contra Cristo. No fim do milênio, eles irão se levantar contra o Senhor (Ap. 20:7-9).

Isso irá entristecer o amilenista reformado. Se houvesse sequer um único inimigo de Cristo no reino, isso iria entristecer o amilenista. Pois haveria um desprezo aos mandamentos de Deus, ao menos nos corações e mentes dos ímpios. E, como o Saltério diz, “porquanto as tuas ordenanças são desprezadas, com imensa tristeza eu choro” (*The Psalter* [O Saltério], *Thy Wondrous Testimonies, Lord* [Teus Maravilhosos Testemunhos, Senhor]).

Não haverá visão alguma de Deus pela face de Jesus Cristo nesse reino do pós-milenismo. Apenas como em um espelho obscurecido.

Somente por essas razões, nós, amilenistas reformados, não estaríamos entusiasmados com o reino do Cristianismo Reconstrucionista. Certamente, nós estaríamos gemendo, como fazemos hoje, aguardando a redenção do nosso corpo (Rm. 8:23). Nós estaríamos clamando dia e noite por vingança divina por Cristo sobre os nossos inimigos (Lucas 18:1-8). Nós estaríamos orando ferventemente, “Senhor, dê um fim a esse projeto pós-milenista assim que possível, e venha depressa.”

O que é ainda mais assustador para o crente amilenista reformado é que esse reino pós-milenista deveria ser o ápice e a forma final do reino Messiânico. De acordo com os pós-milenistas em geral e com os cristãos reconstrucionistas em especial, com o fim do milênio, o reino de Cristo chega ao fim. A eternidade que se segue não será o reino Messiânico, mas somente o reino de Deus revelado.

No que tange ao reino de Jesus Cristo, é só isso e acabou!

Aquele governo terreno por meio da igreja, cheio de pecado, morte e réprobos não regenerados que odeiam e

amaldiçoam a Cristo de manhã, de tarde e de noite é o clímax e a conclusão do reino de Cristo.

Vejam... um triste desastre!

Se isso for o reino Messiânico em sua forma mais brilhante e grandiosa, Cristo está destinado a ser exposto publicamente como um rei fracassado.

Os cristãos reconstrucionistas nunca se cansam de acusar os amilenistas reformados de derrotistas. Eles não hesitam em acusar a igreja na história como responsável pela falha do surgimento do reino do milênio deles.

Que discurso perdedor!

O reino terreno deles – com os seus respectivos pecado, morte e pecadores – é o melhor que Cristo pode fazer como rei?

Esse Cristo é um fracasso infeliz.

Eu não acredito nisso nem por um instante. O amilenista reformado treme diante da exata noção da blasfêmia.

O sonho pós-milenista não é um reino Messiânico, muito menos a concretização e o término dele.

Tampouco é essa a profecia de Isaías 65:17 e dos versículos seguintes.

Como nós veremos. □

Um Cumprimento Espiritual de Isaías 65:17 e dos versículos seguintes (conclusão)

Dezessete capítulo

O sonho pós-milenista de um mundo “cristianizado” na História se baseia definitivamente nas profecias do Antigo Testamento de um reino futuro e glorioso de Cristo (veja o capítulo 14).

Aquela profecia do Antigo Testamento que, mais do que qualquer outra, supostamente prova o pós-milenismo e refuta o amilenismo é Isaías 65:17 e os versículos seguintes:

“Pois eis que eu crio novos céus e uma nova terra... E exultarei por causa de Jerusalém e me alegrarei no seu povo... Não haverá mais nela criança para viver poucos dias, nem velho que não cumpra os seus; porque morrer aos cem anos é morrer ainda jovem, e quem pecar só aos cem anos será amaldiçoado... O lobo e o cordeiro pastarão juntos, e o leão comerá palha como o boi... Não se fará mal nem dano algum em todo o meu santo monte, diz o SENHOR.”

O pós-milenismo, que não consegue achar apoio no ensino em larga escala do Novo Testamento de apostasia da igreja e da perseguição dela nos últimos dias, apela para as profecias do Antigo Testamento da mesma maneira que o pré-milenismo insiste em interpretar essas profecias literalmente. A interpretação literal das profecias do Antigo Testamento culmina em um reino Messiânico carnal. Segundo uma interpretação literal de Isaías 65:17 e dos versículos seguintes, haverá um cumprimento terreno da profecia: um reino terreno de Cristo com prazeres físicos, especialmente uma vida longa (veja o capítulo 15; para a interpretação pós-milenista da passagem de Isaías, veja o capítulo 14).

Nos capítulos 15 e 16, eu demonstrei que não é *concebível* e nem *possível* uma interpretação literal de Isaías 65:17 e dos versículos seguintes. A profecia deve ser interpretada espiritualmente e tem, nesse sentido, um cumprimento espiritual.

Então, quais seriam a interpretação e o cumprimento espirituais de Isaías 65:17 e dos versículos seguintes?

De forma sistemática, Isaías 65:17 e os seus versículos seguintes profetizam toda a obra salvadora de Deus em Jesus Cristo. Como é de costume com os profetas, Isaías vê essa obra como uma só, um grande evento, do mesmo modo que alguém vê montanhas distantes como se fossem uma só a partir de uma longa distância. Estão inclusas tanto a perfeição da Salvação (e do reino Messiânico) no Dia de Cristo, como o início da Salvação (e do reino Messiânico) por toda a presente era entre o Pentecostes e o Dia de Cristo. Toda essa Salvação, é claro, tem a sua base na morte e na ressurreição de Jesus Cristo por todos os eleitos de Deus no mundo.

Que esse é, de fato, o conteúdo da profecia de Isaías, é algo que se prova pelo comentário do Novo Testamento sobre a

passagem. Em II Pedro 3:13, o apóstolo aplica a profecia de Isaías 65:17 à obra de Deus em Jesus Cristo no dia da segunda vinda de Cristo. Dentro do contexto do ensino de que a presente criação será destruída pelo fogo, Pedro diz, “Nós, porém, segundo a Sua promessa, esperamos novos céus e uma nova terra, nos quais habita justiça.”

O apóstolo Paulo, contudo, nos ensina que há um cumprimento da profecia por toda a presente era. No texto de II Coríntios 5:17, ele nos diz que “se algum homem está em Cristo, ele é uma nova criatura; as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas.”

A explicação de autoridade do Novo Testamento sobre a profecia é de que a obra salvadora de Deus em Cristo será uma renovação da criação para o bem-estar da igreja, os “eleitos” de Isaías 65:22 na segunda vinda de Cristo, renovação esta que já se inicia agora na regeneração pessoal de cada eleito.

Não há nada na reflexão do Novo Testamento sobre a profecia que sequer aponte para um reino terreno na história consistindo de benefícios carnis, domínio físico e paz mundial.

Especificamente, Isaías 65:17 e seus versículos seguintes é uma profecia do novo mundo, dos céus e terra que Jesus Cristo criará na Sua segunda vinda. Esse é o ensino claro do próprio texto de Isaías 65:17 e seus versículos seguintes: “Eu crio novos céus e uma nova terra.” Essa é a explicação do Novo Testamento tanto em II Pedro 3:13, já citada, como em Apocalipse 21:1: “E eu vi um novo céu e uma nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra passaram; e o mar já não existe.”

Quando Ele vier de novo em corpo, no fim da História, Jesus Cristo irá destruir a forma presente da criação, a fim de recriar os céus e a terra que Deus fez no princípio para a forma nova, gloriosa e final deles. A criação irá compartilhar da gloriosa liberdade dos filhos de Deus (Rm. 8:19-22).

Esse novo mundo será o local de habitação – a casa – da nova raça humana em Cristo, a igreja eleita de todas as nações, crentes e seus filhos (Is. 65:22-23). A nova criação será uma casa para os santos porque o Senhor Deus habitará com eles em Jesus Cristo na comunhão do pacto eterno. O novo mundo que está vindo será o “meu monte santo” (Is. 65:25).

Não haverá mais problemas ou lutos ali, absolutamente nenhum – nem mesmo uma única lágrima (Is. 65:19). Apocalipse 21:4, à luz do Novo Testamento sobre a profecia, nos informa que a razão disso é que não existirá mais a morte no novo mundo. Cristo, o poderoso rei Messiânico, terá destruído para nós o último inimigo (I Co 15:26).

Como é o costume nas profecias do Antigo Testamento, o profeta anunciou a vinda desse mundo sem morte em uma linguagem figurada; uma vida terrena longeva (versículo 20). Nenhum bebê morreria na infância; morrer aos 100 anos de idade seria tido como mera infância; todos os habitantes irão cumprir os seus dias. A realidade é: sem morte! A vida eterna num corpo e alma ressurretos, porque a vida do povo de Deus no novo mundo será a vida imortal do Cristo Ressurreto.

O Novo Testamento fornece essa explicação e em outras profecias similares e figuradas do Antigo Testamento por toda a

parte, como por exemplo em João 5:25-26. O texto de Apocalipse 21:4, a interpretação de autoridade sobre Isaías 65:20, não deixa dúvidas de que era isso que Isaías quis dizer: “E Deus lhes enxugará dos olhos todas as lágrimas, e a morte já não existirá.”

Os pecadores amaldiçoados serão excluídos do novo mundo, existindo eternamente sob a maldição de Deus no lago de fogo (Is. 65:20b combinado com Ap. 21:8).

A remoção da maldição no mundo amado por Deus com base na morte redentora de Cristo e pelo poder do Seu Espírito renovador se estenderão aos animais. Haverá animais na nova criação, assim como existiam animais na criação original de Gênesis 1 e 2. A redenção de Cristo será aproveitada por eles, de maneira que eles vivam em paz um com o outro, como viviam na fase original da criação antes da transgressão do primeiro e infiel rei (Gn. 1:29-31). Não haverá morte no mundo dos animais e das plantas.

A completa ausência de morte no novo mundo terá como causa a perfeita remoção de pecados da criação. Pedro nos diz isto: “... onde habita a justiça” (II Ped. 3:13). Somente a justiça habitará ali. Injustiça alguma será achada ali. Todos os homens ímpios perecerão sob o juízo de Deus (versículo 7).

Não é esta uma Salvação maravilhosa?

Será que os crentes e os seus descendentes não possuem uma grande e abundante esperança, capaz de sustentá-los em todas as suas tribulações do presente?

Não são gloriosos a soberania e o reino eternos de Jesus, o Messias?

Será que a Sua vitória não será manifesta como incomparável? Todos os inimigos destruídos, até mesmo a morte. Todo o povo de Deus perfeitamente liberto da tristeza e da morte para a alegre comunhão com o Deus Triúno pela face Dele, Jesus, o Cristo. A própria criação será transformada em um novo mundo, cuja bondade e esplendor fazem a forma antiga do mundo cair para sempre no esquecimento.

Todo esse cumprimento de Isaías 65:17 e dos versículos seguintes será espiritual. A profecia nos revela, como revelou diante do verdadeiro israelita do tempo de Isaías, uma Salvação espiritual; bênçãos espirituais; vida espiritual; e, certamente, um mundo espiritual. Pois o último Adão é espiritual, e nós esperamos viver uma vida espiritual num corpo espiritual em uma criação espiritual (I Co 15:42 e versículos seguintes).

O segundo cumprimento específico de Isaías 65:17 e seus versículos seguintes é a vida espiritual em Cristo mediante a fé de todo filho regenerado de Deus no tempo entre o Pentecostes e a segunda vinda. Essa é a explicação de autoridade da profecia de Isaías pelo apóstolo em II Coríntios 5:17: “se algum homem está em Cristo, ele é uma nova criatura.” Ele já é uma nova criatura pelo cumprimento da profecia de Isaías 65:17.

O novo mundo que está para vir no Dia de Cristo já se desdobra no mundo presente pelo Evangelho no poder do Espírito Santo de Cristo. Ele se desdobra no coração de cada eleito filho de Deus. Ele o torna uma nova criatura. Na vida dele, existe um começo da liberdade do pecado, da tristeza e da morte; e prazer, trabalho santo e com bons resultados, comunhão com Deus e da vida eterna em Isaías 65:17 e seus versículos seguintes. Isso é mostrado na

confissão e no comportamento dele. Isso faz jorrar sobre ele a perseguição daqueles que odeiam o Messias e se opõem ao Seu reino, os inimigos do novo mundo.

Esse poderoso começo do novo mundo na vida do cristão aqui e agora não gera, contudo, uma culminação gradual do reino de Cristo na criação. Os santos regenerados não criam a “era dourada” do pós-milenismo.

Conforme o nosso corpo presente e terreno se torna o corpo futuro e espiritual pela maravilha da ressurreição no Dia de Cristo, assim também a criação presente, digna de pena e terrena se torna a criação futura, gloriosa e espiritual da recriação no Dia de Cristo.

“Vejam,” diz o Senhor pelo profeta, “Eu crio novos céus e uma nova terra.”

O homem não pode fazer isso.

O *homem redimido* não pode fazer isso.

Nem mesmo o pós-milenista. □

A Vitória de Cristo na História

Dezoito

capítulo

Jesus Cristo é vitorioso.

Ele já é um vitorioso agora. Ele é vitorioso neste mundo.

Nós não vemos isso ainda. Mas nós cremos nisso pelo claro testemunho da Bíblia.

Em Sua crucificação, ressurreição e ascensão, Ele se tornou o Senhor. Ele se assenta à destra de Deus. Ele possui o poder da Providência, mantendo e governando todas as coisas (Ef. 1:19-23; Hb. 1:3; Ap. 5).

Jesus Cristo é vitorioso como o Mediador do pacto e Cabeça da igreja. Pela Sua morte expiatória e ressurreição corpórea, Ele venceu o pecado, Satanás, a morte e o mundo ímpio; e se tornou o Senhor Soberano, Todo-Poderoso e Doador da Vida, em prol da Sua igreja.

Ele é vitorioso, não só de modo pessoal, alto no céu, mas também porque Ele está presente na Sua igreja aqui embaixo no mundo, pelo Seu Espírito e pela Sua Palavra.

O Seu Evangelho se expande por todo o mundo, com poder de conquista (Ap. 6:1-2).

A Sua igreja na terra é uma instituição vitoriosa. Ela é indestrutível. Ela não pode ser derrotada pelos seus inimigos. “Eu edificarei a minha igreja,” disse o Cristo, o Filho do Deus Vivo, “e as portas do inferno não prevalecerão contra ela” (Mt. 16:18).

Ela cumpre o seu chamado eclesiástico, e trabalha com um poder único e incrível, e tudo isso sem falhar. “Dar-te-ei as chaves do reino dos céus; o que ligares na terra terá sido ligado nos céus; e o que desligares na terra terá sido desligado nos céus” (Mt 16:19).

A igreja de Cristo tem sido vitoriosa na História segundo a sua forma amadurecida do Novo Testamento, desde o dia de Pentecostes.

Não só a igreja é vitoriosa, como também é cada um de seus membros pela morada poderosa de Cristo. Aqui e agora. Certamente, Ele não é apenas um vencedor. Ele é mais que um vencedor (Rm. 8:37). No fim, os Seus vários inimigos são dispostos a operarem pelo bem Dele. A segurança disso é a força e o zelo da vida cristã.

Jesus Cristo é vitorioso na História.

O Seu corpo e os Seus membros compartilham dessa vitória.

É isso o que a igreja celebra quando confessa: “Jesus Cristo, nosso Senhor”.

A vitória de Jesus Cristo na História é a preocupação principal do pós-milenismo, especialmente da forma cristã reconstrucionista do pós-milenismo. O seu sonho de uma conversão futura da maior parte da humanidade, a “cristianização” do mundo, o domínio sobre as nações através da igreja e uma “era dourada” de

paz e prosperidade antes do retorno de Cristo, representam a vitória de Cristo na História. O pós-milenismo é otimista quanto ao futuro da História. É uma “escatologia de vitória”.

A previsão sóbria do amilenismo – de crescente impiedade, grande apostasia e perseguição da igreja pelo anticristo – é tida como uma negação da vitória do Rei Jesus na História. O amilenismo reformado é zombado como derrotista e pessimista.

Greg L. Bahnsen, cristão reconstrucionista pós-milenista, enxergou a vitória de Jesus na História como a diferença principal entre o pós-milenismo e o amilenismo:

“O que realmente está em jogo são *as expectativas futuras na terra para o reino já estabelecido*. Será que antes do retorno de Cristo as nações serão trazidas ao seu controle, gerando assim um período de bênção espiritual, paz internacional e prosperidade visível? Será que a igreja, que fora prometida a presença constante Dele que concedeu todo o poder na terra e no céu, vai ter sucesso em fazer discípulos de todas as nações como Ele ordenou? Nesse assunto básico e relevante – que consegue separar três escolas de pensamento do milênio – se torna aparente que *o distintivo essencial* do pós-milenismo é a sua expectativa certa e pautada nas Escrituras de prosperidade evangélica para a igreja durante a *presente era*... Em resumo, o pós-milenismo se separa das outras duas escolas de pensamento pelo seu

otimismo essencial para o reino na *presente era*. Essa atitude confiante no poder do reino de Cristo, o poder do Seu Evangelho, a poderosa presença do Espírito Santo, o poder da oração e o avanço da Grande Comissão, retiram o pós-milenismo do pessimismo essencial do amilenismo e do pré-milenismo... Em última análise, o que é característico do pós-milenismo não é a resposta uniforme para qualquer questão exegética em particular... mas sim um compromisso com o Evangelho como sendo o poder de Deus que, pela atividade do Espírito Santo, converterá a grande maioria do mundo para Cristo, e trazer uma obediência expandida ao Seu governo real” (“*The Prima Facie Acceptability of Postmillennialism*” [A Aceitação em *Prima Face* do Pós-milenismo], *The Journal of Christian Reconstruction: Symposium on the Millennium 3*, no. 2, Winter, 1976-77, pp. 66-68; a ênfase é de Bahnsen).

Gary North cospe a acusação de que o amilenismo reformado é “derrotista” de forma escancarada em todos os seus escritos. Ele perde poucas oportunidades para ridicularizar os amilenistas, chamando-os de “pessimilenistas”. A doutrina amilenista das últimas coisas, diz North, faz de “Deus... um perdedor na História” (*Unconditional Surrender: God’s Program for Victory* [Submissão Incondicional: O Programa de Deus para a Vitória], Institute for Christian Economics, 1988, p. 167). Isso é um juízo condenatório de uma doutrina.

Não são apenas os cristãos reconstrucionistas que apresentam a controvérsia entre o amilenismo e o pós-milenismo como sendo a questão da vitória de Cristo na História. O presbiteriano Marcellus Kik fez o mesmo. A futura “era gloriosa da igreja sobre a terra” em que “todas as nações (se tornam) cristãs e (vivem) em paz,” é nomeada por ele como sendo “o triunfo do Cristianismo por toda a terra.” Ele acusou os amilenistas de serem “pessimistas e derrotistas”:

“Dizer que a derrota de Satanás virá somente por um ato cataclísmico na segunda vinda de Cristo é ridículo à luz dessas passagens. Pensar que a igreja deve ficar mais e mais fraca e que o reino de Satanás deve ficar mais e mais forte é negar que Cristo veio para destruir as obras do diabo: é desonrar a Cristo; é não acreditar na Sua Palavra. Nós não glorificamos a Deus e nem a Sua Palavra profética sendo pessimistas e derrotistas. Com fé suficiente em Cristo, nós gostaríamos de esmagar em breve a Satanás debaixo dos nossos pés. Se não for assim, essas passagens não possuiriam significado algum para a igreja de Cristo” (*An Eschatology of Victory* [Uma Escatologia de Vitória], Presbyterian and Reformed, 1971, pp. 4, 19-20).”

Entretanto, a honra duvidosa do ataque mais feroz e mais maligno ao amilenismo pertence ao pai do Cristianismo Reconstrucionista, Rousas J. Rushdoony. Colocando o amilenismo e

o pré-milenismo na mesma bagagem, Rushdoony ousou escrever que:

“O amilenismo... (está) em retirada do mundo, e se submete de forma blasfema ao diabo. Pela sua própria premissa... de que o mundo só ficará pior... ele impede a ação cristã... Se nós mantivermos que o mundo só ficará pior... qual o ímpeto restante para se aplicar a Palavra de Deus aos problemas deste mundo? O resultado é inevitável: ... os crentes amilenistas que professam a fé em toda a Palavra de Deus... são também o segmento mais impotente da sociedade norte-americana, com o menor impacto na vida norte-americana. Transformar a Palavra da conquista mundial do Deus Soberano, Onipotente e Triúno em um símbolo de impotência, não é uma marca de fé. É blasfêmia” (*“Postmillennialism versus Impotent Religion”* [O Pós-milenismo versus a Religião Impotente], *Journal of Christian Reconstruction*, pp. 126, 127).

De acordo com Rushdoony e seus discípulos, o amilenismo nega a vitória de Cristo na História. Portanto, isso faz de Deus e da Sua Palavra impotentes. Tornar a Deus impotente é blasfemo. O amilenismo, conseqüentemente, é blasfemo.

À luz desses ataques vorazes sobre o amilenismo e sobre nós amilenistas, é surpreendente que alguns pós-milenistas tenham

se oposto ao meu criticismo equilibrado do Cristianismo Reconstrucionista. Eu fui restrito.

À luz dessa saraivada constante de condenação violenta do amilenismo de dentro da comunidade presbiteriana e reformada, não é nada menos que inesperado o fato de que não haja uma defesa viva do amilenismo nesses círculos nos quais os cristãos reconstrucionistas se expressam.

À luz da própria distinção afiada e radical que o pós-milenismo faz de si mesmo em relação ao amilenismo em termos de nada menos que a vitória ou a derrota de Cristo na História, é incompreensível que alguns que falam publicamente, de maneira fraca, em favor do amilenismo, ainda tentem alinhar o amilenismo com o pós-milenismo como duas escatologias aceitáveis nas igrejas reformadas.

O amilenismo reformado repudia a “vitória de Cristo na História” do pós-milenismo, raiz e ramo. Isto é, nós renunciamos o *tipo* de vitória desejada e sonhada pelo pós-milenismo.

Mas o amilenismo não toma o assento de trás para ninguém, incluindo o mais fervoroso cristão reconstrucionista, em crer, confessar, pregar, ensinar e defender a vitória de Jesus Cristo na História.

Cristo tem domínio.

Agora. □

A Vitória de Cristo na História (conclusão)

Dezenove

capítulo

O erro grosseiro do pós-milenismo é que ele lê erradamente a vitória de Cristo na História como sendo carnal em vez de espiritual. Gary North está errado quando diz, “Não se cuida de uma questão de ‘domínio vs. ausência de domínio’; é uma questão do domínio *de quem*” (*Unconditional Surrender* [Submissão Incondicional], ICE, 1988, p. 317).

Com bastante ênfase, não se trata de uma questão do “domínio de quem”.

Jesus Cristo tem domínio.

Jesus Cristo tem domínio no mundo e na História.

Jesus Cristo tem domínio agora.

Não só Jesus Cristo tem domínio agora sobre todas as criaturas, incluindo os Seus inimigos pelo Seu poder, como também Ele tem domínio agora em Sua igreja pelo Seu Espírito e Palavra.

A pergunta não é: “Domínio de quem?”

Mas a pergunta é: “Que tipo de domínio?”

Especificamente, a pergunta é: “Domínio *carnal* ou *espiritual*?”

O domínio carnal é vitória terrena. É vitória segundo as imaginações do homem. Consiste de números – a conversão da maior parte dos humanos; de força física – uma polícia e um exército cristãos; de controle da cultura – programas de televisão piedosos, rádio e jornais; de libertação de cuidados mundanos e de misérias naturais – da erradicação virtual da pobreza, da doença e da guerra; e da prosperidade material – empregos, dinheiro, casas e vida longa.

Esse é o domínio de Cristo proclamado pelo pós-milenismo, em especial, pelo Cristianismo Reconstrucionista. Isso é o que se supõe ser a vitória de Cristo na História, o brotar do reino Messiânico.

Isso é um domínio carnal.

A vitória anunciada pelo amilenismo reformado é espiritual. É vitória real. É vitória real aqui e agora. Mas é vitória segundo os planos de Deus. É contrária aos parâmetros humanos de vitória. Ela faz com que todos os planos humanos sobre vitória, incluindo aqueles do Cristianismo Reconstrucionista, sejam tolice. Nenhum olho vê essa vitória, assim como nenhum olho pode ver o reino que é estabelecido por essa vitória (João 3:3). A vitória e o reino de Cristo podem ser conhecidos somente pela fé.

A verdadeira vitória de Cristo na História é a Sua Salvação da igreja eleita do pecado. É o Seu fortalecimento da igreja para confessar o Seu Nome. É a Sua preservação da igreja em santidade de vida para a vida eterna. Essa Salvação da igreja pertence a Cristo pela instituição de igrejas verdadeiras pregando o puro Evangelho, administrando os sacramentos de modo próprio e exercitando a disciplina cristã corretamente.

O Cristo Vencedor ajunta a igreja eleita dentre todas as nações e institui igrejas verdadeiras em todas as nações. Assim, as nações são salvas e discipuladas, conforme Cristo ordenou em Mateus 28:19. Na Salvação e na obediência dos eleitos dentre elas, as nações são salvas e discipuladas, pouco importando os números, quer sejam muitos ou poucos. A ideia pós-milenista de que a Salvação de uma nação requer a conversão da maior parte da população é antibíblica. Da mesma forma que o remanescente dos eleitos em Israel era a verdadeira nação de Israel – ainda que tenham sido uma pequena minoria (Rm. 9:6) – de igual modo, os eleitos chineses são a verdadeira China, os eleitos holandeses são a verdadeira Holanda e os eleitos ingleses são a verdadeira Inglaterra. Se a vitória de Cristo for apenas um caso de meros números, então Cristo é o perdedor na História, pois Ele salva menos humanos do que os que perecem em Adão, como o mais otimista pós-milenista tem que admitir.

A vitória de Cristo na História é o ajuntamento da igreja de dentro das nações. Esse ajuntamento inclui o fato de que a igreja seja fiel ao seu chamado de confessar a Jesus Cristo. Ele Mesmo disse que a edificação da igreja era a Sua obra na História (Mt. 16:18-19). A igreja é o Seu reino glorioso e indestrutível, o cumprimento da profecia do Salmo 72, conforme o Catecismo de Heidelberg ensina no Dia do Senhor 48 quando explica a petição “Venha o Teu reino,” como significando “Preserva e aumenta a Tua igreja.”

Como a igreja é composta dos seus membros eleitos, o domínio de Cristo também é o Seu governo no coração e na vida do Seu povo escolhido. O Catecismo de Heidelberg começa a sua explicação do reino vitorioso de Cristo aqui: “Governa-nos por Tua

Palavra e por Teu Espírito, de tal maneira nos submetamos mais e mais a Ti.” A vitória de Cristo na História é a fé, a confissão, a batalha contra o pecado, a guerra contra o mundo, a obediência à lei, o arrependimento e a perseverança até o fim de cada filho de Deus eleito, redimido e regenerado.

A vitória de Cristo é progressiva. A perfeição dela – no que tange à igreja, aos eleitos em termos individuais e à criação – será realizada pelo Próprio Cristo pessoalmente na vinda Dele. A perfeição da Sua vitória não é dentro da História, mas o fim da História (I Co. 15:22-28; Ap. 21; Rm. 8:18-23). Existe uma boa razão para isso. Deve ser demonstrado – a fim de que ninguém duvide ou negue – que *Cristo, Cristo pessoalmente*, é Salvador e Senhor para a glória de Deus.

O Rei cumpre essa vitória pelo Evangelho (Mt. 16:15; II Co. 10:3-5).

Desprezar essa vitória espiritual de Cristo é incredulidade.

Estar insatisfeito com isso é ingratidão.

Subestimar o seu poder incrível e maravilhosa glória é loucura.

Ignorar isso – porque se colocou no coração uma vitória carnal e um reino terreno do Messias – não passa de “Sonhos Judaicos.”

Somente a natureza espiritual da vitória de Cristo na História se harmoniza com o ensino da Bíblia de que a igreja no mundo é uma igreja que sempre é reprimida e perseguida – uma igreja “sob a cruz” (Mt. 24:9-10; 21-31; João 15:18-16:4; João 16:33; II Tess 1:4-10; II Tim 3; I Ped 4:12-14; Apocalipse).

Somente o caráter espiritual da vitória de Cristo em cada crente eleito explica o fato de que o homem ou a mulher que, de acordo com Romanos 8:37, é um vencedor na História, certamente, “mais que um vencedor”, é, ao mesmo tempo, e por todo o tempo, “entregue à morte o dia todo... considerado como ovelha para o matadouro” (versículo 36).

Ao mesmo tempo, vencedor e perseguido! O Cristianismo Reconstrucionista não consegue entender isso, não sabe o que fazer disso. Somente a mente espiritual – a mente de Cristo – compreende isso. A mente natural supõe que o grupo vitorioso *faz* a perseguição.

Blindados pela tese de que a vitória de Cristo na História seja carnal, o pós-milenismo cai em outros erros gritantes. Por exemplo, um Loraine Boettner pode anunciar alegremente que o mundo esteja ficando melhor naturalmente. O capítulo 7 de seu livro *The Millenium* [O Milênio] (Presbyterian and Reformed, 1959) se chama “*The World is Growing Better*” [O Mundo está Melhorando]. Isso sendo dito num século que presenciou os horrores da Alemanha nazista; as atrocidades da União Soviética de Stálin; os assassinatos da China de Mao; as mortes do Camboja de Pol Pot; as crueldades dos africanos no tempo presente; e as carnificinas dos nossos próprios filhos pelos Estados Unidos. Isso, num século que viu o Ocidente “Cristão” afundar nas profundezas de aprovar o homossexualismo.

Por outro lado, o sonho da vitória terrena aumenta o desejo de concretizá-lo, e depressa. Isso demanda números e poder político. Como os calvinistas são poucos, e os cristãos reconstrucionistas menos ainda, os cristãos reconstrucionistas fazem alianças com muitos carismáticos a fim de realizarem o

domínio do Messias (veja Bruce Barron, *Heaven on Earth? The Social & Political Agendas of Dominion Theology* [O Céu na Terra? Os Programas Sociais e Políticos da Teologia do Domínio], Zondervan, 1992 e Michael G. Moriarty, “*The Dominion Pursuit: Will the Church Christianize the World?*” [A Busca do Domínio: Será que a Igreja vai Cristianizar o Mundo?]) em *The New Charismatics* [Os Novos Carismáticos], Zondervan, 1992). O sonho de um reino terreno sempre produz amigos esquisitos.

O pior de tudo é que o pós-milenismo acusa a Cristo de ser um Rei fraco e derrotado na História. Pelo menos até o presente momento. Pois o Seu reino ainda não foi vitorioso na História, na forma que o pós-milenismo considera como sendo vitória. Por quase 2.000 anos, Cristo falhou em “cristianizar” o mundo. Até aqui, Ele tem sido um “perdedor”. Ademais, os líderes pós-milenistas atribuem a falha de Cristo em alcançar a vitória à fraqueza e infidelidade de Sua igreja. O Comandante tem tropas ruins. J. Marcellus Kik escreveu:

“Infelizmente, a Igreja de hoje não percebe o poder que Cristo lhe deu. Cristo colocou em suas mãos a corrente com a qual ela pode prender Satanás. Ela pode restringir a influência dele sobre as nações. Mas, hoje, a Igreja lamenta que o mal esteja se tornando mais e mais forte. Ela lamenta o fato de que o mundo esteja caindo mais e mais sob o controle do diabo. De quem é a culpa disso? É da Igreja. Ela tem a corrente e não tem a fé para prender Satanás mais firmemente. Satanás está preso e a Igreja

não sabe disso! Satanás pode ser preso mais firmemente e a Igreja não o faz! (*An Escathology of Victory* [Uma Escatologia de Vitória]. Presbyterian and Reformed, 1971, p. 196).

Gary North concorda com isso: “A única coisa que está atrasando a vitória da guarda de Deus é a falta de confiança, de treinamento e de táticas da guarda de Deus (*Unconditional Surrender* [Submissão Incondicional], p. 366).

Isso gera um reflexo em Jesus Cristo. Pois, como North declara, Jesus é o “Comandante Supremo em Chefe” (p. 365). Se ao menos Ele tivesse tropas melhores, ou seja, uma igreja mais forte! Por que Ele não tem? Será que Ele ficou incapaz por 2.000 anos de criar homens e mulheres fortes e fiéis o bastante para fazerem a Sua vontade e concretizarem o Seu reino terreno?

Ó, o fraco Jesus Cristo do Cristianismo Reacionista!

O Jesus que depende de homens e que é evidentemente incapaz de fazer os Seus homens dependentes é um Jesus derrotado.

North admite isso: “Cristo está esperando que a Sua igreja cerque a última fortaleza de Satanás. Cristo está esperando pelo trabalho do fermento para substituir o fermento de Satanás na moeda da criação (*Unconditional Surrender* [Submissão Incondicional], p. 332; a ênfase é de North).

Qual a diferença entre um Jesus que espera indefesamente por homens que se ocupem em finalmente trazer de vez o Seu reino e o Jesus do arminianismo, que espera

indefesamente por homens que deixem Ele reinar em seus corações?

Nenhum deles é o Jesus Cristo do amilenismo reformado.

Nosso Jesus é Senhor.

Ele venceu na Sua cruz e na Sua ressurreição.

Ele tem vencido pelo Evangelho desde o Pentecostes até este momento.

O Seu reino Messiânico veio profeticamente em poder, paz, riquezas e glória. Mundialmente!

“Tropas” fiéis, zelosas e enérgicas tornadas dispostas no dia do Seu poder em servir a Ele, fazendo tudo o que Ele as ordenou fazerem, ainda que não perfeitamente. Esses são os membros vivos das igrejas presbiterianas e reformadas verdadeiras no mundo.

Jesus é vitorioso.

Realmente.

Um vitorioso espiritual. ◻

Uma Pergunta Oportuna sobre o “Preterismo”

Vinte
capítulo

Um leitor perguntou acerca do “preterismo”. A pergunta se deve por uma série de artigos editoriais defendendo o amilenismo (reformado) (*Standard Bearer* [Correio Padrão], 15 de Janeiro de 1995 – 15 de Dezembro de 1996). O tema é merecedor de tratamento editorial.

Essa pergunta e a minha resposta se seguem abaixo:

Pergunta:

“Eu li os seus artigos sobre o amilenismo e aprendi muito. Eu lido com pessoas que mantêm uma visão pós-milenista. Ultimamente, algumas pessoas vieram até a nossa igreja e mantêm uma visão preterista. O senhor conhece muito sobre essa visão? O senhor sabe quais livros ou artigos eu deveria ler? Eles negam a segunda vinda de Cristo e muitas outras verdades importantes. Eu espero que o senhor possa me ajudar.”

Michael McCullough

[Cidade de] Ripon, [estado-norte americano da] Califórnia

Resposta:

O que é o “Preterismo”

A sua pergunta é oportuna.

O “preterismo” é uma heresia que – surpreendentemente – vem adentrando as igrejas reformadas e presbiterianas. Isso acontece em grande parte por causa do Cristianismo Reconstrucionista pós-milenista. Eu lutei contra esse erro na série de artigos editoriais que ocasionaram a sua pergunta.

A sua pergunta também é oportuna porque o preterismo lida com o tempo, especificamente o tempo da segunda vinda de Jesus, a ressurreição dos mortos, o juízo final e a renovação da criação.

O preterismo mantém que a época da segunda vinda de Jesus (no grego, *parousia*) se deu no ano de 70 d.C. A segunda vinda de Jesus foi a destruição de Jerusalém naquele ano. O preterismo mantém que a segunda vinda de Cristo, prometida na Escritura, era *exclusivamente* a destruição de Jerusalém em 70 d. C. O ano de 70 d.C. foi o fim das eras profetizadas pela Escritura. Cristo veio naquele momento; os mortos foram ressuscitados; o juízo final ocorreu ali; a criação foi, então, renovada.

Conseqüentemente, é errado esperar uma vinda visível e corpórea de Jesus, uma ressurreição dos mortos, um juízo final e uma destruição cataclísmica da presente criação no futuro, com base em qualquer profecia da Escritura. Tudo é passado.

Portanto, o termo “preterismo”. O termo em si deriva da palavra latina que significa ‘passado’.

Fundamental para essa heresia é a interpretação de Mateus 24 que faz o texto se referir exclusivamente à destruição de Jerusalém em 70 d.C. O preterista insiste que o versículo 34 é decisivo para essa interpretação: “Essa geração não passará até que todas essas coisas se cumpram.”

O preterismo também atenta bastante para o fato de que a Escritura ensina que a vinda de Jesus está “perto” ou “próxima”. Tratando dessa “proximidade” em termos de um breve período de tempo, segundo os padrões do homem, o preterismo conclui que o Novo Testamento predisse a vinda de Cristo em, no máximo, 40 anos. Essa previsão se cumpriu em 70 d.C. Foi completa e exaustivamente cumprida em 70 d.C.

Os Preteristas

Existe um livro recente promovendo o preterismo se chama *The Promise of His Coming: Interpreting New Testament Statements concerning the Time of Christ's Appearance* [A Promessa da Vinda Dele: Interpretando as Passagens do Novo Testamento acerca da Época da Aparição de Cristo] (Chicago: Laudemont Press, 1996) de R. C. Leonard e J. E. Leonard. O livro defende que todas as profecias escatológicas das Escrituras já foram cumpridas no passado, em 70 d.C.:

“Como a vinda de Cristo, conforme profetizada nos documentos do Novo Testamento, já ocorreu, existe pouca base nas Escrituras para que se perpetue a doutrina que ainda esteja no futuro (p. 216).

Nós apresentamos a evidência de que a destruição de Jerusalém em 70 d.C. representa o cumprimento do que a igreja apostólica conhecia como a promessa da vinda de

Jesus e o fim da era. A esperança futura da igreja de hoje, desse modo, está em outra direção... (p. 219).

Para os cristãos de hoje, os últimos dias, aos quais o Novo Testamento se refere, estão no passado. A nossa tarefa não é de antecipar o fim, mas de viver na nova comunidade inaugurada por Jesus Cristo (p. 220).”

O preterismo atual, incluindo o ensinamento dos Leonards, se baseia muito em um livro do século XIX do escritor congregacional James Stuart Russell. O livro se chama *The Parousia: a Critical Inquiry into the New Testament doctrine of Our Lord's Second Coming* [A Parousia: uma Investigação Crítica sobre a doutrina do Novo Testamento da Segunda Vinda do Nosso Senhor]. Uma nova edição dessa obra, publicada pela primeira vez em 1878, foi publicada em 1996 pela *Kingdom Publications* [Publicações do Reino] em Bradford, na Pensilvânia. As citações que se seguem utilizam essa edição mais recente.

Segundo Russell, a segunda vinda de Cristo que é profetizada em I Tessalonicenses 4:13-17 e em II Tessalonicenses 1 e 2 já aconteceram em 70 d.C. na destruição de Jerusalém (pp. 165-190). A ressurreição dos mortos, prometida em I Coríntios 15, aconteceu em 70 d.C. na destruição de Jerusalém (pp. 199 e seguintes). O juízo público e final de Mateus 25:31-46 não é o juízo futuro e “final de toda a raça humana, mas sim o da nação culpada... da Palestina... cujo dia de desastre estava agora para vir” (p. 108). A renovação da criação descrita em Romanos 8:19-22 não é um livramento futuro de uma “criação irracional e inanimada”,

mas sim a liberação em gemidos de uma "humanidade sofredora e oprimida", quando "toda a estrutura visível e o corpo do Judaísmo foram varridos" na destruição de Jerusalém em 70 d. C. (pp. 222-232).

O livro inteiro de Apocalipse, com a exceção embaraçosa do milênio no capítulo 20, encontra o seu cumprimento total na destruição de Jerusalém (pp. 362 e seguintes).

O preterismo de Russell é consistente. Cada profecia na Escritura sobre a vinda de Cristo e o fim do mundo foi cumprida na destruição de Jerusalém em 70 d.C.:

"Nós somos compelidos... a concluir que a Parousia, ou segunda vinda de Cristo, com os seus eventos conectados e concomitantes, ocorreram de verdade, segundo a profecia do próprio Salvador, no período em que Jerusalém foi destruída, antes que "aquela geração" passasse (p. 549)."

Como essa citação indica ("segundo a profecia do próprio Salvador"; "antes que 'aquela geração' passasse") a interpretação de Russell da escatologia do Novo Testamento se baseia diretamente na explicação dele de que Mateus 24 se refere exclusivamente à destruição de Jerusalém em 70 d.C. Russell afirma que a linguagem de Mateus 24 (e 25) "não só é apropriada para se aplicar à destruição de Jerusalém, mas também que isso é uma aplicação verdadeira e exclusiva" (p. 82).

Isso é heresia.

É uma grave negação da segunda vinda de Cristo e, junto com ela, da ressurreição dos mortos, do juízo final e da renovação da criação do céu e da terra.

Ninguém poderia falhar em detectar a falsa doutrina.

O preterismo destrói a esperança cristã: a breve vinda de Jesus Cristo, nosso Senhor, corporalmente, a fim de ressuscitar os nossos corpos dentre os mortos e nos levar a Si Mesmo na perfeita comunhão do pacto. Do lado dos zombadores de II Pedro 3:4, essa heresia questiona, “Onde está a promessa da sua vinda?” Do lado de Himeneu e Fileto, essa heresia diz que “a ressurreição já aconteceu” (II Tm 2:18).

É a rejeição da esperança cristã com uma vingança. Nada da nossa esperança resta.

Russell admite isso tudo. Tendo aniquilado a expectativa da vinda de Cristo da parte da igreja e do cristão, ele imagina os seus leitores perguntando, “Aonde estamos indo? Qual é o fim e a consumação da história humana?” Certamente! Quais são as nossas realidades futuras? Quais eram as realidades futuras dos crentes e de seus filhos depois de 70 d.C.?

A resposta de Russell? É esta:

“As profecias da Escritura não nos guiam além disso” (p. 549).”

E, “Onde nada se revelou, o ápice da presunção sereia prever o futuro” (p. 550).

A Palavra de Deus nos deixa completamente no escuro quanto ao futuro.

A igreja e o crente estão perdidos. Como nós somos salvos mediante a fé, segundo Romanos 8:24, o preterismo remove a nossa Salvação.

O Preterismo do Cristianismo Reconstrucionista

Essa grave heresia está sendo promovida pelo Cristianismo Reconstrucionista pós-milenista nas igrejas reformadas e presbiterianas atualmente, ainda que se evite um preterismo total e consistente. A relação íntima entre o preterismo consistente e total de James Stuart Russell e dos Leonards, de um lado, com o preterismo inconsistente do Cristianismo Reconstrucionista do outro, é evidente.

A nova edição do livro *The Parousia* [A Parousia] de Russell possui recomendações chamativas do livro por Gary DeMar e Kenneth L. Gentry Jr. DeMar escreve: “*A Parousia* lida seriamente com a Bíblia quando nos fala da proximidade do retorno de Cristo... Ler Russell é um sopro de ar puro em um cômodo repleto de fumaça que espelha hermenêutica.” Embora não concorde com todas as conclusões de Russell, Gentry enaltece bastante esse livro, e confessa a sua dependência sobre o mesmo:

“Eu recomendo muito essa defesa escrita bem organizada, cuidadosamente elaborada e animadora aos estudantes sérios e maduros da Bíblia. É um dos livros mais persuasivos e desafiadores que eu já li sobre o tema

da escatologia, e possui um grande impacto no meu próprio pensamento.”

DeMar e Gentry são os principais campeões do Cristianismo Reconstrucionista.

Ademais, os Leonards, preteristas consistentes, apelam à David Chilton, cristão reconstrucionista, em apoio à aplicação deles de todo o livro de Apocalipse para o passado (*The Promise* [A Promessa], p. 156).

Além disso, a leitura do livro *The Parousia* [A Parousia] traz à luz a dependência dos cristãos reconstrucionistas sobre Russell para a interpretação deles de passagens como II Tessalonicenses 2 e de todo o livro de Apocalipse.

Quanto ao protesto do Cristianismo Reconstrucionista de que queira reter a esperança de uma vinda futura de Cristo e de uma ressurreição futura dos mortos com base em algumas profecias do Novo Testamento que ainda se aplicam para a igreja de hoje, isto é, que deseja manter um “preterismo *inconsistente*”, três coisas tornam isso impossível.

Em primeiro lugar, o Cristianismo Reconstrucionista ensina que Mateus 24:1-35 se aplica exclusivamente para a destruição de Jerusalém, em nenhum momento se referindo à vinda de Cristo no futuro. Essa é a importância básica da profecia de Mateus *sobre o reconhecimento de todos* de que se a escatologia de Jesus somente possui em vista a destruição de Jerusalém, o mesmo fica sendo verdade para toda a escatologia do Novo Testamento. Mateus 24 é o problema. A interpretação de

Mateus 24 é a diferença entre a esperança da fé cristã e a desesperança do preterismo. Nos quatro artigos em que eu examinei, critiquei e refutei a interpretação preterista sobre Mateus 24 por J. Marcellus Kik e nos quais em momento posterior eu expus a explicação correta da passagem, foram o coração da série de artigos editoriais de “Uma Defesa (Reformada) do Amilenismo” (*Standard Bearer* [Correio Padrão], 1º de abril, 15 de abril, 1º de maio e 15 de maio de 1996).

Em segundo lugar, o Cristianismo Reconstrucionista insiste em dizer que o ensino do Novo Testamento de uma vinda de Cristo “perto” e “próxima” significa que Cristo viria em uma segunda vinda dentro de poucos anos, ou seja, na destruição de Jerusalém em 70 d.C.

Se isso for, de fato, o que se queira dizer com “perto”, “próximo” e “depressa”, então Cristo veio em 70 d.C., e tudo conectado à Sua vinda, por exemplo, a ressurreição, ocorreu nessa época do passado. As profecias da Escritura foram cumpridas. Foram cumpridas completamente na destruição de Jerusalém. Não há mais revelações de qualquer vinda futura.

Em terceiro lugar, o Cristianismo Reconstrucionista está comprometido com um preterismo consistente, ainda que proteste pelo contrário, pois o grande bem no futuro que o Cristianismo Reconstrucionista colocou o seu coração, anseia e apressa é o reino terreno dos seus sonhos. A esperança do Cristianismo Reconstrucionista não é a segunda vinda de Cristo. Diante da vinda futura de Cristo, o Cristianismo Reconstrucionista fecha os lábios. A esperança do Cristianismo Reconstrucionista é um reino carnal de poder, prosperidade e paz terrenos.

Quando os Leonards – preteristas consistentes – se desdobram para nos dizer o motivo deles terem colocado toda a

escatologia do Novo Testamento no passado, e assim anulando a expectativa da vinda de Cristo, eles acabam dizendo:

“(Isso) fornece o incentivo para a igreja militante, os seguidores de Jesus Cristo combatendo as distorções e desigualdades de uma cultura sem Deus, e para criarem a base de uma reconstrução contínua da sociedade em consonância com os princípios da lei pactual de Deus. Os cristãos não possuem uma justificativa bíblica para se retirarem dessa luta pela esperança de que Cristo irá aparecer, mais cedo ou mais tarde, e executar as sanções do fim. Os últimos dias já chegaram e se foram, deixando a igreja na terra onde Cristo intencionou que permanecesse.” (*The Promise* [A Promessa], p. 208).

Parece familiar?

O reino carnal de “Sonhos Judaicos”!

O Cristianismo Reconstrucionista está comprometido, inevitável e totalmente com o preterismo consistente, o qual remove da igreja e do cristão toda a esperança e toda a Salvação.

O Evangelho de esperança é a escatologia reformada, amilenista e bíblica.

Jesus Cristo está vindo. Ele está a caminho agora mesmo. Ele virá no futuro. Ele virá pessoal, corpórea e visivelmente. Ele vem depressa. A sua vinda está perto. Nós vivemos diariamente na expectativa de que Ele venha. A sua vinda é a nossa esperança.

Vem, Senhor Jesus! ☐

O Preterismo do Cristianismo Reconstrucionista

Vinte e Um

capítulo

Na coluna dos leitores desta edição do *Standard Bearer* [Correio Padrão], dois campeões do Cristianismo Reconstrucionista atacaram com afinco o recente artigo editorial “Uma Pergunta Oportuna sobre o Preterismo” (*Standard Bearer* [Correio Padrão], 15 de fevereiro de 1999). As cartas se seguem abaixo.

O artigo editorial respondeu uma pergunta de um leitor da Califórnia (onde o preterismo do Cristianismo Reconstrucionista toma a frente em igrejas reformadas e presbiterianas), pedindo informações sobre a “visão preterista”. O artigo editorial explicou que o preterismo (a partir de uma palavra latina significando “passado”) é uma heresia que ensina que a segunda vinda de Jesus Cristo é um evento passado. A segunda vinda de Cristo ocorreu em 70 d.C. A segunda vinda de Cristo foi a destruição de Jerusalém.

O artigo editorial defendeu que o Cristianismo Reconstrucionista está promovendo essa heresia em igrejas reformadas e presbiterianas hoje:

“Essa grave heresia está sendo promovida pelo Cristianismo Reconstrucionista pós-milenista em igrejas reformadas e presbiterianas atualmente, ainda que se evite um preterismo total e consistente.”

Essa acusação provocou respostas raivosas de dois campeões do Cristianismo Reconstrucionista.

Eu publiquei ambas as cartas por inteiro. Isso surpreenderá algumas pessoas. As cartas descem até para abusos pessoais. Pior ainda, elas fazem um ataque indecente no amilenismo histórico, confessional e reformado. Se eu fosse escrever uma carta parecida em defesa do amilenismo para a revista cuja edição é de Sandlin, isto é, o *Chalcedon Report* [Relato Calcedônio]; ou para a publicação de DeMar que se chama *American Vision* (Visão Americana), a minha carta não veria a luz do dia.

Mas eu não lhes faço um favor ao publicar as suas respectivas cartas. É o meu propósito que esses defensores do Cristianismo Reconstrucionista tenham a permissão de exporem a si mesmos, como eles insistem, e que o preterismo do Cristianismo Reconstrucionista seja clareado sem qualquer sombra de dúvidas.

Uma coisa que fica patente nas cartas é que, embora o Cristianismo Reconstrucionista seja bom quando faz o seu criticismo, ele possui uma pele muito fina quando recebe o mesmo. Por 30 e poucos anos até aqui, R. J. Rushdoony e seus discípulos tem rasgado o amilenismo reformado sem piedade.

Considere essa condenação sobre o amilenismo e os amilenistas por Rushdoony, o patriarca do movimento:

“O amilenismo... (está) em retirada do mundo e em submissão blasfema ao diabo. Pela sua própria premissa... de que o mundo só ficará pior... ele corta o nervo da ação cristã... (Junto com os pré-milenistas), eles (os crentes amilenistas – DJE) são... o segmento mais impotente da sociedade norte-americana, com o menor impacto na vida norte-americana. Transformar a palavra de conquista mundial do Deus soberano, onipotente e triúno em um símbolo de impotência não é uma marca de fé. É blasfêmia.” (*“Postmillennialism versus Impotent Religion”* [O Pós-milenismo versus a Religião Impotente], em *Journal of Christian Reconstruction* [Jornal do Cristianismo Reconstrucionista], 3, no 2 [Winter, 1976-77]: 126,127).

A carta do reverendo Sandlin ilustra o ataque e a ridicularização sem tréguas sobre o amilenismo pelo Cristianismo Reconstrucionista ao longo dos anos: “o seu próprio amilenismo bastante derrotista e implicitamente maniqueu.”¹

Mas deixe que um amilenista reformado se aventure no criticismo ao Cristianismo Reconstrucionista, e se verá a reação virulenta e com abusos pessoais pelos cristãos reconstrucionistas: “retrato distorcido”; “culpado de calúnia”; “o seu próprio

¹ Nota do tradutor: o Maniqueísmo foi uma heresia que colocava o Bem e o Mal com representantes no mesmo patamar. No Cristianismo, colocou Deus e o diabo como se tivessem o mesmo poder espiritual de dois seres divinos, mas opostos entre si. Sablin citou essa heresia para acusar o professor Engelsma de colocar Deus disputando em igualdade de poderes um reino junto com o diabo neste mundo, diante da percepção de vitória do Evangelho divergente entre esses dois homens.

amilenismo bastante derrotista e implicitamente maniqueu”; “mentiras sobre como as pessoas realmente creem”; “nível acadêmico deficiente”; “constrangedor”; “por que você não faz exegese fundamentada?”

A pergunta sobre o preterismo à qual eu respondi no artigo de 15 de fevereiro de 1999 do *Standard Bearer* [Correio Padrão] foi motivada por uma série de artigos editoriais contra o pós-milenismo do Cristianismo Reconstrucionista. Esses artigos editoriais transcorreram entre 15 de janeiro de 1995 até 15 de dezembro de 1996. Logo depois que eu comecei a série, uma pessoa daquela multidão belicosa – um advogado – ameaçou iniciar um processo judicial caso eu não cessasse de criticar o Cristianismo Reconstrucionista.

Todo esse rompante possui a tendência, senão o desejo, de assustar aqueles que seriam os oponentes do Cristianismo Reconstrucionista. Quem está disposto a ser levado ao tribunal por um advogado jovem e afiado? Quem gosta de sofrer paródias de grandes exegetas, pensadores e teólogos do Cristianismo Reconstrucionista? O resultado é que os oponentes timidamente recuam do campo, deixando a escatologia nas mãos do Cristianismo Reconstrucionista.

Isso não pode acontecer. A escatologia do Cristianismo Reconstrucionista é uma falsa doutrina. Ela tem que ser exposta. O amilenismo, sendo a verdade do Próprio Deus – verdade de importância vital – sobre os últimos dias, tem que ser defendido da acusação maligna de “blasfêmia” do Cristianismo Reconstrucionista. Esse é o nosso chamado.

Grande parte dos conteúdos das duas cartas pode ser respondida rapidamente. Nem Sandlin e nem DeMar tocam nas

minhas bases para dizer que, embora (como eu reconheci) o Cristianismo Reconstrucionista proteste que queira reter uma vinda futura de Cristo, de fato, o Cristianismo Reconstrucionista está comprometido com um preterismo consistente (veja 15 de fevereiro, *Standard Bearer* [Correio Padrão], p. 223). Essas bases possuem relação com a explicação do Cristianismo Reconstrucionista de Mateus 24; o entendimento cristão reconstrucionista do ensino do Novo Testamento de que o retorno de Cristo está “perto”; e com o fato do Cristianismo Reconstrucionista ter o seu coração direcionado não para o retorno de Jesus, mas sim para o reino carnal dos seus sonhos. Até que Sandlin e DeMar demonstrem ou façam algum esforço em demonstrar que essas bases sejam falhas, a acusação permanece.

DeMar não deveria apelar ao apoio de Charles H. Spurgeon deu ao livro preterista de James Stuart Russell, *The Parousia* [A Parousia]. De um lado, o mau exemplo de outra pessoa não é justificativa para que alguém cometa o mesmo mau. Por outro lado, colocar a recomendação de Spurgeon nas edições mais antigas do livro de Russell foi algo confuso, senão enganoso. A revisão completa de Spurgeon sobre o livro *The Parousia* [A Parousia] de Russell foi de *crítica*, não de elogio. Somente a última linha teve uma recomendação qualificada para a leitura do livro. Retirar aquela linha de toda uma revisão crítica e usá-la como apoio foi algo dúbio, na melhor das hipóteses.

Existe mais base no apelo de DeMar à R. C. Sproul. Sproul recomendou o livro *The Parousia* [A Parousia] de Russell. Esse é o livro que, lembre-se, coloca toda a escatologia revelada nas Escrituras, com a exceção do milênio de Apocalipse 20, no passado. Esse é o livro que nega qualquer revelação de uma vinda futura de Jesus Cristo. A recomendação de Sproul salta aos olhos: “A obra de Russell é um dos tratados mais importantes em escatologia bíblica

que estão disponíveis à igreja de hoje.” Desde então, Sproul escreveu um livro próprio de escatologia, no qual ele expressa forte atração ao preterismo ensinado por Russell. Fica muito evidente que ele foi poderosamente influenciado por Russell. Os cristãos reconstrucionistas não foram lentos em colocar o popular Sproul como o seu aliado.

E com direito para tanto.

Isso faz com que seja mais necessária ainda a exposição do preterismo como uma falsa doutrina. A exposição do preterismo se torna necessária para o bem dos cristãos reformados e presbiterianos entre quem R. C. Sproul é influente.

DeMar me conclama a fazer “exegese fundamentada” das Escrituras nesses temas. Ai de mim, ele é ignorante da exegese que eu fiz nas páginas do *Standard Bearer* [Correio Padrão] de diversas passagens das Escrituras que são cruciais no debate: Mateus 24; Isaías 65 e Apocalipse 20. A razão para a ignorância dele é que ele não leu o *Standard Bearer* [Correio Padrão].

Tanto Sandlin como DeMar estão sofrendo no início de suas cartas para me informar que eles mesmos não sabiam do meu artigo editorial sobre o preterismo ao qual eles respondem. Um “amigo”, de um lado, e um “membro do comitê editorial” de outro tiveram que levar a revista à atenção deles.

Isso é perfeitamente compreensível.

Os leitores do *Standard Bearer* [Correio Padrão] deveriam saber que esses homens são muito importantes e ocupados.

Não se pode esperar que eles queiram ler algo tão humilde como a revista do *Standard Bearer* [Correio Padrão].

Mas, de igual modo, DeMar não poderia alegar alguma falha minha em fazer uma exegese fundamentada de passagens das Escrituras no debate entre o amilenismo reformado e o pós-milenismo cristão reconstrucionista. Fato é que boa parte da minha série, “Uma Defesa do Amilenismo (Reformado)”, série essa ocasionada por uma longa carta de Gary DeMar, impressa copiosamente no *Standard Bearer* [Correio Padrão], consistiu de exegese que disse refutar a posição pós-milenista e fundamentar a posição do amilenismo.

Que esses homens importantes e ocupados não disponibilizem tempo para ler o *Standard Bearer* [Correio Padrão] é algo compreensível. Mas não é sábio. Ainda que o *Standard Bearer* [Correio Padrão] seja humilde em comparação com os tomos estudados sobre os quais esses poderosos exegetas, pensadores e teólogos operam, é a única revista que atualmente defende com vigor o amilenismo histórico. O seu próprio expoente, Gary North, fez essa observação no prefácio do seu comentário em Números. Explicando porque ele dedica tantas páginas para uma consideração dos escritos dos protestantes reformados sobre escatologia, North diz que os homens protestantes reformados “estão entre os muito poucos defensores holandeses-americanos calvinistas restantes de um amilenismo tradicional, e que estão dispostos a publicarem acerca do tópico.” Ele acrescenta:

“Mas tão poucos teólogos hoje em dia estão preparados para defenderem com convicção real e com entusiasmo o pessimismo amilenista original (*sic!*) que (os homens protestantes reformados) fizeram surgir um tipo de monopólio operacional: o dos últimos defensores

verdadeiramente entusiastas de uma tradição amilenista holandesa” (*Sanctions and Dominion: An Economic Commentary on Numbers* [Sanções e Domínio: Um Comentário Econômico em Números], ICE, 1997, pp. Xxviii, xxix).

Sandlin e DeMar podem achar proveitoso ler a única defesa vigorosa e orgulhosa do amilenismo sendo publicada atualmente.

Todos esses temas podem ter a sua importância, mas o assunto principal é a minha acusação de que a doutrina do Cristianismo Reconstrucionista das últimas coisas é preterista. Isso tem que ser a acusação que DeMar classifica como uma “mentira”. Ele nunca nos diz qual a “mentira”, muito menos *prova* que qualquer coisa no artigo editorial seja uma “mentira”. Aparentemente, acadêmicos ocupados e importantes não precisam condescender para tais detalhes. Para eles, é suficiente declarar com base em suas próprias autoridades que todo um artigo seja, genericamente, uma “mentira”. Esse veredicto deve então ser aceito como decisivo.

No humilde *Standard Bearer* [Correio Padrão], nós trabalhamos diferente. Nós requisitamos que a “mentira” seja identificada precisamente e que então a acusação de falsidade seja provada.

Sem dúvidas, DeMar se refere à acusação do preterismo.

DeMar recomenda o livro de James Stuart Russell, *The Parousia* [A Parousia]. Esse livro se dedica à propositura de que cada profecia escatológica na Bíblia, salvo somente o milênio de

Apocalipse 20, se cumpriu em 70 d.C. Ou seja, todas as últimas coisas são *passado*. Cristo veio então, e não há vinda futura de Jesus Cristo a se aspirar. O livro de Russell é preterismo. É preterismo com uma vingança. É preterismo total e consistente. É preterismo que destrói a esperança cristã. É tanto uma negação da segunda vinda de Jesus Cristo, como é a doutrina liberal de que o corpo de Jesus (se é que Ele viveu) esteja se decompondo na poeira da Palestina. Sobre esse livro, na contra-capá da reedição de 1996, Gary DeMar diz:

“Quantas vezes você já lutou com a interpretação de certos textos bíblicos relacionados à época do retorno de Jesus pelo fato deles não se encaixarem com um sistema pré-concebido de escatologia? A *Parousia* de Russell leva a Bíblia a sério quando nos fala da proximidade do retorno de Cristo. Aqueles que afirmam interpretar a Bíblia literalmente costumam tropeçar sobre o sentido óbvio desses textos temporais ao fazerem as Escrituras significarem o oposto daquilo que declara inequivocamente. Ler Russell é um sopro de ar fresco em um cômodo repleto de fumaça e que espelha hermenêutica.”

Alguém que recomendou o livro de Russell não pode dizer a palavra “mentira” quando um amilenista acusa “preterismo”! Tampouco pode dizer a palavra “mentira” quando o amilenista alega que o pós-milenismo cristão reconstrucionista esteja

promovendo a heresia grave do preterismo consistente de James Stuart Russell. Isso é exatamente o que DeMar fez, quis e está fazendo pela sua recomendação na contracapa do livro.

O que DeMar deveria ter escrito sobre o livro *The Parousia* [A Parousia] de Russell é que se trata de uma negação condenável de toda a esperança cristã da segunda vinda de Jesus Cristo, incluindo a ressurreição do corpo, o juízo final e a vida eterna no novo mundo. Ele deveria ter acrescentado que é uma dissolução maligna e tola da promessa do Dia de Cristo em um dia de destruição de uma cidade de segunda categoria em um passado distante.

DeMar irá se opor a isso, porque embora ele seja um preterista, ele não é um *hiper-preterista*.

Essa também é a defesa de Sandlin: o Cristianismo Reacionista rejeita o “preterismo *consistente*”. Pode-se notar de leve que a consistência é uma joia. Ela também possui uma certa inevitabilidade. Na teologia, as posições que começaram abraçando *inconsistentemente* um erro, invariavelmente se tornam uma adoção *consistente* do erro.

Mas deixe estar. No artigo editorial sobre o preterismo, eu reconheci que o Cristianismo Reacionista “diz evitar um preterismo total e consistente.” Eu reconheci que o Cristianismo Reacionista afirma que “queira reter a esperança de uma vinda futura de Cristo e de uma ressurreição futura dos mortos com base em algumas profecias do Novo Testamento que ainda se aplicam para a igreja hoje em dia, ou seja, que queira manter um ‘preterismo *inconsistente*’”.

Mas eu acrescentei três razões pelas quais isso é impossível, três razões pelas quais o Cristianismo Reacionista está comprometido inevitável e totalmente com

um preterismo consistente. Sandlin e DeMar não tocaram nessas três razões. Eles têm que fazer isso.

Em um artigo posterior, eu irei demonstrar, principalmente pelos escritos de Gary DeMar, que o Cristianismo Reconstrucionista é preterista. Ou seja, primeiramente, o Cristianismo Reconstrucionista explica de forma errada eventos importantes da escatologia bíblica do futuro como se fossem eventos passados. Em segundo lugar, o Cristianismo Reconstrucionista é culpado de fazer da escatologia bíblica uma coisa do passado. Em terceiro lugar, o Cristianismo Reconstrucionista está preso pela sua própria teologia em encarar toda a escatologia como um evento passado.

Mas eu gostaria que o reverendo Sandlin e o senhor DeMar pudessem ler a minha resposta às suas cartas neste artigo editorial e no seguinte do *Standard Bearer* [Correio Padrão].

Eu gostaria de perguntar ao amigo do senhor DeMar e ao membro do comitê editorial do *Chalcedon Report* [Relato Calcedônio] que trouxeram o artigo editorial de 15 de fevereiro à atenção desses homens se eles poderiam fazer o mesmo com esses artigos. □

O Cristianismo Reconstrucionista na Ofensiva

Carta de Gary DeMar

Um amigo me enviou uma cópia do seu artigo editorial de 15 de fevereiro de 1999 do *Standard Bearer* [Correio Padrão] cujo tema era preterismo.

Para se erguer um padrão, uma pessoa deve ter um padrão. Uma coisa é discordar de uma posição e daqueles que a mantêm; outra coisa é mentir sobre o que as pessoas creem de

verdade. O nono mandamento ainda possui vigência. O seu artigo editorial é um exemplo de baixo nível acadêmico. É vergonhoso pensar que foi escrito por um professor de seminário que supostamente prepara alunos para o ministério e para a exposição da verdade. Eu usarei isso como um exemplo aos meus alunos de como não argumentar. O senhor não faz favor algum à sua causa ao publicar essas meias verdades.

Que tenhamos um debate no seu seminário. Que os seus alunos decidam quem está dizendo a verdade. Forneça-lhes *Last Day Madness* [Loucuras dos Últimos Dias]. Vamos ver se eles chegam às suas conclusões. Eles deveriam ler também o livro de Ken Gentry chamado *Before Jerusalem Fell* [Antes que Jerusalém Caísse].

Eu não me utilizei de Russell na minha pesquisa. Eu fui bastante influenciado por John Lightfoot, acadêmico de hebraico e um dos participantes da Assembleia de Westminster. Ele, junto com muitos outros comentaristas, mostrou que Mateus 24 e 2 Tessalonicenses 2, nomeando apenas duas passagens, tinham um cumprimento preterista. Se o senhor ler *Last Day Madness* [Loucuras dos Últimos Dias] e seguir os seus argumentos, o senhor não seria tão rápido em representar erradamente um irmão em Cristo. Será que o senhor também irá atacar C. H. Spurgeon pelo seu apoio à Russell? (Veja a primeira edição republicada por Baker). E o que dizer da *Baker House Book* [Casa do Livro de Baker] por reimprimir duas vezes? E ainda há a questão de R. C. Sproul e o seu apoio. De fato, ele escreveu o prefácio da última edição republicada de Baker. Por que o senhor não mencionou Sproul e a conferência preterista dele que teve quase 4.000 pessoas participando? O senhor está com medo de que toda a sua tese seja considerada suspeita caso as pessoas soubessem que Sproul possui

uma posição similar e que permaneceu junto com um número de reconstrucionistas neste caso?

Por que o senhor não faz uma exegese fundamentada ao invés de dar nome aos bois?

O senhor afirma que a vinda de Jesus está “perto”. O que o senhor quer dizer com “perto”? O senhor nunca diz aos seus leitores.

Eu espero ler argumentos melhores no futuro.

Gary DeMar

Presidente, *American Vision* [Visão Americana]

(Cidade de) Atlanta, (estado norte-americano da) Geórgia

Carta de Andrew Sandlin

Um membro do nosso comitê editorial me alertou sobre o seu artigo editorial de 15 de fevereiro, cujo título é “Uma Pergunta Oportuna sobre o ‘Preterismo’”. Era tão distorcido na sua descrição da posição cristã reconstrucionista que eu prefiro assumir que o senhor esteja simplesmente mal informado, pois, certamente, uma pessoa nesse caso seria culpada de calúnia por representar horrendamente mal a visão documentável do Cristianismo Reconstrucionista. Por exemplo, David Engelsma declara de modo absoluto que: “O Cristianismo Reconstrucionista está comprometido, inevitável e totalmente com o preterismo consistente, o qual remove da igreja e do cristão toda a esperança e toda a Salvação.”

Isso está claramente errado. O Cristianismo Reconstrucionista e o “preterismo consistente” são posições

antitéticas, e nós declaramos esse ponto categoricamente no artigo editorial de julho de 1997 do *Chalcedon Report* [Relato Calcedônio]. O Cristianismo Reconstrucionista abraça a fé cristã ortodoxa, com aspectos cruciais que os “preteristas consistentes” negam. Alguns cristãos reconstrucionistas mantêm que algumas partes de Mateus 24 e Apocalipse foram cumpridas em 70 d.C., mas todos eles afirmam um Segundo Advento físico de Cristo, a ressurreição de justos e injustos e o juízo final. Ou seja, todos são escatologistas ortodoxos. Se eles adotassem o “preterismo consistente”, eles estariam, portanto, abandonando o Cristianismo Reconstrucionista – e, nesse sentido – o Cristianismo ortodoxo.

Ninguém do *Chalcedon Report* [Relato Calcedônio] é um preterista – certamente não como se define hoje em dia. Rushdoony e eu mantemos que a maior parte de Mateus 24 e de Apocalipse descreve eventos de grande quantidade da era entre os adventos, incluindo, é claro, a destruição de Jerusalém (eu mesmo penso que a visão de Matthew Henry chegou no alvo). O senhor assevera que a visão de Russell em localizar o Segundo Advento em 70 d.C. é herética. Nós concordamos, e não apoiamos de forma alguma a obra perniciosa dele chamada *The Parousia* [A Parousia]. Embora haja alguns cristãos reconstrucionistas mais recentemente adotaram uma forma de preterismo ameno e ortodoxo, essa interpretação de maneira alguma é endêmica à nossa posição.

Talvez para o senhor, a heresia de Himeneu (“preterismo consistente”) ofereça uma questão conveniente pela qual se possa desmerecer a nossa aproximação consistentemente reformada à Fé, e para propagandear o seu próprio amilenismo bastante derrotista e implicitamente maniqueu. De qualquer modo, se o senhor está comprometido em atacar a nossa posição, por favor, tenha a cortesia de atacar os nossos distintivos: Cristianismo ortodoxo, católico (*nota do tradutor: sentido original de “universal”*)

nesta palavra; não confundir com a Igreja Católica Romana) e reformado; pressuposicionalismo de Van Til; pós-milenismo e dominionismo.

O preterismo nunca foi um distintivo do Cristianismo Reconstrucionista.

Os seus leitores merecem ouvir os fatos desta carta.

(Reverendo) Andrew Sandlin

Editor, *Chalcedon Report* [Relato Calcedônio]

(Cidade de) Vallecito, (estado norte-americano da) Califórnia

O Preterismo do Cristianismo Reconstrucionista (conclusão)

Vinte e Dois

capítulo

O Cristianismo Reconstrucionista é preterista.

Isso significa um grave erro ou uma falsa doutrina no tocante ao ensino da Escritura sobre as últimas coisas. O preterismo é um falso ensino acerca da segunda vinda de Jesus Cristo e dos eventos que estão ligados com essa vinda na forma de sinais. É um erro em escatologia.

O preterismo diz que as profecias bíblicas de eventos que são presentes ou futuros para a igreja que está no fim do século XX já foram cumpridos no passado. Ele diz que essas profecias foram cumpridas *exaustivamente* no passado. Não há cumprimento futuro. A data em que essas profecias foram cumpridas, de acordo com o Cristianismo Reconstrucionista, foi 70 d.C. Essa foi a data em que Roma destruiu Jerusalém.

O Cristianismo Reconstrucionista preterista diz que a *maioria* das profecias das Escrituras de eventos futuros em escatologia já se cumpriram. Tudo o que restou e que o Cristianismo Reconstrucionista encara são algumas poucas

passagens do Novo Testamento prometendo o retorno corpóreo de Cristo, uma ressurreição dos mortos e um juízo final.

No presente, os teólogos que lideram o Cristianismo Reconstrucionista até aceitam que essas poucas – essas *muito* poucas – profecias do Novo Testamento sobre o fim ainda precisam ser cumpridas. Isso os habilita a expressarem revolta, como fizeram Andrew Sandlin e Gary DeMar no artigo editorial anterior do *Standard Bearer* [Correio Padrão], quando um amilenista reformado denuncia o preterismo deles.

Mas esse reconhecimento de algumas poucas profecias escatológicas ainda não cumpridas, necessário para se manter alguma aparência de ortodoxia, é inconsistente. A teologia preterista deles requer que mesmo essas poucas profecias sejam explicadas sob um entendimento de que foram cumpridas no passado. Isso vai acontecer. O preterismo inconsistente vai se tornar preterismo consistente. Da mesma forma que DeMar, Gentry e Chilton desenvolveram a explicação preterista de J. Marcellus Kik sobre Mateus 24, assim também os discípulos desses cristãos reconstrucionistas irão desenvolver ainda mais o seu preterismo. Então, como ocorreu com James Stuart Russell, cujo livro de preterismo total foi recomendado energicamente por DeMar e Gentry (e sim, também por R. C. Sproul), o Cristianismo Reconstrucionista irá ensinar diretamente que Cristo veio no ano de 70 d.C., e que não há outra vinda a se esperar com base na Escritura.

A teologia reformada holandesa, a qual o Cristianismo Reconstrucionista tem como ruim, possui um ditado: “Os princípios operam com sucesso.”

Como DeMar protestou contra a minha acusação de preterismo, é simplesmente correto que eu demonstre o preterismo do Cristianismo Reconstrucionista a partir de seu livro, *Last Day Madness* [Loucuras dos Últimos Dias] (American Vision, 1994; as referências das páginas que se seguem são desse volume). Eu também poderia usar os escritos de Kenneth Gentry ou de David Chilton. Todos esses homens, junto com Andrew Sandlin, são discípulos de R. J. Rushdoony. Eles são colegas de Sandlin. Com ele, são representantes do Cristianismo Reconstrucionista. Quando eu demonstrar o preterismo do livro de DeMar, eu irei também silenciar Sandlin, que estava pronto para dizer em alta voz palavras como “retrato... distorcido”; “desinformado”; “gravemente mal representado.”

Aqui estão algumas das passagens do Novo Testamento que o próprio DeMar explicitamente declara terem se cumprido exhaustivamente no passado, em 70 d.C. (Eu fico tentado a listar uma atrás da outra as passagens para familiarizar o leitor com o que o Cristianismo Reconstrucionista preterista faz com quase todo o conjunto da escatologia do Novo Testamento. Mas eu me refreio disso por causa do precioso espaço).

Mt. 10:22-23; Mt 16:27-28; Mt 26:64; Jo 21:21-22; Rm. 13:11; Rm. 13:12; Rm. 16:20; I Co. 7:31; I Co 10:11; Fp. 4:5; Hb. 10:25; Tg. 5:7-8; Tg. 5:9; I Pe. 4:7; I Jo. 2:18; Ap. 1:1; Ap. 3:10; Ap. 3:11; Ap. 11:14; Ap. 17:8; Ap. 22:6; Ap. 22:7; Ap. 22:10; Ap. 22:12; Ap. 22:20 (pp. 29-31); II Tm. 3 (p.26); Tt. 2:13 (p. 189); Rm. 8:18 (p. 191).

Que o leitor pesquise essas passagens, observe o contexto de cada uma e compare as passagens paralelas. Todas elas se cumpriram no passado.

De acordo com DeMar, todas as profecias do Novo Testamento sobre a impiedade crescente se cumpriram em 70 d.C. (pp. 26; 70-71; 338 e seguintes). Todas as profecias do Novo Testamento sobre a apostasia, incluindo II Tessalonicenses 2:3, se cumpriram nos dias que culminaram em 70 d.C. (pp. 68-69; 334 e seguintes). Todas as profecias do Novo Testamento sobre o anticristo, o “filho da perdição” de II Tessalonicenses 2, e a besta de Apocalipse, foram exaustivamente cumpridas em 70 d.C. (pp. 195-218). O “filho da perdição” de II Tessalonicenses 2 era algum “sumo sacerdote” judeu qualquer, ou alguma outra pessoa que já morreu faz muito tempo (p. 344). “A Besta de Apocalipse 13 está enterrada em algum lugar do mundo hoje” (p. 218).

Mostrando a exegese envaidecida do Cristianismo Reconstrucionista, DeMar joga o jogo dos números com o número da besta em Apocalipse 13:18. Ele determina que o Espírito Santo se refere a “Nero César”, o valor numérico desse nome *em hebraico*, o qual, nós somos assegurados que é 666 (p. 217).

Todas as profecias do Novo Testamento sobre a tribulação foram cumpridas em 70 d.C. Isso foi uma conclusão predestinada quando a besta – o anticristo – foi jogada com segurança no passado. Mas DeMar dedica um capítulo inteiro para essa afirmação (pp. 99-123). O primeiro subtítulo no capítulo é, “Uma Grande Tribulação do Passado” (p. 102).

O livro inteiro de Apocalipse, com as exceções possíveis de algumas poucas e breves passagens, foi exaustivamente cumprido em 70 d.C. Todo o livro de Apocalipse é passado. Não se

trata de profecias para a igreja durante a era do Novo Testamento. Ele não descreve o grande conflito entre o reino de Cristo e o reino de Satanás até que Cristo retorne no fim do mundo. Ele não é um alerta e nem um encorajamento para nós, crentes, e nossos filhos. Ele não possui nenhuma coisa para nós hoje.

“O Livro de Apocalipse foi escrito antes de 70 d.C. O seu propósito era descrever os eventos anteriores à destruição de Jerusalém, incluindo ela mesma... As profecias descrevem eventos que se referem à igreja do primeiro século (pp. 182-183).”

Limitar o livro de Apocalipse ao passado é, por si mesmo, a aniquilação, em essência, da escatologia bíblica. Somente isso poderia autorizar a acusação, “preterismo”!

Para que se consiga a limitação de Apocalipse ao passado, o Cristianismo Reconstrucionista tem que datar Apocalipse antes do ano 70 d.C. Enquanto que a igreja cristã sempre datou corretamente Apocalipse por volta de 95 d.C., explicando o livro como uma revelação da segunda vinda de Cristo em conexão com os eventos anteriores a essa vinda, o Cristianismo Reconstrucionista agora data o livro antes de 70 d.C. Dessa maneira, ele só pode se referir exclusivamente à destruição de Jerusalém em 70 d.C.

O que resta da escatologia bíblica?

O que resta da escatologia bíblica com base no ensino explícito do Cristianismo Reconstrucionista, conforme representado por Gary DeMar?

Quase nada.

Somente uma passagem abandonada aqui e outra ali que alcançam o presente para escapar da lâmina preterista de DeMar.

O livro do Cristianismo Reconstrucionista em escatologia é excessivamente reduzido, exceto no capítulo sobre o milênio.

Grandes partes da Escritura do Novo Testamento são cortadas fora por serem inaplicáveis à igreja depois de 70 d.C. Essas são todas as passagens que avisam com urgência os santos sobre a impiedade crescente, apostasia em larga escala, o reinado do anticristo e a perseguição.

Sim, e muitas das passagens que hoje confortam o povo de Deus com a promessa da vinda de Jesus Cristo.

Preterismo!

Com consequências espirituais mortais para aqueles que são tragados por ele! Eles estarão despreparados para as tentações, os desafios, os conflitos, a perseguição e a guerra espiritual que os piedosos sempre devem padecer e que devem esperar se intensificar no futuro. Eles não viverão a expectativa da vinda de Jesus Cristo. Eles não olharão qualquer dos sinais da proximidade da Sua vinda. Certamente, eles são instruídos pelo Cristianismo Reconstrucionista a não enxergarem os sinais *quando eles se desenrolam diante dos seus próprios olhos*.

“À luz de tudo isso, o que os cristãos podem afirmar sobre a proximidade do retorno de Jesus? Perguntando de outra maneira: podemos apontar *qualquer* sinal que indique que a vinda de Jesus é iminente? A resposta é ‘não’... Não há sinais observáveis anteriores ao Seu retorno corpóreo!” (pp. 150-151).

Mas DeMar realmente mantém que haverá um retorno futuro e corpóreo de Cristo, acompanhado pela ressurreição dos mortos e pelo juízo final, ou será que não?

Ele mantém, e eu reconheci isso no Cristianismo Recontrucionista no artigo editorial de 15 de fevereiro de 1999 ao qual DeMar e Sandlin se opuseram.

Isso é tudo de escatologia bíblica que ele mantém. Mas ele mantém isso.

Entretanto, ele mantém isso de forma inconsistente. A sua própria teologia o proíbe de manter isso. Sob o princípio fundamental da sua própria interpretação da promessa do Novo Testamento sobre o retorno de Cristo, DeMar precisa *negar* uma vinda futura de Cristo e, portanto, uma ressurreição futura e um julgamento futuro. Pelo menos, ele tem que admitir que nós não podemos saber nada sobre uma vinda futura a partir da Escritura.

O princípio fundamental de DeMar e de outros cristãos reconstrucionista é que “perto”, “próxima” e “depressa” são descrições da vinda de Cristo, do mesmo modo que Filipenses 4:5; I Pedro 4:7; Apocalipse 1:1 e Apocalipse 22:12-20 demandam um

cumprimento – cumprimento *exclusivo, exaustivo* – em um retorno de Cristo durante o tempo de vida dos apóstolos. A partir de todas essas passagens, DeMar afirma: “Essas e outras passagens como elas nos dizem que um evento escatológico significativo estava para ocorrer durante o tempo de vida daqueles que ouviram e leram as profecias” (p. 31). Novamente: “Não há escapatória desses textos. ‘Em breve’, ‘perto’ e ‘próxima’ são indicadores temporais explícitos que possuem o objetivo de descrever um período de tempo no futuro próximo” (p. 288).

Se é assim, Cristo veio em 70 d.C. em uma vinda final e exclusiva. Não há razão para esperar por uma vinda futura com base nas Escrituras. Tão absurdo como pensar assim, é pensar que a ressurreição dos mortos e o juízo final tiveram de acompanhar a única e exclusiva vinda em 70 d.C. Pois a única vinda que as Escrituras do Novo Testamento conhecem são a vinda de Cristo que está “próxima”, porque Ele vem “depressa”.

Eu dou um exemplo conclusivo. Segundo DeMar, a vinda de Jesus anunciada em Filipenses 4:5 (“Perto está o Senhor”) foi a Sua vinda em 70 d.C. Mas essa é a vinda que o apóstolo proclama e esperar por todo o capítulo 3, em especial, o versículo 20: “nós aguardamos o Salvador.” E essa é a vinda que transforma os nossos corpos (versículo 21).

DeMar não possui escatologia. Ele não tem uma doutrina das “últimas coisas” que mire e culmine na segunda vinda de Cristo. Estranhamente, ele admite isso. Os “últimos dias” das Escrituras foram cumpridos em 70 d.C. (pp. 27-28; 67; 203). O “fim dos tempos” bíblico foi a época anterior à 70 d.C. (p. 57).

Preterismo!

Em princípio, preterismo *total e consistente!*

E esta é a consequência necessária da interpretação do Cristianismo Reconstrucionista de Mateus 24, na mesma linha de J. Marcellus Kik (veja *An Escathology of Victory* [Uma Escatologia de Vitória], Presbyterian and Reformed, 1971). Explicar Mateus 24, especialmente os versículos 1-34, se referindo somente à destruição de Jerusalém é cair da escatologia ortodoxa e chegar ao preterismo heterodoxo. Mateus 24 é a passagem fundamental no Novo Testamento sobre as últimas coisas. Tudo depende de um entendimento correto de Mateus 24. Para a minha refutação exegética da interpretação preterista de Mateus 24 e a minha interpretação positiva da passagem, eu recomendo a DeMar e Sandlin os artigos editoriais do *Standard Bearer* [Correio Padrão] de 1º de abril, 15 de abril, 1º de maio e 15 de maio de 1996. Será que eles não podem encontrar algum tempo em seus ocupados afazeres para ler esses artigos?

Por que o Cristianismo Reconstrucionista abraça e defende o preterismo?

Existe uma razão teológica, e existe uma razão espiritual.

A razão teológica é que a doutrina de uma “era dourada” do milênio demanda que todas as profecias da Bíblia de impiedade, apostasia, anticristo e perseguição nos últimos dias sejam desfeitas.

Sandlin está errado quando ele diz em sua cartaafiada que o “preterismo nunca foi uma característica distintiva do Cristianismo Reconstrucionista.” O preterismo é *essencial* ao Cristianismo Reconstrucionista. Livrar-se das profecias bíblicas de impiedade, apostasia, anticristo e perseguição nos últimos dias é

tão importante ao Cristianismo Reconstrucionista para favorecer o precioso “Sonho Judaico” de domínio dos santos, quanto é relevante aos pré-milenistas dispensacionalistas se livrarem da igreja no arrebatamento, a fim de que a preciosa nação judaica possa finalmente ter o seu reinado terreno.

A razão espiritual está umbilicalmente relacionada. Trata-se do fato de que os corações dos cristãos reconstrucionistas não estão focados na segunda vinda de Cristo e da ressurreição que a acompanha. Líquido e certo. Mas a vinda de Cristo não tem os seus corações. Os seus corações estão no reinado terreno do milênio em que os cristãos terão domínio. Isso fica evidente diante de todos os seus escritos. O interesse real deles não é dizer “Venha, Senhor Jesus, sim, venha depressa,” mas sim “Vamos nos ocupar agora mesmo em estabelecer o reinado terreno.”

É por isso que DeMar e Gentry puderam recomendar entusiasticamente o livro de Russell que *nega* qualquer vinda futura de Cristo, qualquer ressurreição futura do corpo e qualquer juízo final.

Será que eles não notaram isso no livro *Parousia*?

Certamente que sim, esses exegetas, pensadores e teólogos poderosos.

Mas isso não importou.

Porque, no fundo, eles não se importam. □